

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL (IACS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RODOLFO TARGINO DE ARAÚJO

**DO PÓ DO LIVRO AOS BYTES DA INFORMAÇÃO:
o discurso circulante nos canais informais profissionais na Internet**



Niterói
2015

RODOLFO TARGINO DE ARAÚJO

**DO PÓ DO LIVRO AOS BYTES DA INFORMAÇÃO:
o discurso circulante nos canais informais profissionais na Internet**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI-UFF) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a LÍDIA SILVA DE FREITAS.

Niterói
2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE

T185	<p>Targino, Rodolfo. Do pó do livro aos bytes da informação: o discurso circulante nos canais informais profissionais na Internet/ Rodolfo Targino. – 2015. 116 f.</p> <p>Orientadora: Lídia Silva de Freitas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social.</p> <p>1. Análise do Discurso – Teses. 2. Imagem Profissional – Teses. 3. Biblioteconomia – Teses. 4. Ciência da Informação – Teses. 5. Redes Sociais – Teses. I. Freitas, Lídia Silva de. II. Universidade Federal Fluminense. Departamento de Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.</p> <p>CDU 004.7::02</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

RODOLFO TARGINO DE ARAÚJO

**DO PÓ DO LIVRO AOS BYTES DA INFORMAÇÃO:
o discurso circulante nos canais informais profissionais na Internet**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI-UFF) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Linha de pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a LÍDIA SILVA DE FREITAS - Orientadora
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dr.^a MARCIA HELOISA TAVARES DE FIGUEREDO LIMA
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dr.^a TANIA CONCEIÇÃO CLEMENTE DE SOUZA
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof.^a Dr. VITOR MANUEL MARQUES DA FONSECA
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dr. ALBERTO CALIL ELIAS JUNIOR
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Niterói
2015

Àqueles que amam, ensinam e lutam...

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, em especial a minha mãe, pela força, apoio e por sempre acreditar em mim, essa conquista é fruto dos seus esforços.

Ao meu irmão Henrique Targino, em quem sempre me espelhei e obrigado por estar ao meu lado na trajetória da vida.

Ao meu mestre e tio, Paulo Targino, por ter me mostrado o caminho a seguir e pelos sábios conselhos.

A minha avó, Maria do Carmo Targino, pelo seu exemplo de coragem e luta em educar e orientar toda família.

A toda família Targino, pelas palavras de incentivo, pela força e pela união, esse sentimento nos une cada dia que se passa.

A minha namorada Gabriela Gonçalves, por estar sempre ao meu lado e me apoiar em todas as etapas e desafios.

A minha orientadora, Lídia de Freitas, pelo seu companheirismo, pelo seu exemplo, pela sua dedicação em todas as etapas de elaboração desta pesquisa. Obrigado pelas orientações precisas e pelo carinho.

A professora, Tania Clemente, pelo acolhimento, pelos sábios e valiosos conselhos e por me apresentar a Análise de Discurso de linha francesa.

Aos professores, Alberto Calil, Marcia Heloisa, Vitor Manuel, pelo apreço especial que me dedicaram e por aceitarem o convite em participar da banca.

Aos amigos que fiz durante o mestrado, Angelina Pereira, Anna Bia Castro, Cláudia Curi, Cristiane da Cunha, Dayana Lemos, Dayanne Prudencio, Elaine Passos, Fabiana Amaral, Fabiano Caruso, Laíse Rangel, Mauricio Azevedo, Nilson Theobald, Patricia Lourenço, Raquel Santos, Suzana Huguenin, Vanina Reis e Ubirajara Costa.

Aos amigos e companheiros da Revista Biblio, Emilia Sandrinelli, Hanna Gleydz e em especial a Francisco de Paula, por terem me incentivado a participar do processo de seleção do mestrado.

Aos amigos de lutas, André Tinoco, Carlos Leonardo, Jorge Mitrano, Luiz Barbosa, Marcelo Pedro, Mario Negre, Robert Segal, Thalita Cristine e Wando Tomaz. Obrigado por dividirem seus ideais e assim como eu por acreditarem na mudança.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização desta pesquisa.

Por fim, agradeço a Universidade Federal Fluminense e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação por terem me acolhido nesses dois anos de conquistas e muito aprendizado.

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou
que somos feitos de histórias.”
Eduardo Galeano.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto os discursos dos profissionais da informação circulantes nos canais informais profissionais na Internet. O objetivo geral da pesquisa é conhecer as relações de força que constituem os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na Internet. A questão que norteou a pesquisa foi: como se dão e se textualizam os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na Internet? Para responder essa questão traçamos como objetivos específicos: compreender as conjunturas históricas e os possíveis campos de disputa existente sobre a identidade do profissional da informação; compreender os fundamentos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de Linha Francesa; identificar *blogs*, *websites* e redes sociais na Internet dedicados aos objetos informacionais e seus campos profissionais; evidenciar as estratégias discursivas e redes de sentido nos discursos das representações sobre o profissional da informação no universo dos canais informais de comunicação profissional na Internet. Metodologicamente, utilizamos, diante dos objetivos delimitados: os fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de Linha Francesa; o levantamento e mapeamento de canais informais de comunicação profissional na Internet e a análise das Sequências Discursivas Autônomas selecionadas. Como base teórica, utilizamos as literaturas das áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação Social e Documentação. Encontramos como resultados, em linhas gerais, redes de sentidos, gestos interpretativos e representações imaginárias calcados na crença na imaterialidade, na “assepsia” da informação, na necessidade de “superação do passado” e das atividades tradicionais da área, na abordagem individualista de *marketing* pessoal, na ideia futurista profissional e no imaginário de cientificidade da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Análise do Discurso Francesa. Imagem Social do Profissional da Informação. Biblioteconomia. Ciência da Informação. Redes Sociais. Internet. Tecnologia da Informação.

ABSTRACT

This research was focused on the speeches of the professional informal channels of communication on the Internet. The overall goal of the research is to understand the power relations that constitute the discourses of representations of the information professional in informal channels of professional communication on the Internet. The question that guided the research was: how do the speeches of the representations about the information Professional on the informal channels of professional communication on the Internet are developed? To answer this question we set the following particular goals: understanding the historical situations and the possible existing fields of dispute about the identity of the information professional; understand the theoretical and methodological foundations of French Discourse Analysis; identify blogs, websites and social networking sites dedicated to information objects and their professional fields; highlight the discursive strategies and networks of meaning in the speeches of representations about the information professional in the informal channels's world of professional communication on the Internet. Methodologically, we used, according to the defined objectives: the theoretical and methodological foundations of French Discourse Analysis; the surveying and mapping of informal channels of professional communication on the Internet and the analysis of Sequences Discursive Autonomous. As a theoretical basis, we based ourselves on the literature of library areas, Information Science, Media and Documentation. As a result, in general, we could find networks of meaning, interpretative gestures and imaginary representations rooted in the belief in the immateriality, the "sterilization" of information, the need for "overcoming the past" and the traditional activities of the area, in the individualistic approach of the personal marketing, in the futuristic view and in the imaginary scientificity of Information Science.

Keywords: French Discourse Analysis. Social image of the Information Professional. Librarianship. Information Science. Social Networks. Internet. Information Technology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 -	Rede de <i>blogroll</i> no blog Biblioteconomia para Concursos.....	22
Quadro 1 -	Relação de temáticas desprezadas.....	25
Gráfico 1 -	Proporção de domicílios brasileiros com computador.....	52
Quadro 2 -	Canais informais dos quais selecionamos os subtemas..	56
Quadro 3 -	A ideia de passado profissional.....	61
Quadro 4 -	A ideia futurista do profissional.....	61
Quadro 5 -	Biblioteconomia, Ciência da Informação e suas contradições.....	65
Ilustração 2 -	Problemas e soluções profissionais.....	69
Ilustração 3 -	Expressões que remetem a materialidade.....	72
Ilustração 4 -	Deslizamento da materialidade para a imaterialidade.....	79

LISTA DE SIGLAS

- AD - ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA
- CI - CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
- EREBD - ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO
- EXNEBD - EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO
- EXREBD - EXECUTIVA REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO
- SDA - SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS AUTÔNOMAS
- UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
- UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
- UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	METODOLOGIA	19
2.1	ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E SUAS FILIAÇÕES TEÓRICAS.....	25
2.2	PRINCIPAIS CONCEITOS E FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	29
2.2.1	A noção de sujeito e ideologia.....	29
2.2.2	A formação discursiva.....	31
2.2.3	O interdiscurso.....	32
2.2.4	A memória discursiva.....	33
2.2.5	O esquecimento.....	34
2.2.6	O discurso.....	35
2.2.7	A identificação, a contra identificação e a desidentificação.....	36
3	MARCO TEÓRICO CONCEITUAL	39
3.1	BIBLIOTECONOMIA: ANTIGAS E NOVAS IDENTIDADES.....	39
3.2	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, BIBLIOTECONOMIA E SUAS PARTICULARIDADES.....	41
4	MARCO EMPÍRICO: INTERNET, DEBATE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA	45
4.1	INTERNET E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA.....	45
4.2	ACESSO À INTERNET E SEUS DESAFIOS.....	51
5	SELEÇÃO E ANÁLISE DOS RECORTES DISCURSIVOS	54
5.1	A LINHA DO TEMPO.....	58
5.2	CRISE IDENTITÁRIA: DA TRADIÇÃO AO <i>STATUS</i> ELEVADO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	62
5.3	(IN)VISIBILIDADE PROFISSIONAL.....	67
5.4	ATUAÇÃO PROFISSIONAL: DO <i>OBJETO LIVRO</i> AO <i>PRODUTO INFORMAÇÃO</i>	69
6	COMO A TECNOLOGIA É ACIONADA DISCURSIVAMENTE?	74
6.1	DE INSTRUMENTO TECNOLÓGICO A INSTRUMENTO IDEOLÓGICO	77

6.2	O DISCURSO TECNOLÓGICO: MUTAÇÕES E APAGAMENTOS.....	79
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICE A – Levantamento de Grupos e Fanpages do Facebook.....	91
	APÊNDICE B – Auto descrição de Grupos e Fanpages do Facebook.....	93
	APÊNDICE C – Levantamento de Blogs.....	96
	APÊNDICE D – Blogs e Auto Descrição.....	102
	APÊNDICE E – SDA (A linha do tempo).....	106
	APÊNDICE F – SDA (Crise identitária: da tradição ao status da Ciência da Informação)	109
	APÊNDICE G – SDA ((In)visibilidade profissional).....	111
	APÊNDICE H – SDA (Atuação profissional: do objeto livro ao produto informação).....	113

1 INTRODUÇÃO

A escolha de pesquisar a respeito de representação profissional, identidade, visibilidade, mercado de trabalho, profissionalização, campo prático/teórico, relações com o “campo informacional”, entre outros, é em grande parte decorrente das experiências vividas durante o curso de graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

A oportunidade de participar e apresentar trabalhos aos congressos estudantis e profissionais da área possibilitou uma visão mais ampla a respeito das particularidades dos diferentes cursos de graduação em Biblioteconomia de algumas regiões do Brasil.

Tais experiências possibilitaram observar que, mesmo em encontros acadêmicos e congressos profissionais, é possível perceber uma contradição terminológica na própria identificação destes eventos, pois tendem a abarcar em seus títulos áreas como a Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação, além da Biblioteconomia.

As experiências adquiridas durante a militância no Movimento Estudantil com a participação na gestão 2008-2009 do diretório acadêmico Mário Ferreira da Luz¹; na gestão 2008-2009 da Executiva Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação das Regiões Sudeste e Centro-Oeste (EXREBD)²; e na gestão 2009-2010 da Executiva Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação (EXNEBD)³ foram importantes para despertar o interesse a respeito das questões e abordagens que envolvem as representações sobre o profissional da informação.

A motivação principal para refletir sobre essas experiências em uma pesquisa de mestrado surgiu a partir do contato com a palestra intitulada *A (In)visibilidade Social do Profissional da Informação*, ministrada pela Prof^a Dr^a Lídia Silva de Freitas,

¹ Diretório acadêmico dos estudantes de Biblioteconomia da UNIRIO.

² Entidade máxima de representação dos estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação das regiões Sudeste e Centro-Oeste. Disponível em: www.eca.usp.br/alunos/associ/cabi/exrebd/quem.html

³ É uma entidade sem fins lucrativos, representativa do Movimento Estudantil dos Cursos de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação, em nível de graduação das instituições de ensino superior do Brasil. Disponível em: www.exnebd.com/

durante a XIII edição do Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão e Ciência da Informação das regiões Sudeste e Centro-Oeste (EREBD/SECO). Realizado entre os dias 15 a 18 de novembro de 2012, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Da mesma forma, a partir da leitura dos resultados apresentados pela referida professora em sua Tese de Doutorado - na qual analisou o discurso dominante da Ciência de Informação sobre a condição da informação na contemporaneidade – despertou-se a curiosidade de pesquisar de forma mais aprofundada questões ligadas à imagem do profissional da informação.

Visando a compreensão dos discursos dos profissionais da informação circulantes nos canais informais na Internet, a questão norteadora da pesquisa foi: como se dão e se textualizam os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na Internet?

Dessa maneira o objetivo geral delimitado para esta pesquisa é o de conhecer as relações de força que constituem os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na Internet. Para atingir esse propósito, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender as conjunturas históricas e os possíveis campos de disputa existentes sobre a identidade do profissional da informação.
- b) Compreender os fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de Linha Francesa.
- c) Identificar *blogs* e *web sites* e suas redes sociais dedicados aos objetos informacionais e seus campos profissionais.
- d) Evidenciar as estratégias discursivas e redes de sentido nos discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na Internet.

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação, aliado ao advento da Internet, especialmente os computadores e as redes eletrônicas, tornaram possível a criação novas maneiras de se comunicar. Neste contexto, a comunicação científica pôde expandir suas fronteiras, fossem elas geográficas, hierárquicas, entre outras (MUELLER, 2000).

As redes sociais na Internet passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, tornando o ciclo informacional mais dinâmico, possibilitando novas formas de interação entre os indivíduos. Além disso, as aplicações dos recursos da informática nas bibliotecas e centros de informação ocasionaram mudanças nas atividades profissionais dos bibliotecários e na maneira de buscar, armazenar, difundir e utilizar a informação. Segundo Corrêa (2012, p. 28),

as possíveis aplicações da informática no ambiente da biblioteca, as vantagens e desvantagens da informação e da comunicação eletrônicas, as mudanças sofridas na geração, no uso e no fluxo da informação, os novos suportes, as alterações e as atualizações curriculares dos cursos de biblioteconomia na tentativa de acompanhar os avanços tecnológicos e as redes sociais são temas constantes de pesquisa. As tecnologias estão, portanto, na pauta das discussões e de muitos projetos na área há vários anos e não são mais nenhuma novidade para os profissionais atuantes em diferentes unidades de informação.

Os canais de comunicação informais na Internet, dentre eles os *blogs*, redes sociais, *websites*, revistas eletrônicas não científicas, grupos e listas de discussões passaram a ser utilizados como uma forma de os profissionais se manterem atualizados a respeito de diversos assuntos. Tornaram-se espaços de trocas de experiências profissionais, também para denunciar irregularidades trabalhistas e condições de trabalho, compartilhar programações culturais ou expressar opiniões sobre questões políticas, acadêmicas, sociais, pessoais, entre outras, sem passar pelos filtros formais da ciência.

Em contraponto aos canais formais e científicos, os meios informais de comunicação possibilitaram o uso de uma linguagem mais coloquial, menos conceitual e de fácil assimilação. Através de um clique é possível ter acesso a um universo de temas e assuntos. Nesse sentido, Pinto (2005, p. 86) afirma que “nas últimas décadas, a mídia, principalmente a eletrônica, tornou-se uma das principais fontes de informação sobre quase todos os temas, desde questões de atualidade [...] até os temas de política, das ciências e das artes”.

Marteletto (2001), ao analisar redes sociais no estudo de fluxos e transferência da informação, em pesquisa desenvolvida junto a movimentos sociais do subúrbio da Leopoldina, na região central do Rio de Janeiro, apontou que,

nas redes sociais, há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. Hoje o trabalho informal em rede é uma forma de organização humana presente em nossa vida cotidiana e nos

mais diferentes níveis de estruturas das instituições modernas [...] Mesmo nascendo em uma esfera informal de relações sociais, os efeitos das redes podem ser percebidos, fora de seu espaço, nas interações com o Estado, a sociedade ou outras instituições representativas. Decisões micro são influenciadas pelo macro, tendo a rede como intermediária. (MARTELETO, 2001, p. 72).

Diante do exposto, é preciso reforçar que, para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se pela escolha de canais informais de comunicação na Internet – mais especificamente, *blogs*, *websites* e redes sociais – dedicados aos objetos informacionais e campos profissionais como objeto empírico deste estudo.

Dessa maneira, este estudo se justifica pela necessidade de conhecer as relações de força que constituem os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na Internet.

No capítulo seguinte vamos relatar os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como um panorama da análise do discurso de linha francesa, os conceitos e fundamentos dessa disciplina que serviram de apoio para a construção desta pesquisa.

No terceiro capítulo vamos apresentar o marco teórico conceitual da pesquisa, abordando as conjunturas históricas e os possíveis campos de disputa existentes a respeito da identidade do profissional da informação.

No quarto capítulo vamos explicitar o marco empírico de nosso objeto de pesquisa, cujo levantamento bibliográfico enfoca questões relacionadas à Internet como espaço de debate e participação política.

No quinto capítulo vamos apresentar os procedimentos de seleção e análise do campo empírico explorado pela pesquisa, apresentando os funcionamentos, as evidências discursivas, os gestos de interpretação e os jogos de sentidos presentes nos discursos que circulam nos canais informais voltados para o debate acerca de questões dedicadas aos profissionais da informação.

No sexto capítulo vamos discorrer sobre os usos e apropriações discursivas das mudanças tecnológicas nos discursos profissionais. Apresentando questões que envolvem as tecnologias e o campo informacional, com uma revisão de literatura referente às discussões e debates levantados a respeito dos alertas dos usos políticos e ideológicos da informatização, assim como a re-politização do debate tecnológico na sociedade.

No sétimo capítulo vamos relatar as percepções acerca das sequências discursivas analisadas, das redes de sentidos e gestos de interpretação encontrados e as considerações finais.

Por fim, vamos apresentar as referências bibliográficas que serviram de base para o desenvolvimento deste estudo. E também, incluímos os Apêndices com o levantamento, a descrição das *Fanpages* e *Blogs* que mapeamos durante o processo de construção da pesquisa e as Sequências Discursivas Autônomas (SDA) selecionadas para análise.

2 METODOLOGIA

Para atingir os objetivos delimitados para a presente pesquisa, utilizamos os procedimentos a seguir.

O método de levantamento e análise de literatura sobre a história dos campos de conhecimento e profissionais enfocados foi importante para compreender as conjunturas históricas e os possíveis campos de disputa existentes sobre a identidade do profissional da informação.

Para compreender os fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de Linha Francesa (daqui em diante também será tratada com a sigla AD), a possibilidade de ter cursado a disciplina, *Tópicos Avançados em Análise do Discurso*, ministrada pela professora Dr^a Tania Conceição Clemente de Souza, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no segundo semestre do ano de 2013 e posteriormente como ouvinte no segundo semestre de 2014, foram experiências agregadoras que contribuíram para o aprendizado das bases da AD, assim como proporcionou a oportunidade de dialogar com outras áreas, formando novos pensamentos e opiniões.

Além disso, a participação na Atividade Programada intitulada *Teoria e Análise do Discurso e o Campo Informacional*, assim como as orientações precisas da orientadora e professora, Dr^a Lídia Silva de Freitas, contribuíram de forma significativa para o aprendizado e amadurecimento inicial da pesquisa, também propiciando uma visão mais ampla a respeito dos caminhos traçados pelos conceitos envolvidos na AD. As discussões e estudos realizados com base na obra de Orlandi (2012) e Pêcheux (2010) serviram como solo fértil para ideias e o fortalecimento dos primeiros avanços da pesquisa.

Diferentemente das metodologias tradicionais, na Análise de Discurso de Linha Francesa, a constituição do *corpus* de análise é concomitante à análise, não se separando teoria e metodologia. Para melhor compreensão, Freitas (2004) explica que

a maioria das metodologias de pesquisa recorta seu *corpus* de forma apriorística com relação à análise dos *dados* que pretendem extrair de um

real indicado pelo *objeto* de pesquisa. A AD, hoje, rompe com esta “tradição” [...] Dizemos *hoje* porque historicamente, a própria trajetória teórica e metodológica da AD exemplifica as rupturas que promoveu com as noções de *dados*, *real/realidade* e *descrição/análise* (FREITAS, 2004, p. 2, grifos do autor).

Para Orlandi (2012), uma das primeiras questões a considerar, se tratando da análise, é a constituição do *corpus*. Segundo a autora,

a delimitação do *corpus* não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos [...] a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a demonstração, mas **mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos** (ORLANDI, 2012, p. 62, grifo nosso).

A montagem do nosso *corpus* de análise foi se dando a partir do momento que fomos seguindo a rede de canais informais. Dessa maneira, o mapeamento do campo empírico para o levantamento e identificação de tais canais de comunicação iniciou-se através de pesquisas exploratórias na Internet, com consulta a *blogs*, redes sociais na internet e *websites*, dedicados aos objetos informacionais e seus campos profissionais. Com o avançar do levantamento dessas mídias surgiu a necessidade de organizar e sistematizar as informações coletadas e, para isso, utilizamos os recursos do *Microsoft Office Excel* devido à praticidade dessa ferramenta para armazenar os dados coletados.

As tabelas foram estruturadas em tópicos levando em consideração informações de acordo com a tipologia dos canais informais explorados:

- I. Em relação às *fanpages* e grupos do *Facebook*, levamos em consideração os seguintes itens: nome, temática, tipo, endereço da página, quantidade de membros e a descrição do grupo, como mostram os apêndices **A** e **B**.
- II. no caso dos *blogs* e *websites*, definimos os seguintes pontos para composição da tabela, o nome, o endereço da página, o grau de

institucionalidade, a data de criação, a data da última postagem, a quantidade de seguidores e a descrição do perfil, como descrevem os apêndices **C** e **D**.

Durante essa fase exploratória navegamos nas páginas dessas ferramentas digitais visando observar o campo empírico e suas particularidades. O ambiente virtual é um meio dinâmico e com constantes trocas de informações. No caso dos *blogs* esse dinamismo é caracterizado pelo formato versátil, com páginas e conteúdos renováveis.

Segundo Araujo e Teixeira (2013, p. 951-952),

um *blog* pode ser entendido como um formato específico de atualização de página da *web*, baseado em porções de conteúdo dispostas em ordem cronológica inversa, geralmente (mas não necessariamente) criado a partir de uma ferramenta específica para essa finalidade, e que pode apresentar recursos adicionais típicos, como comentários, *blogroll*, *trackback* e *RSS*[...]. O *blogroll*, geralmente disposto à direita da página do *blog*, constitui-se de um espaço para inserir *links* que remetem a outros *blogs*. Neles são encontrados os *blogs* que o blogueiro segue ou indica, formando uma rede de *blogs* interlaçados pelos *links* que emitem ou recebem. Enquanto, que o *trackback*, por sua vez, possibilita que a postagem de um *blog* seja referenciada em outro. O *RSS* (Really Simple Syndication) é um subconjunto de "dialetos" XML, com a função de agregar conteúdo podendo ser acessado por programas/sites agregadores.

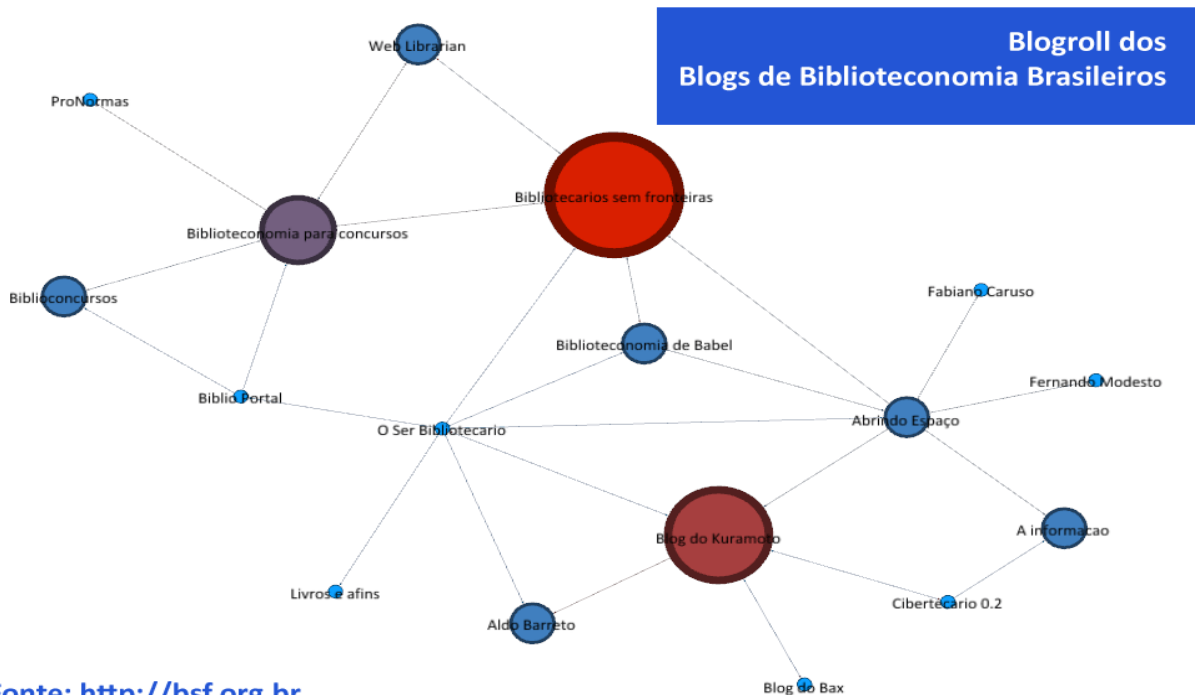
A ferramenta *blogroll* foi um recurso bastante interessante porque através dela foi possível encontrar indicações que nos remetiam a outras páginas, formando uma rede entre os *blogs* e aumentando o mapa do nosso campo empírico.

Em uma publicação no *blog* Bibliotecários Sem Fronteiras, Murakami (2010) exemplificou um esquema de como funciona o *blogroll* dos *blogs* de Biblioteconomia brasileiros através de um gráfico de *blogs* encontrados a partir do *blog* Biblioteconomia para Concursos⁴.

Na descrição da ilustração, Murakami (2010) afirma que, quanto maior for a circunferência que contém o título do *blog*, mais indicações de outros ele recebe. O *blogroll* utilizado não inclui os *blogs* internacionais. Os que aparecem, são “*linkados*” por *blogs* brasileiros e os *links* feitos por eles só são computados se forem feitos para *links* de *blogs* brasileiros.

Confira a seguir, na Ilustração 1, como são realizadas as relações entre *blogs* através do funcionamento da ferramenta *blogroll*.

⁴ Disponível em: www.biblioteconomiaparaconcursos.com

Ilustração 1 - Rede de *blogroll* no blog Biblioteconomia para Concursos

Fonte: <http://bsf.org.br>

Fonte: Murakami (2010). Disponível em: www.bsf.org.br

No mapeamento do campo empírico da pesquisa chegamos a um total de 81 *blogs*, 1 portal, 1 revista eletrônica não científica, 33 grupos e 7 *fanpages* no *Facebook*, totalizando 123 canais informais de comunicação, como descrito nos Apêndices **A** e **C**.

Do universo de 81 *blogs* coletados, 65 são de caráter pessoal e 16 de caráter institucional. Mesmo intitulados com nomes que abarcam a área de Biblioteconomia, suas descrições apresentam definições que caracterizam esses espaços com objetivos de atender questões referentes à Gestão da Informação, Tecnologia da Informação, Ciência da Informação, Profissionais da Informação, entre outros. Os anos de criação desses canais variam de 2001 a 2013.

Em relação aos grupos e *fanpages*, a maioria também é intitulada com nomes relacionados à Biblioteconomia ou então com a junção entre Biblioteconomia e Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação ou Biblioteconomia e Ciência da Informação. Ainda aparecem títulos e descrições contendo termos como gestão e gestores da informação. A temática principal destes grupos é voltada para, além de questões profissionais, assuntos relacionadas a humor, esportes e estudantes de graduação.

É conhecido que esse universo é muito dinâmico: diariamente são criados novos *blogs*, *fanpages*, entre outros. Zago (2008, p. 2), ao analisar os aspectos históricos, formatos e características dos *blogs*, afirmou que “atualmente, mais de dez anos depois em que o termo *blog* foi cunhado, existem 112,8 milhões de blogs indexados pelo Technorati⁵, sendo que 120 mil novos blogs surgem a cada dia”. Por isso, necessitamos fixar limites para nosso universo.

Como o campo empírico da pesquisa são os canais informais de comunicação na Internet, tais como os *blogs*, redes sociais na internet, grupos e *fanpages* do *Facebook*, e tendo em vista a efemeridade desses instrumentos, ou seja, ao mesmo tempo em que um *blog* ou uma *fanpage* deixa de existir, outras são criadas, não sendo possível afirmar que o mapeamento do campo empírico abarcará as mídias eletrônicas em sua totalidade.

O recorte temporal para o mapeamento do campo empírico teve início no final do mês de março de 2013, mais precisamente no dia 25. Nesse período procuramos mapear e identificar de forma exaustiva os canais informais de comunicação sobre o tema em foco no universo digital, assim como as temáticas que interessam à presente pesquisa.

Mesmo se tratando de buscas exaustivas, qualquer período delimitado para o levantamento do campo empírico não será capaz de dar conta desse dinamismo do meio virtual. Assim, decidimos fechar o mapeamento do campo empírico, ainda que de forma provisória, no dia 08 de novembro de 2013. Essa decisão, entretanto, não exclui a inclusão de canais que sejam apontados durante o processo analítico.

Depois de definir o campo empírico a ser explorado na pesquisa, foi necessário identificar e analisar os discursos circulantes na internet sobre o tema em foco, buscando evidenciar as estratégias discursivas, os gestos de interpretação e as redes de sentido nos discursos das representações sobre o profissional da informação.

Orlandi (2012), ao se referir ao trabalho de análise desde a configuração do *corpus*, ressalta que,

inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir

⁵ Motor de busca de internet especializado na busca por blogs. Disponível em www.technorati.com

constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho. Começamos por observar o modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos do texto submetido à análise. A partir desse momento estamos em condição de desenvolver a análise, a partir dos vestígios que aí vamos encontrando, podendo ir mais longe, na procura do que chamamos processo discursivo (ORLANDI, 2012, p. 66-67).

Inicialmente o foco da pesquisa estava voltado para compreender de que maneira se davam as relações políticas, acadêmicas, profissionais e institucionais entre as áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação no âmbito dos canais informais de comunicação. A partir do momento que começamos a perseguir as publicações nos canais informais que foram listados em nosso levantamento, percebemos que as temáticas dessas publicações remetem a questões entre os possíveis campos de disputas entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, a regulamentação profissional, a imagem social do bibliotecário, ao mercado de trabalho, ao profissional da informação, entre outros.

A partir dessa configuração, o leque de pesquisa se abriu a perspectivas que estão, de certa forma, relacionadas às representações sobre o profissional da informação. Diante disso, na medida em que avançamos na perseguição aos textos e *posts* publicados nos canais informais de comunicação, nosso interesse de pesquisa foi se afunilando e direcionamos nosso objetivo geral para conhecer as relações de força que constituem os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais profissionais.

Nesse momento, o *corpus* de análise vai sendo construído a partir dos fragmentos textuais e de sequências discursivas selecionadas. Jacqueline Léon e Michel Pêcheux (2011), ao discutirem questões relacionadas a noções de metodologia e tratamento textual aplicado à análise do discurso, apontam três questões cruciais: a noção de leitura, a estrutura dos dados e o estatuto de enunciado. Nessa perspectiva, Léon e Pêcheux (2011) indicam que,

um *corpus* é um sistema diversificado, estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informações ou uma justaposição de homogeneidades contrastadas. Em suma, um *corpus* de arquivo textual não é um banco de dados (LÉON; PÊCHEUX, 2011, p. 165).

Durante a seleção dos textos nos canais informais também nos deparamos com temáticas que foram desprezadas pelo fato de não atenderem aos objetivos da

presente pesquisa. Confira no quadro abaixo algumas temáticas que não foram perseguidas:

Quadro 1: Relação de temáticas desprezadas

Datas comemorativas; divulgação de concursos; divulgação de cursos; divulgação de eventos comemorativos; divulgação de palestras; divulgação de preparatórios para concursos; importação de metadados; indicação de livros; instalação de programas; ofertas de estágios; oportunidades de empregos; sugestões de leituras.

Mais a frente, no capítulo cinco, iremos retomar os procedimentos metodológicos utilizados para a seleção e análise das sequências discursivas. A seguir vamos explicitar questões referentes às filiações teóricas da análise do discurso de linha francesa.

2.1 ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E SUAS FILIAÇÕES TEÓRICAS

Nestas subseções não pretendemos apresentar uma trajetória histórica da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Em respeito e admiração a essa disciplina não podemos cometer o erro de “datar” o conteúdo intelectual produzido por essa área. Pretendemos sim, com base em uma bibliografia elucidativa e coerente, apresentar as filiações teóricas, o pensamento de seu principal teórico, Michel Pêcheux e os principais conceitos e fundamentos da AD que serviram de base para a construção da presente pesquisa.

Eni Orlandi ([2011?]), ao refletir acerca das diferentes tradições da análise de discurso, apresenta uma crítica aos que consideram que existam escolas de AD. Para Orlandi ([2011?], p. 1), “ao falar em “Escola” de análise de discurso francesa, americana, etc, se está atribuindo poder de palavra e de saber desigualmente distribuídos”. Na visão da autora, a utilização do termo “Escola” resulta em uma posição de privilégio para alguns lugares, enquanto nos demais seria lembrado apenas da “recepção e da influência”.

Nesse sentido, cabe destacar que a história do pensamento científico não deve ser retratada como uma história única e linear, muito menos sustentada

apenas pelo tempo – “datada” –. Assim como a ciência da língua, a análise de discurso não está separada do território em que é produzida, conforme demonstra a proposta de Orlandi ([2011?]) em que,

se articule sistematicamente a história do conhecimento metalinguístico com a história da constituição da própria língua, ligando-se a língua à sua exterioridade, a seus territórios, às populações, às nações e Estados com suas políticas. A ciência da língua que assim se considera não está apartada do território em que se produz. Tampouco a análise de discurso (ORLANDI, [2011?], p. 1).

A referida autora também destaca que a própria utilização da expressão “Escola” remete para a ideia de um conhecimento datado, ou seja, aquele que acaba sendo esquecido, deixado de lado, abandonado pelo caminho e morto na história. Remonta a ideia de um saber cristalizado sem levar em consideração a heterogeneidade e as diferentes possibilidades de aprendizado.

Denise Maldidier (2010), ao reunir elementos para uma história da análise do discurso na França situa o início dessa disciplina a partir de uma dupla fundação marcada pelas concepções de Jean Dubois e Michel Pêcheux. Segundo Maldidier (2010),

do lado de J. Dubois, a instituição da AD é pensada de dentro de um *continuum*: a passagem do estudo das palavras (lexicologia) ao estudo do enunciado (análise do discurso) é “natural”, é uma extensão, um progresso permitido pela linguística. A AD, em suma, não terá sido senão um lance de seu caminho científico. Do lado de M. Pêcheux, ao contrário, a análise do discurso é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas (especialmente a psicologia). O objeto do discurso, que reformula a fala saussuriana na sua relação com a língua, implica, de acordo com a fórmula althusseriana, uma mudança de terreno (MALDIDIER, 2010, p. 13).

Desse modo, a análise do discurso de linha francesa tem suas filiações teóricas fundamentadas na tríade formada pela Linguística, pelo Marxismo e pela Psicanálise Lacaniana. Segundo Orlandi (2012, p. 20),

[...] a análise do discurso é herdeira de três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a

ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Engajado com o pensamento de teóricos como Althusser, Canguilhem, Freud, Marx e Saussure, as pesquisas de Michel Pêcheux (1938-1983) a respeito do discurso figuram como obras de grande referência para a área. O filósofo francês procurou observar e analisar em seus estudos o discurso a partir da relação entre a língua, o sujeito, a história e também levou em consideração a relação língua e ideologia (ORLANDI, [2011?]). Para Pêcheux não existe língua e sujeito sem ideologia, “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2012, p. 17).

Segundo Orlandi ([2011?], p. 1),

podemos reconhecer nos estudos e pesquisas sobre o discurso uma filiação específica que teve como um de seus fundadores Michel Pêcheux e que se desenvolveu mantendo consistentemente certos princípios sobre a relação língua/sujeito/história ou, mais propriamente, sobre a relação língua/ideologia, tendo o discurso como lugar de observação dessa relação.

No que diz respeito aos estudos sobre o discurso, Eni Orlandi (2012), lendo Michel Pêcheux, afirma que se procura compreender a língua não apenas como uma estrutura, mas também como acontecimento. Dito de outra maneira, “a língua não é apenas um código, ela é fato social, estrutura não fechada em si mesma e sujeita a falhas” (ORLANDI, [2011?], p. 2).

Segundo Orlandi (2012, p. 19),

reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história.

Diante disso, Eni Orlandi (2012) aponta o que vem a ser para a análise do discurso: a língua, a história e o sujeito. De acordo com a pesquisadora,

a). a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);

b). a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);

c). o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundava em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2012, p. 19-20).

Denise Maldidier (2003) ao rememorar a história, o percurso e a obra de Michel Pêcheux no livro “A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje”, procurou retratar acontecimentos, encontros, leituras, o que denominou como “uma aventura a várias vozes”, retomando uma expressão oral utilizada por Jacques Revel em referência a análise de discurso. Ao se referir ao projeto de Pêcheux, Maldidier (2003) destaca que,

o projeto de Michel Pêcheux nasceu na conjuntura dos anos de 1960, sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Ele, progressivamente, o amadureceu, explicitou, retificou. Seu percurso encontra em cheio a virada da conjuntura teórica que se avoluma na França a partir de 1975. Crítica da teoria e das coerências globalizantes, desestabilização das positividades, de um lado. Retorno do sujeito, derivas na direção do vivido e do indivíduo, de outro. Deslizamento da política para o espetáculo! Era a grande quebra. Deixávamos o tempo da “luta de classes na teoria” para entrar no do “debate”. Neste novo contexto, Michel Pêcheux tentou, até o limite do possível, re-pensar tudo o que o *discurso*, enquanto conceito ligado a um dispositivo, designava para ele (MALDIDIER, 2003, p. 16, grifos da autora).

O relato de Maldidier (2003) a respeito de Pêcheux demonstra a importância das pesquisas e estudos desenvolvidos pelo filósofo francês. De acordo com a autora,

Michel Pêcheux foi um “obreiro”, como dizemos na montanha, um semeador de ideias, de projetos, de programas. Ele trabalhou impossíveis “máquinas de ler” que iam abrir novas leituras. Ele, infatigavelmente, leu e re-leu, fez ler, falou de suas leituras (MALDIDIER, 2003, p. 98).

Mesmo pouco utilizada pelas áreas de informação (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia), a obra de Michel Pêcheux apresenta grandes reflexões a respeito de questões que de certa maneira fazem parte dos objetos de pesquisa dessas disciplinas. As preocupações levantadas por Pêcheux no texto, “Ler o Arquivo hoje”, no estudo a respeito da divisão social do trabalho de leitura, da construção do arquivo como dispositivo que permite uma interpretação e não outra, dos bancos de dados e tratamentos de textos, entre outros, são de suma importância para os profissionais da informação repensarem conceitos e teorias que estão inseridas no cotidiano de suas práticas profissionais.

Na subseção seguinte, vamos apresentar os principais conceitos e fundamentos que norteiam a análise do discurso de linha francesa.

2.2 PRINCIPAIS CONCEITOS E FUNDAMENTOS DA AD

A análise de discurso de linha francesa é uma disciplina híbrida que não possui especificamente um método e sim princípios e teorias, tendo “o discurso como seu objeto próprio” (ORLANDI, 1998, p. 11).

Vamos abordar nos subtópicos seguintes alguns dos principais conceitos que norteiam a AD, dentre eles estão a noção de sujeito e de ideologia, a formação discursiva, o interdiscurso, a memória discursiva, o esquecimento e o discurso. Além desses conceitos também vamos apresentar os três movimentos da interpelação-identificação desenvolvidos por Pêcheux (1995), são eles: a identificação, a desidentificação e a contra-identificação

2.2.1 A noção de sujeito e de ideologia

A análise de discurso não trabalha com a noção de sujeito cartesiano. Para a AD o sujeito é construído ideologicamente, sendo afetado pela língua e interpelado pela ideologia e como dito anteriormente, não existe língua e sujeito sem ideologia. Segundo Orlandi (2012),

Não é vigente, na Análise de Discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde a sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2012, p. 48-49).

Dito de outro modo, o sujeito não é dono do seu dizer, ele não é “completo”, seu dizer é parte de um já-dito, ou seja, o sujeito não tem um acesso total ao que diz. Para Orlandi (1998),

O sujeito é estruturalmente dividido desde a sua constituição e só tem acesso a parte do que diz. A falha o constitui, assim como a falha constitui a língua. Espaço da interpretação, instância da ideologia. O sujeito é pensado discursivamente como posição entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um lugar que ocupa para ser sujeito do que diz [...] o modo pelo qual ele se constitui sujeito não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade que o constitui (ORLANDI, 1998, p. 2).

No que diz respeito à noção de ideologia, para a AD ela não é ocultação, apenas cria no sujeito a ilusão de achar que é o centro do sentido. Quem oculta e mascara os sentidos é a materialidade linguística e não a ideologia em si. Segundo Souza (2014, p. 2),

É a ideologia que permite o efeito imaginário de o sujeito se supor o centro do sentido. É a ideologia que mascara, pela transparência da linguagem, aquilo que “chamaremos caráter material do sentido das palavras e do enunciado”. (Pêcheux) Não existe sujeito sem ideologia, com isso o sujeito perde a sua centralidade e passa a integrar o funcionamento do discurso.

Eni Orlandi (2012) em seu livro, “Análise de discurso: princípios & procedimentos”, destaca que “um dos pontos fortes da AD é re-significar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 45). A autora aponta que o fato de não existir sentido sem interpretação é uma maneira de confirmar a existência da ideologia. Diante disso, o indivíduo é sempre forçado a interpretar, a colocar-se diante dos questionamentos: “o que isto quer dizer?”; “como isso significa?”. Para a AD a linguagem não é transparente, “ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa?” (ORLANDI, 2012, p. 17).

Portanto para a análise do discurso a ideologia é definida conforme nos apresenta Orlandi (2012),

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de

funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras “colem” com as coisas. Por outro lado, [...] é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido-lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão da transparência da linguagem. No entanto nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente (ORLANDI, 2012, p. 48).

2.2.2 A formação discursiva

A noção de formação discursiva para a análise do discurso de linha francesa leva em consideração o lugar ideológico que cada sujeito ocupa. Influenciado pelo pensamento de Louis Althusser, “que fez brotar a fagulha teórica e que fez nascer os projetos de longo curso” em Michel Pêcheux (MALDIDIER, 2003, p.18). Pêcheux (1995) apresenta a definição do conceito de formação discursiva da seguinte maneira,

Chamaremos, então, *formação discursiva*, aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina *o que pode e deve ser dito* (articulando sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifos do autor).

Foucault (2005) também trabalha o conceito de formação discursiva em seu livro, “Arqueologia do saber”. A abordagem foucaultiana a respeito do conceito de formação discursiva não leva em consideração a noção de ideologia em Pêcheux. Michel Foucault procurou abordar em seus estudos a questão da dispersão de enunciados no tempo e no espaço. Dessa forma, a respeito do conceito de formação discursiva Foucault (2005, p. 43, grifo do autor) afirma que,

No caso em que puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*

Souza (2014), ao apontar a crítica de Pêcheux ao conceito proposto por Michel Foucault afirma que,

as formações discursivas não são blocos homogêneos, são contradições, heterogêneas a elas mesmas e suas fronteiras se re-configuram constantemente. Isso leva à noção de metáfora, entendida como transferências (SOUZA, 2014, p. 1).

Retornando para a noção de formação discursiva oriunda da análise do discurso francesa, Orlandi (2012) aponta que é a partir dela que se pode entender as condições de produção de sentidos, a relação com a ideologia, assim como possibilita ao analista de discurso procurar as marcas históricas no processo de funcionamento do discurso. Nesse sentido, a autora expõe a necessidade de compreensão de dois pontos, são eles,

A. O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos de formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos são sempre determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.

B. É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. Por exemplo, a palavra “terra” não significa o mesmo para um índio, para um agricultor sem terra e para um grande proprietário rural. Ela significa diferente se a escrevermos com letra maiúscula Terra ou com minúscula terra etc. Todos esses usos se dão em condições de produção diferentes e podem ser referidos a diferentes formações discursivas. E isso define em grande parte o trabalho do analista: observando as condições de produção e verificando o funcionamento da memória, ele deve remeter o dizer a uma formação discursiva (e não outra) para compreender o sentido do que ali está dito (ORLANDI, 2012, p.43-45).

2.2.3 O interdiscurso

Para a análise do discurso francesa o interdiscurso é a memória discursiva que atravessa o dizer, ou seja, “um já-discursivo que possibilita a significância, a errância dos sentidos” (SOUZA, 2014, p. 3).

Jean-Jacques Courtine (1999) em seu texto intitulado, “O chapéu de Clementis”, aponta que,

Pensar o assujeitamento do sujeito falante na ordem do discurso é necessariamente dissociar e articular dois níveis de descrição: 1) *o nível da enunciação* por um sujeito enunciador em uma situação de enunciação dada (o “eu”, o “aqui” e o “agora” dos discursos); 2) *o nível do enunciado*, no qual se verá, num espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos, que eu chamaria *interdiscurso*; séries de reformulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas em formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformado-se...) (COURTINE, 1999, p. 18, grifos do autor).

Orlandi (2012), com base no pensamento de J. J. Courtine, destaca a relação existente entre o interdiscurso (eixo vertical) e o intradiscurso (eixo horizontal). De acordo com a autora,

[...] há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (ORLANDI, 2012, p. 32-33).

2.2.4 A memória discursiva

A memória discursiva para a análise do discurso de linha francesa funciona pelo esquecimento, ela se constitui a partir do já-dito, ou seja, retoma o que já foi dito antes e em outro lugar, como uma forma de convocar os sentidos. Desse modo, na AD a memória discursiva é tratada como interdiscurso. Souza (2014) ao se referir ao conceito de memória discursiva ressalta que,

a memória discursiva se constitui como discursos sobre o acontecimento. Memória não é esfera plena, cujas bordas sejam transcendentais históricos e cujo construído seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório (SOUZA, 2014, p. 3).

Orlandi (2012) ao discutir a memória a partir da relação com o discurso destaca que,

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra (ORLANDI, 2012, p. 31).

2.2.5 O esquecimento

A análise de discurso francesa considera que existem dois tipos de esquecimentos inerentes ao discurso. Pêcheux (1995) procurou se apoiar na oposição entre “sistema pré-consciente-consciente” e o “sistema inconsciente” para definir as duas formas de esquecimentos na AD. De acordo com o autor,

concordamos em chamar *esquecimento nº 2* ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada*. Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o *esquecimento nº 1*, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o *esquecimento nº 1* remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão (PÊCHEUX, 1995, p. 173, grifos do autor).

Dito de outra maneira, o esquecimento número 2 é o parcial, ou seja, o da ilusão referencial, o já-dito, dito de várias maneiras diferentes. Por outro lado, o esquecimento número 1 é o total, o da ordem ideológica e do inconsciente. Orlandi (2012) ao se aprofundar a respeito dessas questões afirma que,

O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, forma-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. Ao falarmos “sem medo”, por exemplo, podíamos dizer “com coragem”, ou “livremente” etc. Isto significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso. Este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento,

a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. Ela estabelece uma relação “natural” entre palavra e coisa. Mas este é um esquecimento parcial, semi-consciente e muitas vezes voltamos sobre ele, recorremos a esta margem de famílias parafrásticas, para melhor especificar o que dizemos. É o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. O outro esquecimento é o esquecimento número um também chamado de esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade (ORLANDI, 2012, p. 35, grifos da autora).

2.2.6 O discurso

A noção de discurso para a AD francesa não é entendida como um texto ou uma frase e sim como “efeitos de sentidos entre interlocutores” (ORLANDI, 2012, p. 21). Nesse sentido, na concepção da análise do discurso de linha francesa, todo texto é interpretação e a interpretação é constitutiva do discurso.

Orlandi (2012) destaca que não se pode confundir a noção de discurso com fala, texto ou uma frase longa. Segundo a pesquisadora,

[...] não se deve confundir discurso com “fala” na continuidade da dicotomia (língua/fala) proposta por F. de Saussure. O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma ocorrência casual, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto (ORLANDI, 2012, p. 21-22).

Orlandi (1998) ressalta que a compreensão do discurso não é apenas uma atividade operatória de cálculo, mas sim a de explicitar o seu funcionamento. A autora destaca que o analista de discurso deve trabalhar explicitando os efeitos de sentidos que são a definição daquilo que é discurso. Ao apresentar uma definição a respeito da noção de discurso para a AD a autora afirma que,

O discurso não é redutível a uma frase longa, nem ao texto enquanto organização linguística. É materialidade simbólica. A historicidade, para nós, é justamente o acontecimento do texto enquanto discurso, o trabalho dos sentidos nele. Nessa perspectiva, a exterioridade não tem a objetividade empírica do “fora” da linguagem. Se observarmos a situação imediata, a circunstância da enunciação, indo mais além, consideramos aí a espessura material das condições de produção em que entra a memória já delimitando o que da situação imediata faz sentido [...] o discurso é o objeto que nos permite observar as relações entre a ideologia e a língua, lugar em que se podem analisar os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos desta na língua. O que deve nos permitir compreender como um material simbólico produz sentidos e como o sujeito se constitui (ORLANDI, 1998, p. 3).

2.2.7 A identificação, a contra identificação e a desidentificação

Michel Pêcheux (1995) aponta que o processo de interpelação-identificação do indivíduo em sujeito apaga uma identidade oculta. Desse modo, o filósofo francês apresenta três modalidades discursivas do funcionamento subjetivo: a Identificação, a Contra identificação e a Desidentificação.

A tese defendida por Pêcheux (1995) é a de que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995, p. 261). Dito de outro modo, o funcionamento da primeira modalidade, a identificação, acontece quando o sujeito está em total acordo com a formação discursiva que tem de si mesmo, ou seja, ele se identifica e se liga de maneira completa com uma posição ideológica.

Segundo Pêcheux (1995, p. 214-261),

os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes [...] identificação na qual o sentido é produzido como evidência pelo sujeito e, simultaneamente, o sujeito é produzido como causa de si.

Durante a etapa de seleção e análise do nosso *corpus* da pesquisa, identificamos o funcionamento do movimento de identificação, especialmente pelo viés profissional, nos discursos analisados. Na análise dos recortes discursivos, mais a frente, vamos retomar essa discussão a respeito do processo de identificação de forma mais aprofundada, explicitando os funcionamentos e as projeções ideológicas

com as quais o profissional da área de Biblioteconomia vem se identificando no contexto atual.

A segunda modalidade discursiva apontada por Pêcheux (1995) é a Contra identificação. É o movimento que o sujeito realiza quando nega ou recusa uma formação discursiva, ou seja, essa modalidade é regida pela denegação, rejeição e reversão da posição ideológica a qual o sujeito pertence.

Na visão de Pêcheux (1995) a Contra identificação pode ser definida como

uma resistência ideológica espontânea é uma reversão e uma rejeição, ou seja, os processos discursivos ligados a essa resistência se inscrevem no que chamamos “segunda modalidade” (na qual o sujeito-enunciador se volta contra o Sujeito universal da Ideologia, contra-identificando-se a ele) (PÊCHEUX, 1995, p. 224).

A terceira modalidade destacada por Pêcheux (1995) é a da Desidentificação. O funcionamento desta modalidade é realizado quando o sujeito tem o reconhecimento da formação discursiva na qual está inserido e posteriormente apaga ou se projeta para fora da posição ideológica da qual faz parte.

Segundo Pêcheux (1995) o funcionamento desta terceira modalidade se constitui como

um trabalho (transformação-deslocamento) da forma sujeito e não na sua pura e simples anulação. Em outros termos, esse efeito de desidentificação se realiza paradoxalmente por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com organizações políticas “de tipo novo”. A ideologia “eterna” enquanto categoria, isto é, enquanto processo de interpretação dos indivíduos em sujeitos – não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesmo, através do “dessaranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo) (PÊCHEUX, 1995, p. 217-218).

Dito de outra maneira é um deslocamento do sujeito para outra formação discursiva, ou seja, em um primeiro momento ele se reconhece e depois por algum motivo ou circunstância tem o apagamento em que o sujeito quer se livrar de sua projeção ideológica inicial para ser representado em outra. “Processo no qual a interpelação ideológica continua a funcionar, mas, contra a si mesma” (PÊCHEUX, 1995, p. 270).

Pêcheux (1995) ainda chama a atenção para a necessidade de se reconhecer que o efeito de desidentificação pode acontecer de maneira diferente. Segundo o autor

o funcionamento dos elementos lógico-linguísticos de um enunciado depende das formações discursivas no interior das quais cada um desses elementos pode tomar um “sentido”, de modo que, em última instância, será a configuração das formações discursivas no interior das quais se inscreve uma subjetividade dada que determinará o “sentido” que esse enunciado tomará com o caráter necessário ou contingente, disjunto ou integrado [...] mas isso significa reconhecer ao mesmo tempo que o efeito de desidentificação inerente à apropriação subjetiva dos conhecimentos se realiza de maneira diferente (e pode, no limite, não se realizar totalmente em função da natureza das formações discursivas que servem de “matéria prima” a esse efeito) (PÊCHEUX, 1995, p. 222-223).

Adiante iremos retomar essas modalidades discursivas, através de exemplos que evidenciam o movimento de identificação, contra-identificação e desidentificação nos discursos selecionados e analisados dentro dos subtemas.

A seguir iremos apresentar o marco teórico-conceitual que norteia a pesquisa, assim como algumas reflexões a respeito das relações profissionais entre as áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

3 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL

Neste capítulo, buscamos compreender as conjunturas históricas e os possíveis campos de força existentes a respeito da identidade do profissional da informação, apontando as relações da Biblioteconomia com a Ciência da Informação e algumas reflexões a respeito dos processos de profissionalização destas áreas.

3.1 BIBLIOTECONOMIA: ANTIGAS E NOVAS IDENTIDADES

O desenvolvimento da Biblioteconomia foi marcado por duas orientações principais: inicialmente a profissão tinha um caráter erudito, em que o bibliotecário era conhecido como uma figura culta e era considerado um bibliófilo. A imagem profissional do bibliotecário era ligada a ideia de um guardião do saber, detentor do conhecimento e de um humanista que deveria zelar pelos segredos mantidos na biblioteca, características que foram herdadas da atuação profissional nos mosteiros europeus durante a Idade Média.

A figura do bibliotecário a partir desse período se consolidou, de certa forma, como um profissional protetor do acervo e que tem suas atividades profissionais centradas na questão de lidar com os livros. De acordo com Silveira (2008),

a figura do bibliotecário se edificou na história como o agente que protege os livros da usura do tempo, das intempéries da natureza e da loucura dos homens. De Alexandria ao início do século XX, a atividade dos bibliotecários se caracterizou pelo silêncio, pela solidão, pelas arduas práticas de organização do conhecimento, pelo amor ao livro e à leitura e pelo imenso respeito à memória dos homens e seus símbolos culturais (SILVEIRA, 2008, p.87).

A partir do início do século XIX, aliado às transformações ocasionadas na Europa pelo pensamento iluminista, o surgimento dos ideais democráticos e a criação das primeiras bibliotecas públicas, trouxe consigo uma segunda orientação a Biblioteconomia: a preocupação com o cidadão comum, com a cultura para o povo e com a educação das massas (SHERA, 1980).

Segundo Shera e Egan (1961, p. 18)

As bibliotecas começaram como simples armazéns de livros e manuscritos, mas com a introdução da imprensa e o tremendo aumento na acumulação de material gráfico disso resultante, tornou-se logo evidente que a simples aquisição de livros era insuficiente, e que a organização desse material acumulado tornava-se essencial, mesmo imperativa, para que as coleções pudessem ter qualquer objetivo social. Dessa forma, a classificação rudimentar, ou mais exatamente, uma disposição dos livros por assunto, foi posta em prática, seguida pouco depois pela compilação da bibliografia especializada

Até o fim do século XIX, tanto a Biblioteconomia como a Documentação eram compreendidas como sendo a mesma coisa e com atividades inseparáveis: “em resumo, podia se dizer que no início a Documentação, a Biblioteconomia e a custódia de arquivos eram a única e mesma coisa” (SHERA; EGAN, 1961, p. 24-25).

Essa relação de unidade começa a se desfazer com a formação de duas correntes com objetivos distintos: a Documentação, de cunho europeu, oficializada a partir da criação do Repertório Bibliográfico Universal pelos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, e, por outro lado, a Biblioteconomia, particularmente a dos Estados Unidos, que se dedicava ao projeto de biblioteca pública e universalização do acesso. “Desse modo, começou na Biblioteconomia, um cisma que ainda não terminou” (SHERA, 1980, p. 91).

Nessa fragmentação, algumas polêmicas foram levantadas, que ainda refletem em discussões atuais quando envolvem questões de terminologia e campos de atuação, com interpretações diferentes sobre a ruptura destas áreas. Na concepção de Ortega (2004), o que contribuiu para a separação da Biblioteconomia e da Documentação foram os interesses particulares que dividiram as atividades em grupos separados, a ponto de eles adotarem atitudes de intolerância entre si.

Na visão de Freitas (2003, [p. 6]), essa cisão era uma luta política que “se travava entre a visão culturalista-humanista e a visão tecnológico-econômico-gerencial no trabalho com a informação registrada”.

O início da década de 1950, com as transformações em relação à noção de informação, a inovação da imprensa, a criação das tecnologias de informação e comunicação, o surgimento da Ciência da Informação, entre outras questões, a Biblioteconomia foi convocada a adotar novos objetos e campos disciplinares.

A imagem de profissional culto, erudito, humanista e que lida com os livros é colocada de lado, abrindo espaço para um perfil de profissional que extrapola o espaço físico de uma biblioteca e que deve aderir às tecnologias da informação à sua atividade cotidiana. O mercado passa a exigir novas habilidades do bibliotecário,

dessa forma, o perfil tradicional vai dando lugar para o moderno profissional da informação centrado na gestão da informação em diferentes suportes, dos fluxos informacionais, entre outros.

3.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, BIBLIOTECONOMIA E SUAS PARTICULARIDADES

A Ciência da Informação, por ser uma área relativamente nova (final dos anos 50), e com objeto de estudo controverso, a informação, ainda provoca muitas discussões e incertezas a cerca de sua identidade. Existem diferentes abordagens e concepções a respeito das condições históricas da sedimentação da Ciência da Informação.

Na visão de Ortega (2004, p.1),

a abordagem sobre Ciência da Informação [...] se justifica pela percepção do seu a-historicismo (supostamente devido a uma origem remota não reconhecida) e pelas constantes dissidências de grupos profissionais e campos de estudos que levam à fragmentação em diversas vertentes, simultaneamente a uma convivência conjunta ainda não devidamente questionada, e a uma recorrente dificuldade de elaboração de seus fundamentos comuns. Estes fatores decorrem em uma atual e urgente necessidade de construção de identidades para a área e para os profissionais envolvidos nesta trajetória.

Ao elaborar uma arqueologia foucaultiana da Ciência da Informação, Freitas (2003) ressalta que as condições de formação da CI, não parecem ser pensadas pela própria área, segundo a autora,

há na sua historiografia – elaborada por seus próprios teóricos – um grande apagamento do industrialismo e/ou capitalismo como sua condição histórica, compensado por uma larga naturalização, tanto de si quanto de seu objeto. Observamos como quase invariavelmente os historiadores da CI, ao falarem das condições para seu aparecimento e crescimento, terminam por listar, não fatores histórico-sociais de fundo, mas outros de seus 'co-efeitos'. (FREITAS, 2003, [p.4]).

Burke (2007) aponta que ainda existem muitas questões a serem respondidas em relação às lacunas históricas e os eventuais desequilíbrios para que a história da Ciência da Informação possa ser considerada como a de uma disciplina madura e independente.

Robredo (2003) não tem o intuito de polemizar sobre o assunto, mas argumenta que a Biblioteconomia, Documentação, a Arquivologia e até mesmo a Museologia são áreas diferentes, com particularidades e “procuram a definição do seu espaço no âmbito da Ciência da Informação” (ROBREDO, 2003, p. 54).

Com o surgimento da Ciência da Informação no pós Segunda Grande Guerra, algumas atribuições foram destinadas a essa disciplina, dentre elas a ciência que trata os comportamentos da informação, questões referentes a recuperação e fluxo da informação, entre outras.

Os anos 50 foram caracterizados pelo desenvolvimento científico em certa medida oriundo dos investimentos realizados nas áreas de ciência e tecnologia e em decorrência dos estudos e pesquisas produzidas durante e após a Segunda Guerra. Robredo (2003) ao argumentar a respeito de questões referentes ao denominado fenômeno da explosão da informação aponta que,

O que a literatura não registra com a clareza que caberia esperar de um fato histórico que parece inegável, é que a “explosão da informação” acontece e decorre a partir do desmantelamento pelas potências aliadas, dos arquivos técnicos da indústria alemã, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Com efeito, no anseio de conhecer a fundo o real nível dos conhecimentos científicos e tecnológicos da Alemanha, iniciou-se uma verdadeira maratona de análise do conteúdo de toda a documentação encontrada. Mobilizaram-se importantes efetivos de especialistas em ciência e tecnologia, e de documentalistas, relatórios de pesquisa e documentos diversos, encaminhando os resultados aos respectivos governos. Como resultado, ficou patente o interesse de promover e divulgar as publicações de índices e resumos, que conheceram uma notável expansão nos anos seguintes (ROBREDO, 2003, p. 50).

Freitas (2003) ao refletir sobre as bases epistemológicas da Ciência da Informação afirma que as efemérides em CI e seu contexto histórico imediato, na maioria das vezes, são apresentados de forma naturalizada. Segundo a autora,

[...] a retomada, ainda que em nível diferenciado, de alguns sentidos da querela Biblioteconomia/Documentação, agora são transpostos para debaixo do grande guarda-chuva disciplinar em que vem se transformando a CI. Antes, lutas de fissão, hoje, lutas de fusão (FREITAS, 2003, [p. 9]).

Atualmente o debate a respeito das fronteiras e campos de atuação entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, na maioria dos casos, tem alguma ligação com a cisão entre bibliotecários e documentalistas do século XIX. Essas

possíveis disputas parecem ter continuidade no século XXI, mas com outras roupagens e novos sentidos.

Oddone (2007), ao apontar as mudanças de nomes dos departamentos, escolas e faculdades de Biblioteconomia no Brasil, argumenta que:

Os cursos de graduação em Biblioteconomia pouco se modificaram desde os anos 1960 e 1970, quando a maioria conquistou espaço acadêmico que ocupa hoje. Na última década, porém, quase todas as escolas, faculdades e departamentos que abrigam esses cursos modificaram sua antiga denominação, complementando-a ou substituindo-a pela expressão *ciência da informação*. Talvez porque esteja associada à ideia de pessoas que trabalham exclusivamente com livros em local chamado biblioteca [...] ninguém parece de fato muito satisfeito com a designação tradicionalmente atribuída a esse profissional, nem mesmo os próprios bibliotecários (ODDONE, 2007, p. 1-2, grifo do autor).

Birdsall (2005) compartilha da argumentação de Oddone (2007) quando indica que os bibliotecários procuram refúgio na Ciência da Informação como uma forma de conseguir visibilidade e até mesmo *status* científico. Segundo o autor,

Os bibliotecários tendem a projetar a Biblioteconomia como uma profissão objetiva que transcende quaisquer imperativos políticos ou morais específicos. Seu ideal é refugiar-se em uma ciência da informação livre de valores. Tal atitude é insustentável num momento em que a existência das bibliotecas é ameaçada por uma ideologia bastante disseminada que sustenta que a geração, distribuição e condições de acesso ao conhecimento devem ser providas através de uma economia de mercado baseada na infovia construída e controlada pelo setor privado (BIRDSALL, 2005, p. 92).

No passado, a Documentação não estava interessada na questão da biblioteca pública e desprezava o papel da Biblioteconomia em garantir o acesso à cultura, cidadania e educação aos cidadãos (SHERA; EGAN, 1961). A Ciência da Informação, como aponta Freitas (2001), foi institucionalizada no Brasil não pela via acadêmica, mas sim por uma política de Estado. Assim, busca sua cientificidade com base em teorias e pressupostos oriundos de diversas áreas, dentre elas a Biblioteconomia.

Dessa maneira, a Biblioteconomia deve se posicionar no debate de socialização e democratização da informação, sem precisar abandonar o seu caráter humanista e muito menos se perder no determinismo tecnológico e nas chamadas “novas tarefas” dos ditos modernos profissionais da informação.

A seguir vamos apresentar o marco empírico no qual se desenvolve a pesquisa, assim como reflexões sobre a relação entre Internet e participação política.

4 MARCO EMPÍRICO: INTERNET, DEBATE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

*“Criar meu website,
 Fazer minha home page,
 Com quantos gigabytes,
 Se faz uma jangada,
 Um barco que veleje,
 Que veleje nesse informar [...]
 Eu quero entrar na rede,
 Promover um debate,
 Juntar via internet,
 Um grupo de tientes de Connecticut”...
 (**Pela Internet** - Gilberto Gil).*

Neste capítulo buscamos caracterizar o campo empírico da pesquisa com uma breve revisão de literatura sobre a Internet como espaço público de debate e participação política.

4.1 INTERNET E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

As transformações das tecnologias de informação e comunicação no fim do século passado trouxeram consigo debates, discussões e expectativas acerca dos efeitos culturais da internet sobre a sociedade contemporânea. As novidades tecnológicas no espaço virtual são anunciadas e, por vezes, infladas pelos comentaristas e teóricos que partilham das visões otimistas do seu potencial democrático como uma ferramenta capaz de potencializar a construção de uma maior participação da sociedade civil em torno das decisões políticas.

Segundo Maia (2011, p. 67),

o início do debate acerca da influência que a internet exercia sobre as interações interpessoais, sobre o engajamento cívico ou sobre o ativismo político foi marcado principalmente por conjecturas e especulações sem o respaldo de pesquisas empíricas sistemáticas. Atualmente, inúmeros estudos empíricos, desenvolvidos nas variadas especialidades da comunicação política, vêm produzindo uma grande diversidade de resultados, com conclusões muitas vezes díspares, o que torna impossível um quadro unificado de generalizações.

Diante desse quadro, surgem algumas indagações que precisam ser expostas: até que ponto as mutações das tecnologias da informação e comunicação

podem contribuir de forma efetiva na democratização da participação da esfera civil nas decisões de interesse público? Como o ativismo *online* pode contribuir para uma mudança social? Se existe participação democrática, de que maneira ocorre? (SILVA, 2005).

No modelo atual de democracia de sistema representativo a participação direta da sociedade civil nas decisões políticas é bastante reduzida, ou seja, cotidianamente o poder de decisão do cidadão comum se resume ao processo eleitoral: através do voto consegue eleger ou não um candidato. Por outro lado, o sistema político se reveste de certa autonomia frente às questões de interesse público, a ponto de definir a escolha dos candidatos para participar do pleito, ocupando assim o lugar que anteriormente era do cidadão. Nesse sentido, “o sistema político contemporâneo tende a se desconectar da base civil da sociedade e da cidadania” (GOMES, 2011, p. 25).

A existência de instrumentos como audiências públicas e referendos populares, entre outros, são iniciativas que deveriam contribuir para a construção de uma democracia participativa, de forma que os interesses do bem comum e da cidadania viriam a fazer parte das pautas do jogo político. Mas nem sempre esses exemplos estão pautados nos interesses do bem estar social. Freitas (2001), ao criticar a forma de implantação do Programa da “Sociedade da Informação” no Brasil e as tentativas de exclusão dos setores sociais organizados das decisões políticas, recorre à definição de consulta pública explicitada no Livro Verde⁶ para demonstrar como o jogo político se utiliza de instrumentos de caráter público para conseguir apoio aos seus interesses.

Segundo a autora

À ínfima participação de setores sociais organizados se soma a escassa divulgação das diversas etapas do lançamento das bases do Programa SOCINFO brasileiro. No próprio *Livro Verde* (MCT, 2000) está demonstrado que as chamadas “consultas públicas” não passam de estratégia de marketing: “Consulta pública: [...] amplo processo de divulgação da iniciativa [...] iniciativa muito bem planejada e de imensa utilidade para lograr consenso e apoio geral”. (MCT, 2000, p. 107). Algo bem diverso da democratização do debate ou do planejamento (FREITAS, 2001, p. 198).

Wilson Gomes (2011), no livro “Internet e participação política no Brasil”, afirma que existem três instâncias que concorrem com o cidadão. São elas: o

⁶ Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil. Disponível em: livroaberto.ibict.br/bitstream/1/434/1/Livro%20Verde.pdf

sistema político, a economia ou a religião e as corporações sociais. Segundo Wilson (2011),

o primeiro está sob a mira de todo mundo: o sistema político, como o domínio social que inclui indivíduos e instituições (hábitos, normas...) dedicados à atividade “política” em sentido estrito, ao funcionamento do Estado e à produção de leis e políticas. O segundo também é um velho conhecido: trata-se de instâncias situadas em vários campos sociais, como a economia ou a religião, com interesses que não raramente se cruzam com as decisões do Estado e com o jogo político. Estas instâncias lutam por influência sobre o sistema político e sobre a esfera de decisão política, frequentemente empregando, para tanto, o capital específico do próprio campo (a autoridade religiosa, dinheiro...). O terceiro concorrente é um tabu para o pensamento à esquerda e passa em geral despercebido, mas creio que uma análise desapassionada nos mostraria que um grande número das instâncias representadas pelas corporações sociais são autênticas agências políticas, disputando pelos seus interesses particulares. Corporações sociais são instituições da sociedade, organizadas em torno de uma agenda de interesses particulares do coletivo que reúnem e representam [...] Estas instâncias têm, em geral, escapado dos radares que detectam ameaças à cidadania, em virtude de uma peculiar taxonomia política, que, no passado, as identifiquei como estruturas da sociedade civil organizada (GOMES, 2011, p. 32-33).

No ambiente virtual podemos encontrar iniciativas que podem ser utilizadas para que a esfera civil tenha a oportunidade de participar efetivamente da construção de políticas públicas, monitorando-as e trazendo o cidadão para o centro das decisões. Dentre as iniciativas que unem a tecnologia à mobilização da sociedade, temos exemplos de plataformas como o *Meu Rio*⁷, uma organização que tem como objetivo construir uma cultura de participação cívica entre os cariocas; o *Sou Niterói*⁸, uma organização apartidária criada com intuito de promover a participação social e política na região de Niterói/RJ e as petições *online* como o *Avaaz.org*⁹, uma comunidade de mobilização *online* que tem como objetivo levar a voz da sociedade civil para a política global, entre outras.

Essas iniciativas surgiram no seio da Internet e são alguns exemplos de organizações que utilizam as tecnologias digitais como instrumentos de mobilização, debates e participação cívica. Sabemos que são iniciativas louváveis, porém não atingem a sociedade como um todo, e sim apenas a uma parcela da população

⁷ Disponível em www.meurio.org.br

⁸ Disponível em www.souniteroi.com

⁹ Disponível em www.avaaz.org

brasileira, aquela que possui condições para ter acesso à rede de computadores e que, via algum contato, entrou na lista de apoiadores.

A Internet em si não se constitui como um espaço democrático, uma vez que o direito ao acesso envolve questões de cunho econômico (MARCONDES, 2007). Em um país como o Brasil, marcado por diferenças sociais gritantes, a Internet está em processo de massificação, mas ainda não conseguiu atingir uma parcela considerável da população brasileira como outros meios de comunicação de massa, como por exemplo, a televisão.

Assim, mesmo o uso da internet com intenções democráticas tem a capacidade de promover exclusão, através de uma barreira entre os que têm acesso à rede virtual (os conectados) e que sabem utilizar os recursos da Internet de maneira eficaz, e os que não têm acesso à internet (os não conectados) e/ou não têm o conhecimento necessário para utilizar a rede de computadores de forma eficaz (MAIA, 2011).

Por outro lado, essas ferramentas digitais se enquadram no conceito de iniciativas de democracia digital apresentado por Gomes (2011). Segundo o autor, entende-se por iniciativa democraticamente relevante qualquer forma de emprego de dispositivos, aplicativos e ferramentas de tecnologias digitais de comunicação para suplementar, reforçar ou corrigir aspectos das práticas políticas e sociais do Estado e dos cidadãos em benefício do teor democrático da comunidade política. Isto é, são aquelas voltadas pelo menos para os propósitos de aumento do poder civil, direitos e liberdades, aumento do pluralismo e do poder das minorias.

Problematizando a contraposição estabelecida por Gomes (2011) entre cidadão e as organizações sociais, Scherer-Warren (2007), ao se referir aos movimentos em rede, afirma que eles envolvem alguns desafios.

Segundo a autora,

os movimentos em rede enfrentam vários desafios. O primeiro a ser destacado é a passagem de um tipo de organização identitária, como ocorria com os novos movimentos sociais, às redes multi-identitárias, como ocorre nos fóruns, isto é, a passagem de organizações em torno de temáticas específicas (p. ex.: gênero, etnia etc.), para ações de coletivos que contemplam a inclusão de uma ampla diversidade de sujeitos [...] a pluralidade dos atores da rede de movimentos apresenta um segundo conjunto de desafios: a complexidade de temáticas e das demandas; a dificuldade de conciliação das temáticas prioritárias; o encontro e o desencontro de agendas e de interesses; o diálogo intercultural (ou sua falta), dentre outros (SCHERER-WARREN, 2007, p. 20).

Além dos problemas relatados acima, que envolvem questões de acesso e desafios enfrentados pelos movimentos em rede, outra vertente que pode ser adicionada à discussão é a questão da participação cívica. De acordo com Maia (2011), as pessoas estão mais propensas a participar em questões políticas quando sabem que suas opiniões serão ouvidas e atendidas. Ou seja, para o envolvimento em questões de qualquer ordem é preciso existir uma motivação ou uma identificação para fomentar o desejo de participação de um indivíduo em uma determinada causa.

Gomes (2011) não compartilha da ideia de que a participação seja um problema no quadro atual da democracia, pois, segundo ele, o problema principal não se concentra na participação, mas na questão da “fraca capacidade concorrencial da cidadania em face de outros agentes e de outras agências com interesse público” (GOMES, 2011, p. 36).

Evidentemente, a internet não deve ser encarada como a panaceia que vai resolver todos os problemas que envolvem questões de participação cívica, cidadania, debate público, mudanças sociais, entre outras. Para Marcondes (2007),

a internet, como um todo, não é uma esfera pública autogerada, compartilhada por visitantes regulares transformados magicamente, que lá depositam atitudes, práticas e objetivos que promovam modificações. É, isto sim, um misto de comunidades formadas por qualquer razão, por indivíduos que convergem para elas por interesses diversos. De fato, por si só, a rede não cria uma esfera pública, pois lhe falta características essenciais como o debate argumentado com uso da razão, interesses coletivos acima dos individuais, habilidades para compreender e ouvir vozes distintas, engajamento político, dentre outras (MARCONDES, 2007).

Assim como Gomes (2011), concordamos com a ideia de que a participação *online* deve ser colocada em uma premissa mais ampla, “segundo a qual o jogo político democrático supõe e prevê lutas concorrenciais permanentes pela busca de influenciar a decisão política do Estado” (GOMES, 2011, p. 32). Porém, não partilhamos de sua concepção de fundo de que a sociedade vem a ser uma “soma de individualidades”. Nesse sentido, Bauman (2001), ao se referir a questões que envolvem a concepção de individualização na modernidade líquida, aponta que

o “cidadão” é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade – enquanto o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação a “causa comum”, ao “bem comum”, à “boa sociedade” ou à “sociedade justa” [...] Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para

a política fundada da cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. O “público” é colonizado pelo “privado”; o interesse “público” é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e as confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor). As questões “públicas” que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis (BAUMAN, 2011, p. 45-46).

Mesmo com todos os aperfeiçoamentos tecnológicos e as expectativas depositadas na Internet, acreditamos que ela pode ser uma ferramenta capaz de potencializar discussões, debates e iniciativas em prol de um modelo de sociedade menos desigual, mas ainda está longe de ser encarada como um meio de proporcionar uma “revolução pela esfera digital”.

Segundo Laignier (2009)

O ciberespaço potencializa o consumo e as relações hegemônicas de poder, ao mesmo tempo em que abre novas tecnologias para atividades contra-hegemônicas (como os movimentos comunitários, por exemplo). O futuro da comunicação está indefinido, assim como a rede de computadores interconectados. Transformar o “dilúvio informacional” existente nos diversos endereços eletrônicos em comunicação dialógica efetiva talvez seja o grande desafio para os habitantes do século XXI (LAIGNIER, 2009, p. 130).

Além do desafio apontado por Laignier (2009), no que diz respeito ao debate da participação *online*, Gomes (2011) afirma que é tributário do debate mais amplo e tradicional sobre participação política, chegando a questionar o motivo pelo qual é tão relevante em um contexto democrático a participação e o engajamento cívicos em geral e *online* em particular.

Segundo o Gomes (2011)

o fato é que o debate sobre participação *online* é tributário daquele mais amplo e tradicional sobre participação política. Por essa razão, tende a ser parte de um debate mais largo e, na maior parte das vezes, restringe-se a questões relacionadas à aplicação de argumentos e pressupostos mais bem examinados e discutidos em campos como a teoria política ou a teoria democrática. Por isso mesmo, a preocupação com a participação política *online* acaba herdando automatismos conceituais, vieses e lacunas do debate tradicional. Acredito que uma dessas lacunas diz respeito ao problema das justificações da importância da participação civil *online*. Em outras palavras: por que é assim tão relevante, num quadro de teoria democrática, a participação e o engajamento cívicos em geral, e *online* em particular? (GOMES, 2011, p. 22).

Diante do exposto, além de questões relacionadas a participação política *online*, se faz necessário, apresentar reflexões a respeito do acesso à Internet no Brasil e alguns de seus desafios.

4.2 ACESSO À INTERNET E SEUS DESAFIOS

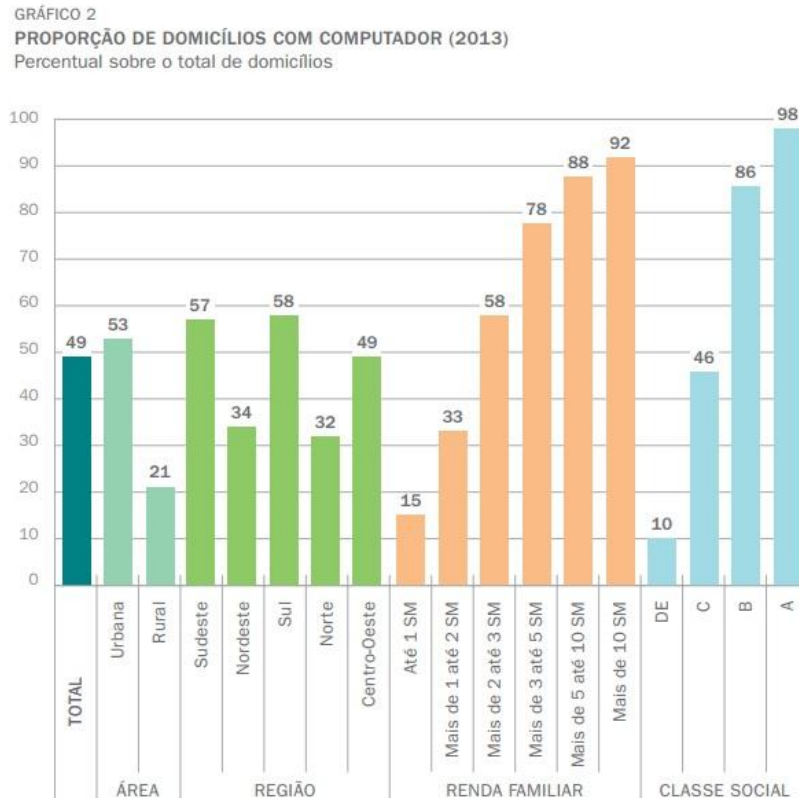
O debate acerca dos efeitos culturais da Internet sobre a sociedade contemporânea não é definitivo, ainda gera muita polêmica a respeito da potencialidade das novas tecnologias da comunicação. Não podemos negar que as tecnologias digitais romperam barreiras e criaram uma nova configuração na comunicação da sociedade, mas alguns desafios continuam sem soluções.

Uma grande barreira que existe no Brasil é a questão do acesso à Internet. De acordo com a pesquisa do Comitê Gestor de Internet no Brasil¹⁰ sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros, realizada no ano de 2013, as limitações econômicas, as precariedades da infraestrutura da rede de internet em algumas regiões do país e a falta de interesse e habilidades para o uso dessa tecnologia ainda são fatores que dificultam o acesso.

Mesmo com o crescente uso dos dispositivos móveis no Brasil, a pesquisa aponta ainda que o computador está mais presente nas residências brasileiras das classes sociais mais altas. Enquanto nas classes A e B as proporções são de 98% e 86%, por outro lado nos domicílios da classe C, 46% possuem computador e nos das classes D e E apenas 10% dos domicílios possuem computador como demonstra o gráfico.

¹⁰ Disponível em: www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf

Gráfico 1: Proporção de domicílios brasileiros com computador



Fonte: Comitê Gestor de Internet no Brasil

Esses são desafios que precisam estar presentes nas discussões que atravessam questões referentes à Internet como espaço público de debate e participação política. Afinal de contas, a questão econômica ainda é um dos fatores que dificultam o acesso ao computador e a internet no território brasileiro. Segundo estimativa da pesquisa do Comitê Gestor da Internet, em torno de 22,6 milhões dos domicílios brasileiros com renda familiar até dois salários mínimos não possuem computador.

As empresas que administram as concessões públicas no setor de telecomunicações brasileiro trabalham na lógica privada, mercadológica e do lucro. Dessa maneira, acreditar no discurso privatizante e profético de que grande parte da população brasileira tem acesso aos computadores, à rede de internet e está acompanhando as discussões e debates no meio eletrônico é ter uma visão reducionista.

No contexto brasileiro, em que a internet ainda está em processo de massificação e o sistema educacional apresenta sérios problemas, é complicado

afirmar que a participação civil *online* será capaz de alterar as estruturas sociais e mobilizar tanto os estratos mais abastados quanto os menos abastados.

Acreditamos que os canais informais de comunicação *online* podem ser ambientes de trocas de ideias, debates, que podem somar em prol da reivindicação de melhorias para a resolução dos problemas sociais.

No capítulo seguinte, explicitaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a seleção e análise dos recortes discursivos.

5 SELEÇÃO E ANÁLISE DE RECORTES DISCURSIVOS

Nas subseções seguintes iremos descrever as etapas de seleção e análise dos recortes realizados a partir do *corpus* explorado por este estudo. Buscamos fundamentação teórica para a realização da seleção e análise dos recortes nos princípios e procedimentos da análise de discurso de linha francesa e também nos conceitos de Sequências Discursivas Autônomas (SDA), Identificação, Desidentificação e Contraidentificação formulados por Michel Pêcheux (1995; 2012).

Como visto anteriormente no capítulo metodológico, a análise de discurso francesa não constrói seu *corpus* de forma apriorística, ou seja, ela não segue critérios empíricos e sim princípios teóricos. Diante disso, se faz necessário que o analista tenha uma questão inicial, ou seja, um ponto de partida. No caso específico desta pesquisa, nosso ponto de partida inicial são os discursos de profissionais da informação circulantes nos canais informais na Internet sobre sua profissão.

Orlandi (2012) ao se referir à construção do dispositivo analítico discorre sobre a responsabilidade do analista. Segundo a autora,

o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise. [...] a pergunta é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de “seu” dispositivo analítico, optando pela mobilização desses ou aqueles conceitos, esse ou aquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução de sua questão. Portanto, sua prática de leitura, seu trabalho com a interpretação, tem a forma de seu dispositivo analítico (ORLANDI, 2012, p. 27).

Ainda a respeito dessa questão, Orlandi (2012, p. 64) afirma que “a análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material à pergunta (ponto de vista) que o organiza”. Nesse sentido, a pergunta que pretendemos responder com o término da análise do campo empírico da presente pesquisa é: “como se dão e se textualizam os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na *Internet*?”.

Jacqueline Léon e Michel Pêcheux (2012) no texto, “Análise sintática e paráfrase discursiva”, abordam questões referentes às características do sistema de

corpus para a análise de discurso francesa e a maneira de se dar visibilidade ao processo discursivo. Os referidos autores destacam que,

[...] levando em conta [...] a característica necessariamente laminada e heterogênea de um sistema de corpus que reconstrói um arquivo textual, a noção “técnica” de corpus se define a partir de um campo de arquivos reunidos em função do sistema de hipóteses elaborado por uma dada pesquisa [...] só é possível dar visibilidade ao processo discursivo colocando várias sequências em relação. (LÉON; PÊCHEUX, 2012, p. 166-167).

Retomando aqui a parte metodológica do segundo capítulo, a primeira etapa da pesquisa consistiu na montagem do campo empírico a partir do levantamento e mapeamento da rede de canais informais, como apresentado nos apêndices **A** ao **D**. Nesta fase foi realizada a montagem geral do *corpus* a ser explorado pela pesquisa. Orlandi (2012), ao discutir questões relacionadas à delimitação do *corpus* na análise do discurso ressalta que,

em geral distinguimos o **corpus experimental** e o de **arquivo**. [...] não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude, ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável. Isto porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. **Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes** (ORLANDI, 2012, p. 62, grifos nossos).

Em um segundo momento, com o intuito de apresentar alguns resultados preliminares no Exame Público de Qualificação, realizamos o primeiro recorte no campo empírico da pesquisa. Através de observações em 37 canais informais de comunicação profissional na *Internet*, sendo 33 blogs, 1 portal, 1 revista eletrônica não científica, 1 perfil pessoal e 1 *fanpage* do *facebook*, selecionamos um total de 27 textos que foram categorizados nos seguintes subtemas: *Biblioteconomia X Ciência da Informação – A imagem social do bibliotecário – Regulamentação profissional – Mercado de Trabalho e Profissional da Informação*. Os textos selecionados foram encontrados nos seguintes canais informais, como descreve o quadro abaixo.

Quadro 2: Canais informais dos quais selecionamos os subtemas

Nome	Tipo
Abrindo Espaço	Blog
Acesso hot: bibliotecários piauienses	Blog
AWBB	Blog
Babel Informacional	Blog
Balcão de Biblioteca	Blog
Biblioteca do Bibliotecário	Blog
Bibliotecária Mal Humorada	Fanpage
Bibliotecário Anarquista	Blog
Bibliotecários Sem Fronteiras	Blog
Futuros Técnicos em Biblioteconomia	Blog
Infohome	Portal
Perfil Pessoal no Facebook	Perfil
Revista Biblio: cultura informacional	Revista eletrônica não científica

A seleção desses textos levou em consideração temáticas que dialogam com os objetivos propostos pela pesquisa. À medida que fomos adentrando o universo dos *blogs* e das redes sociais na Internet, as temáticas descritas acima foram aparecendo com mais frequência entre os *posts* nesses canais informais. Outro ponto que conseguimos perceber foi a maneira como os textos selecionados estão entrelaçados entre si, ou seja, se interligam e se complementam. Isto é, demonstrando sua intertextualidade na memória discursiva. Mesmo estando aqui categorizados por subtemas, eles não são totalmente isoláveis em apenas uma questão específica, podendo ser retomados em mais de uma categoria porque o fio discursivo dos textos acaba demonstrando seu entrelaçamento de sentidos com as outras temáticas representadas nos demais subtemas.

Diante das possibilidades interpretativas, Eni Orlandi (2012) afirma que a análise do discurso procura compreender de que maneira um objeto simbólico produz sentidos analisando os “gestos de interpretação” que estão no “domínio do simbólico”. Ao distinguir a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão, a autora aponta que,

A inteligibilidade refere o sentido à língua: “ele disse isso” é inteligível. Basta se saber português para que esse enunciado seja inteligível; no entanto não é interpretável pois não se sabe quem é ele e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensando-se co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato [...] Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música, etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem (ORLANDI, 2012, p. 26).

Na terceira etapa da pesquisa procuramos perseguir e identificar os efeitos de sentidos, as marcas históricas e o próprio funcionamento discursivo desses objetos simbólicos. A respeito dessa questão Orlandi (2012) destaca que,

os dizeres não são como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 2012, p. 30).

Como dito anteriormente, “só é possível dar visibilidade ao processo discursivo colocando várias sequências em relação” (LEÓN; PÊCHEUX, 2012, p. 167). Diante disso, a quarta etapa da pesquisa consistiu em iniciar o tratamento do *corpus* através da segmentação em Sequências Discursivas Autônomas (SDA), como demonstra o pensamento de Léon e Pêcheux (2012). Segundo os autores,

a primeira etapa do tratamento do corpus consiste, então, em segmentá-lo em sequências discursivas autônomas. Sequências autônomas porque, ao selecioná-las, quebramos o fio do discurso e permitimos que sejam tratadas pelo algoritmo como entidades independentes [...] o corpus é dividido em certo número de sequências discursivas autônomas (chamadas de SDA) que serão tratadas pelo algoritmo como unidade máxima de comparação (LEÓN; PÊCHEUX, 2012, p. 167).

Deste modo, iniciamos a segmentação procurando selecionar nossas Sequências Discursivas Autônomas. À medida que fomos avançando nesse processo, percebemos que as SDA coletadas estavam se remetendo a temáticas específicas como pano de fundo das questões relacionadas às representações do profissional da informação. As SDA retratam pontos como: evolução e história da

Biblioteconomia e Ciência da Informação; debates terminológicos sobre a profissão; (in)visibilidade profissional; mercado de trabalho; atuação profissional; imagem social; novas tarefas do profissional da informação; as tecnologias de comunicação e informação, entre outros.

Assim, decidimos organizar as SDA sobre a questão profissional a partir das subtemáticas que nomeamos de: *a linha do tempo; crise identitária: da tradição ao status da Ciência da Informação; (in)visibilidade profissional e atuação profissional: do objeto livro ao produto informação*, como descrevem os apêndices **E** ao **H**.

Para a teoria do discurso, os lugares de enunciação são lugares sócio históricos que podem ser ocupados por diferentes sujeitos. Diante disso, por uma questão ética e para não expor os autores dos *posts* realizados nos canais informais, decidimos apenas identificar a fonte, suas titulações acadêmicas e o ano das publicações como uma forma de explicitar seus lugares sociais.

Também decidimos destacar em negrito alguns trechos com o intuito de evidenciar os funcionamentos discursivos que encontramos nas sequências discursivas destacadas nos subtemas. Além disso, todas as sequências discursivas apresentadas nos subtemas passaram por revisão ortográfica sem interferência no sentido original dos textos.

A seguir vamos apresentar a forma como esses recortes foram descritos e analisados.

5.1 A LINHA DO TEMPO

Neste subtema reunimos as SDA que acionam discursivamente questões relacionadas com a história da Biblioteconomia, ou seja, uma espécie de linha do tempo da área. A seguir apresentamos algumas SDA selecionadas e analisadas para compor este subtema.

SDA 1: "O cientista da informação é mais **tradicionalmente conhecido como (bibliotecário)**, e é uma **profissão bem antiga**. Estima-se que tenha **iniciado nos primórdios** com as **práticas estabelecidas pelos monges copistas**. Em seu **caráter de evolução** e disciplina no **estudo da informação**, prima em fomentar a

disponibilização ao conhecimento, e desenvolver técnicas e serviço para que ela, **a informação, possa estar ao alcance de todos**, seja de que maneira em suporte e suplemento de informação (impresso, digital, sonoro, literário etc.)”. (Publicado por bibliotecária e doutoranda em Ciência da Informação no *blog Babel Informacional* em 2011 – grifos nossos).

SDA 2: "A biblioteconomia nasceu na Ordem do Livro, quando o mais importante processamento da informação desenvolvido pela sociedade se situava no livro e na biblioteca. Daí vinha o prestígio do bibliotecário. Ele era um "guardião" e processava 99% da informação processada na sociedade. Hoje se trabalha com processamento da informação em todos os rincões da sociedade e as bibliotecas trabalham com uma ínfima parte da informação processada por ela. [...] E o bibliotecário que era um especialista em processamento da informação e que poderia ocupar um papel importante, ocupando novos espaços vai ficando para trás, vai ficando à margem. Isto porque não consegue entender que mesmo quando tenta abordar a internet, por exemplo, faz isto a partir de uma tecnologia específica da biblioteca (incapaz de tratar de sistemas complexos)". (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no *blog Abrindo Espaço*, em 2005 – grifos nossos).

SDA 3: “Em um breve passeio pela **história da biblioteconomia**, nota-se que **sua gênese** pauta-se na **organização e preservação do acervo**. O bibliotecário grego Calímaco iniciou a organização da famosa biblioteca de Alexandria com o objetivo de organizar e preservar. **Atualmente, o bibliotecário atua como mediador entre a informação e o usuário. Deixou de ser apenas o guardião do conhecimento, abstém-se de centrar-se apenas no acervo (algo material), para centrar-se também na informação**, tornando possível seu acesso, independente do espaço geográfico no qual seus usuários estão inseridos”. (Publicado por bibliotecária no boletim da *Vértice Books* em 2014 – grifos nossos).

SDA 4: “Precisamos fortalecer a **Biblioteconomia do século XXI!** Ela **acompanha o tempo** e isso **deve ser aceito e estudado!**”. (Comentário realizado por bibliotecário em resposta ao texto, “As novas funções dos bibliotecários na era digital”, publicado no *blog Bibliotecários Sem Fronteiras* em 2014 – grifos nossos).

Orlandi (2012, p. 67) destaca que para a análise de discurso francesa “as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua”. Dessa maneira, procuramos desatar os novelos da teia de sentidos em busca dos funcionamentos discursivos e dos gestos de interpretação presentes nas sequências discursivas autônomas destacadas e selecionadas para análise.

Nas sequências discursivas selecionadas e separadas para compor o subtema “a linha do tempo”, percebemos que os funcionamentos discursivos apontam para uma história da Biblioteconomia de maneira contínua, com ruptura entre o “material” e o “imaterial” colocando sempre a informação como o objeto principal das atividades profissionais do bibliotecário. A história da área é apresentada através de uma escansão no tempo, sem uma ordem cronológica e com um salto comparativo entre os séculos XIV e XV para o XXI.

Essa escansão no tempo é acompanhada pela referência a um passado, a um só tempo mítico e “fantasmagórico”, historiando sem historicizar, ou seja, sem analisar as condições de produção das diferenças. Utilizado como uma forma de desistoricizar ou renegar entre períodos históricos. A menção a um tempo mítico fica caracterizada quando a figura da Biblioteconomia é lançada em um passado sem origem e que não tem uma época determinada. Como fica explícito nos seguintes trechos: “iniciados nos primórdios”; “nasceu na ordem do livro”; “com o passar dos anos” e “nota-se que sua gênese”.

Nessas sequências discursivas também identificamos o funcionamento do que chamamos de dois gestos de interpretação. De um lado a menção a um passado “ineficaz” e cada vez mais em “desuso” voltado para as práticas biblioteconômicas e, por outro lado, a “glamourização” de um futuro com base na “informação”, na evolução no tempo e na necessidade de superação do passado. Para demonstrar esse funcionamento, separamos os gestos de interpretação, da ideia de passado profissional e da ideia futurista do profissional, em quadros com os trechos dos discursos de bibliotecário apresentados nas sequências discursivas deste subtema.

Quadro 3: A ideia de passado profissional

Ideia de passado profissional
“Tradicionalmente conhecido como bibliotecário”
“Profissão bem antiga”
“Práticas estabelecidas pelos monges copistas”
“Se situava no livro e na biblioteca”
“Era um guardião”
“Tecnologia específica da biblioteca”
“Incapaz de tratar sistemas complexos”
“Organização e preservação do acervo”

Quadro 4: A ideia futurista do profissional

Ideia futurista do profissional
“Deixou de ser apenas o guardião do conhecimento”
“Biblioteconomia do século XXI”
“Informação ao alcance de todos”
“Abstem-se de centrar-se apenas no acervo, para centrar-se na informação”
“Mediador entre a informação e o usuário”
“Hoje se trabalha com o processamento da informação em todos os rincões da sociedade”
“Acompanha o tempo e isso deve ser aceito e estudado”
“Estudo da informação”

A ideia de passado sempre é acionada quando se faz referência a uma ruptura informacional, ou seja, um deslocamento dos objetos da Biblioteconomia: antes centrados “nas práticas dos monges copistas”, na “organização e preservação do acervo”, “na biblioteca e nos livros” e agora projetada no “estudo da informação”, no “processamento da informação” e na “Biblioteconomia do século XXI”.

Quando se faz referência a objetos e práticas profissionais como bibliotecas, livros, organização e preservação de acervo sempre se faz uso de tempos verbais voltados para o passado para indicar uma ação que não se faz mais, uma prática antiga e descartada, demonstrando uma “quebra de paradigma” ou um divisor de águas. Como fica demarcado nos trechos: “se situava no livro e na biblioteca”, “era

um guardião e processava 99% da informação”, “o bibliotecário era um especialista em processamento da informação”.

Por outro lado, quando se refere à ideia futurista, além de colocar a informação como o objeto de principal interesse das atividades profissionais dos bibliotecários, recorre às generalizações para demonstrar a ideia de “completude da informação” e do seu grau de cobertura, como sacralizada ou um “objeto supremo” que está presente em todos os contextos de todas as sociedades. Essas generalizações ficam evidenciadas no trecho: “hoje se trabalha com processamento da informação em todos os rincões da sociedade”.

Essa desvalorização do passado da Biblioteconomia, colocando em um tempo “fantasmagórico”, das “cavernas”, em desuso e que não acompanhou os denominados “avanços tecnológicos”, pode ser entendida como o funcionamento da terceira modalidade discursiva apontada por Pêcheux (1995), a desidentificação. O momento no qual o bibliotecário assume uma posição de “dessaranjo-rearranjo” em que os objetos profissionais como biblioteca, livro e acervo se tornam a vestimenta “velha” e fora de moda para ser substituída pela indumentária “nova”, mais atrativa, moderna e que acompanha o tempo, a informação. Nesse caso, o bibliotecário se desidentifica do passado – biblioteca, acervo, livro – para projetar seu objeto profissional na ideia futurista, tecnológica e na concepção informacional.

5.2 CRISE IDENTITÁRIA: DA TRADIÇÃO AO *STATUS* ELEVADO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Neste subtema procuramos selecionar as Sequências Discursivas Autônomas que, de certo modo, retratam questões referentes à identidade profissional da Biblioteconomia, assim como os anseios e o “refúgio” que são alocados na Ciência da Informação.

A seguir vamos apresentar algumas SDA que se dedicam a esse jogo de deslizamentos entre bibliotecário ou cientista da informação.

SDA 1: “Os estudantes do curso de ciências da informação da Universidade Federal de Rondônia (Unir), em Porto Velho, **reivindicam a troca da nomenclatura do**

curso para biblioteconomia. Alguns universitários alegam que poderão **perder as vagas garantidas em concursos públicos se a nomenclatura não for modificada**". (Publicado por bibliotecário e professor da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília no *blog Biblioteca do Bibliotecário* em 2013 – grifos nossos).

SDA 2: "Biblioteconomia ou Ciência da Informação? **O termo Biblioteconomia não abarca tudo que o profissional desta área faz hoje.** Certo? Eu concordo. Mas creio que a discussão terminológica mais atrasa nossa área do que faz avançar". (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no *blog Abrindo Espaço* em 2005 – grifos nossos).

SDA 3: "Analisar o fluxo de informação, fluxo de navegação de *websites*, trabalhar com a hierarquia de informação do conteúdo do *website*. **É o bibliotecário virtual!** É ele quem vai auxiliar o usuário a encontrar o que procura! **É, o termo bibliotecário hoje não condiz muito à realidade.** Digo isso porque **a formação do bibliotecário hoje não está voltada somente para livros**". (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no *blog Abrindo Espaço* em 2005 – grifos nossos).

SDA 4: "Infelizmente, o disseminador de informação é conhecido popularmente como um **limpador de livros e espanador de pó.** **É importante que esse estereótipo sobre o cientista da informação (bibliotecário) seja quebrado [...]** Abordando mais sobre **as atribuições do cientista da informação (bibliotecário),** que é um **administrador de dados, que processa e dissemina informação, cataloga, guarda e classifica informações**". (Publicado por bibliotecária e doutoranda em Ciência da Informação no *blog Babel Informacional* em 2011 – grifos nossos).

SDA 5: "Considera-se, aqui, **a Biblioteconomia como um ramo específico da Ciência da Informação,** com interfaces com o **Direito Administrativo, a Economia e a Gestão**". (Publicado por bibliotecários no *blog Acessohot: bibliotecários piauienses* em 2010 – grifos nossos).

SDA 6: "Poderíamos parafrasear **o bibliotecário como um profissional a procura de um rótulo.** Esse **grave problema identitário** já foi discutido em diversos textos

que propõem fórmulas e receitas para que, em um passe de mágica, a solução, a despeito de qualquer processo, viesse à tona. (Publicado por bibliotecário no *portal Infohome* em 2009 – grifos nossos).

Nas sequências discursivas selecionadas para compor o subtema que intitulamos de crise identitária: da tradição ao *status* da Ciência da Informação percebemos que os discursos remetem à ideia de que a Biblioteconomia é um campo ou profissão ultrapassado e fora de moda. Se no subtema anterior, “a linha do tempo”, os funcionamentos discursivos apontavam para a uma troca de objetos e práticas profissionais deixando de lado a biblioteca, o acervo e os livros para aderir à informação, neste subtema os discursos apontam para a ideia de que a Biblioteconomia se transformou em área não apta a abarcar as demandas atuais da sociedade. Diante disso, a Ciência da Informação e a Gestão da Informação vão sendo colocadas como disciplinas e designações pretensamente mais “atraentes”.

Para ilustrar os funcionamentos discursivos que remetem à ideia de que o nome Biblioteconomia não é suficiente para definir a atividade profissional da área e muito menos para acompanhar os “novos objetos” que foram adicionados às práticas biblioteconômicas, montamos um quadro comparativo com os discursos a respeito da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e suas contradições.

Confira os funcionamentos discursivos que descrevem a Biblioteconomia como uma profissão voltada para o passado, a Ciência da Informação como projeção do novo, moderno e tendo a informação como foco principal, além das contradições que atravessam essas áreas perante o mercado e a atuação profissional.

Quadro 5: Biblioteconomia, Ciência da Informação e suas contradições

Biblioteconomia	Ciência da Informação	Contradições
“Não abarca tudo que o profissional dessa área faz hoje”	“Cataloga, guarda e classifica informações”	“Troca de nomenclatura do curso para biblioteconomia”
“Não condiz muito à realidade”	“Processa e dissemina informação”	“Perder vagas em concursos públicos se a nomenclatura não for modificada”
“Um ramo específico da Ciência da Informação”	“Administrador de dados”	“A formação do bibliotecário hoje não está voltada somente para livros”
“Um profissional a procura de um rótulo”	“Importante que este estereótipo cientista da informação (bibliotecário) seja quebrado”	“Cientista da informação (bibliotecário)”

A partir da demonstração dos funcionamentos discursivos no quadro, percebemos que sempre quando se faz referência à Biblioteconomia a colocam como incapaz de se adequar ao tempo presente. Dessa forma a Biblioteconomia vai sendo negada a ponto de colocá-la como uma profissão que “não condiz com a realidade”, “não abarca tudo o que o profissional faz” e levando seus profissionais a “procurar um rótulo”. Podemos, assim, constatar o funcionamento da segunda modalidade discursiva definida por Pêcheux (1995): a Contra identificação, ou seja, o movimento que o sujeito realiza ao negar ou recusar uma formação discursiva. Nesse caso, temos uma denegação, rejeição e reversão da posição profissional do bibliotecário, que não se enxerga mais na Biblioteconomia e se projeta na Ciência da Informação.

No caso dos discursos da Ciência da Informação, notamos que os mesmos apontam que essa disciplina assumiu a posição profissional da Biblioteconomia. Ou seja, como descrito no subtema anterior, “a linha do tempo”, a mudança dos objetos profissionais da área – da biblioteca, do acervo e do livro para a informação, neste subtema notamos que, para se adequar às transformações, o “nome

Biblioteconomia” não condiz mais com a realidade, lembra o passado, as bibliotecas, livros, a materialidade da “poeira e pó” e, a partir de agora, a Ciência da Informação se coloca como mais adequada à ideia futurista e moderna, da informação, “imaterial” e valorizada e os “*bytes*”.

Neste sentido, as “velhas” práticas profissionais oriundas da Biblioteconomia vão sendo adaptadas e convocadas aos “novos objetos profissionais”. A partir de agora não se cataloga e classifica mais livros e sim: “cataloga, guarda e classifica informações” ou então “processa e dissemina informações” e “administram dados”. A troca de nomenclatura vai se colocando como uma forma de adquirir *status* e até mesmo o imaginário da cientificidade.

No entanto, essa busca pelo *status* envolve contradições e conflitos no momento em que o profissional se depara com o mercado de trabalho e com a legislação. Quando o que está em jogo é a garantia de vagas em concursos públicos e de assumir reserva de mercado garantida por lei, rapidamente o retorno para a “tradição” passa a ser reivindicado o título de bibliotecário volta a ser evocado, mas deixando de lado o passado como demonstra os trechos: “troca de nomenclatura do curso para Biblioteconomia”, “perder vagas em concursos públicos se a nomenclatura não for modificada” e “a formação do bibliotecário hoje não está voltada somente para livros”.

Na sequência discursiva autônoma de número seis deste subtema, temos a retomada do que Souza (2009) chama de “as novas tarefas do profissional da informação”. Nesse caso o enunciador define a Biblioteconomia como uma disciplina próxima de áreas como “Direito Administrativo”, “Economia” e “Gestão”. Desse modo, novamente o deslocamento de objetos da Biblioteconomia, não se ligam mais às tradições da cultura, socialização, acesso, leitura, etc., acionando agora as perspectivas da Gestão Administrativa e da Economia.

Desse modo, notamos que a “tradição” (focada na figura do bibliotecário) e o “novo” (voltado para o cientista da informação) são ainda atravessados por contradições, ou seja, incertezas perante a identificação no mercado de trabalho.

5.3 (IN)VISIBILIDADE PROFISSIONAL

Neste subtópico procuramos destacar as Sequências Discursivas Autônomas que tentam de alguma maneira explicar ou demonstrar aspectos envolvidos na (in)visibilidade social do profissional bibliotecário. A seguir separamos algumas SDA que exploram e se fixam nessa temática.

SDA 1: “**A falta de empreendedorismo** é o que faz com que a nossa profissão tenha **pouca visibilidade**. Somente quando **cada profissional investir** no seu **marketing pessoal** para **conquistar mercado** esta **imagem será modificada**”. (Publicado por bibliotecário na Revista Biblio em 2013 – grifos nossos).

SDA 2: “Com o **peso do tradicionalismo** nas costas destes profissionais, as **novas tecnologias** parecem **não abarcar essa área**, o que vem **prejudicando a imagem** dos **novos profissionais** que entram no mercado pensando, justamente, em fazer a união entre estes dois: **tradição e tecnologia**”. (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no *blog Abrindo espaço* em 2005 – grifos nossos).

SDA 3: “Se forem bons observadores, já devem ter reparado que **atualmente muitos bibliotecários já procuram o seu próprio estilo e distanciam-se do estereótipo (o ar sisudo e clássico faz parte do passado)**. Há uma **preocupação em acompanhar a inovação, em refletir as alterações (a nível arquitetônico, tecnológico e outras) que as bibliotecas estão acolhendo. O bibliotecário tenta refletir a modernidade** e, desta forma, **aproximar-se mais dos leitores**”. (Publicado por bibliotecária no *blog Balcão de biblioteca* em 2008 – grifos nossos).

SDA 4: “A **imagem do bibliotecário ainda está muito ligada ao Livro e à Biblioteca**”. (Publicado por bibliotecário no *blog Portal do Bibliotecário* em 2014 – grifos nossos).

Nas sequências discursivas deste subtema percebemos o funcionamento da concepção individualista e a crença de que uma abordagem pessoal por parte do bibliotecário como *marketing* e “empreendedorismo” será responsável pela mudança

da imagem profissional, além de contribuir para a “conquista de mercado” e uma maior visibilidade.

Freitas ([2014]) procurou analisar algumas hipóteses e soluções recorrentes utilizadas para explicar a invisibilidade profissional do campo informacional em seu ensaio analítico intitulado, “O campo informacional e a memória social: recíproca invisibilidade?”. Segundo a autora,

na literatura, até os anos 1990, predominavam explicações e soluções a partir de uma abordagem individualista da questão. Se as causas eram dependentes de comportamentos individuais, a solução para a implementação de melhorias na imagem social deste profissional também estariam no nível comportamental individual: fomento de atitudes proativas, iniciativa, dinamismo etc. e implementação de bom *marketing* profissional (FREITAS, [2014], p. 5).

De alguma maneira essa abordagem individualista destacada por Freitas ([2014]) ainda se encontra presente nos discursos que analisamos. A abordagem individualista é colocada como a solução para o problema da invisibilidade social do profissional como fica demarcado nos trechos: “cada profissional investir no seu *marketing pessoal*” e “procurar seu próprio estilo”.

Assim, como nos subtemas anteriores, temos a continuidade do funcionamento que procura apagar “o passado” da Biblioteconomia e dos seus objetos profissionais. Desse modo, para adquirir visibilidade profissional se faz necessário se distanciar do “tradicionalismo”, do “clássico”, do “livro” e da “biblioteca” e adotar o discurso – determinista – de “acompanhar a inovação”, “refletir a modernidade”, “distanciar-se do estereótipo clássico e sisudo”, como fica caracterizado no esquema ilustrativo.

Ilustração 2 –Problemas e soluções profissionais



Diante disso, percebemos uma espécie de convocação para um “novo tempo”, com as “novas tarefas” que estão sendo acolhidas pela a área de Biblioteconomia e pelas bibliotecas, como fica demarcado nos trechos: “Há uma preocupação em acompanhar a inovação, em refletir as alterações (a nível arquitetônico, tecnológico e outras) que as bibliotecas estão acolhendo”. Dessa maneira, o tradicionalismo – biblioteca e livros – novamente são colocados como incapazes de acompanhar o “novo” e vem se tornando um entrave para que as “novas tecnologias” sejam relacionadas à área e assim, melhorar a imagem dos “novos profissionais”.

Desse modo, o tradicionalismo é posto como um fardo pesado e oneroso para os profissionais. Enquanto a imagem do bibliotecário estiver relacionada aos livros e à biblioteca, continuará estagnada e sem mudanças.

5.4 ATUAÇÃO PROFISSIONAL: DO OBJETO LIVRO AO PRODUTO INFORMAÇÃO

Neste subtema procuramos destacar algumas sequências discursivas autônomas que acionam discursivamente o deslocamento do objeto livro para o

produto informação, como já vimos esse funcionamento nos subtemas anteriores. A materialidade – a biblioteca, o acervo, o livro, “o pó” – vai sendo colocada “para debaixo do tapete” e a “indumentária” a ser exposta e apreciada é a imaterialidade – a informação, a tecnologia, a inovação, o digital, “asséptica”.

A seguir vamos apresentar algumas sequências discursivas que retratam essas questões.

SDA 1: “O mercado de trabalho do bibliotecário cresceu com o **auxílio da tecnologia** e as funções do profissional **vão muito além de empréstimos e catalogação de livros**”. (Publicado por bibliotecários no *blog ACESSO HOT: bibliotecários piauienses* em 2011 – grifos nossos).

SDA 2: “Com o **avanço das tecnologias** e as mudanças de algumas configurações sociais, **algumas profissões mudaram. É o caso do bibliotecário**. O papel desse profissional hoje **vai além dos empréstimos de livros e organização da biblioteca**. O bibliotecário trabalha e lida principalmente com **um produto de interesse de muitos: a informação**”. (Publicado por bibliotecários no *blog ACESSO HOT: bibliotecários piauienses* em 2011 – grifos nossos).

SDA 3: “Acredito seriamente que o **lugar dos bibliotecários não é somente na biblioteca**, aliás esses são os **lugares onde menos se precisa deles atualmente**”. (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no *blog Abrindo Espaço* em 2007 –grifos nossos).

SDA 4: “Tendo em conta o **universo bibliotecário**, verificamos que **estamos diante de grande movimentação, devido ao impacto das tecnologias, ao crescimento das bibliotecas digitais**, à implementação de projetos e etc. O profissional **necessita de demonstrar flexibilidade**, preocupação com a **atualização dos seus conhecimentos, respostas rápidas** face aos **desafios lançados e criatividade/inovação**”. (Publicado por bibliotecária no *blog Balcão de biblioteca* em 2008 – grifos nossos).

SDA 5: “**Onde está Biblioteconomia?** Estava eu na livraria Cultura do centro do Rio de Janeiro procurando livros da área de Biblioteconomia **perto da área de História**,

onde se encontravam desde a inauguração da loja. Fui, voltei e não consegui localizá-los... Quando desisti, perguntei ao funcionário da loja sobre a localização dos livros de Biblioteconomia, que disse: **“Está ali embaixo, perto da História.”** Indo lá conferir, **não achamos Biblioteconomia**. Daí, ele perguntou ao colega que disse **estar lá em cima, perto da Administração**. Será esse **um reflexo das mudanças em nosso cenário profissional e no imaginário social** ou apenas não havia espaço nas estantes perto da História? Fundamentalmente, **estávamos bem mais próximos da História do que da Administração**... (Publicado por bibliotecária no *blog Bibliotecários Sem Fronteiras* em 2014).

As sequências discursivas selecionadas para compor este subtema apontam para um discurso no qual as mudanças ocorridas nas atividades profissionais e no mercado de trabalho da Biblioteconomia são anunciadas invariavelmente invocando o “avanço das tecnologias” como causa principal ou fator determinante para a concretização das transformações – do objeto livro para o produto informação. Assim, o auxílio tecnológico seria o instrumento que impulsiona as funções profissionais para um lugar de crescimento, modernização e inovação.

Desse modo, cada vez mais algumas funções profissionais da área de Biblioteconomia como, “catalogação de livros”, “empréstimos de livros” e “organização de bibliotecas” vão sendo “renegadas” ou substituídas pelos “impactos tecnológicos” e pela “informação” que no contexto atual estão sendo colocados como a “mola mestra” da atividade profissional do bibliotecário, do profissional da informação ou da Ciência da Informação.

Nas sequências discursivas 1, 2 e 5 deste subtema, percebemos o funcionamento da primeira modalidade discursiva apontada por Pêcheux (1995) como Identificação. Momento no qual o sujeito se identifica com a posição profissional que o domina como fica caracterizado nos trechos:

- I. “O mercado de trabalho do bibliotecário cresceu com o auxílio da tecnologia”;
- II. “Com o avanço das tecnologias e as mudanças de algumas configurações sociais, algumas profissões mudaram. É o caso do bibliotecário”;
- III. “Está ali embaixo, perto da História. Está lá em cima, perto da Administração. Estávamos bem mais próximos da História do que da Administração”.

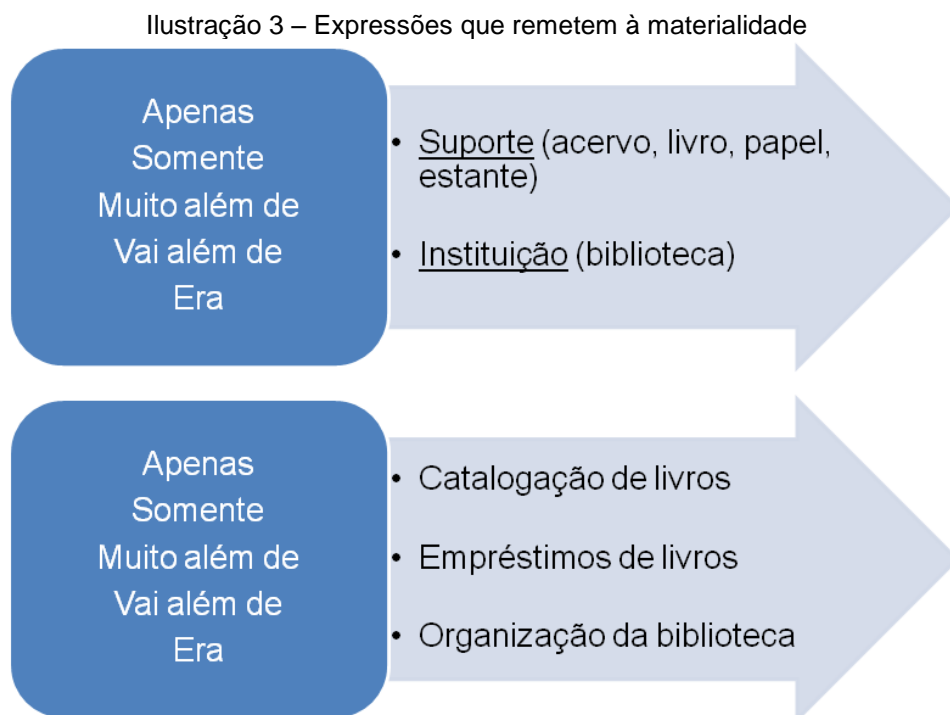
Nos dois primeiros trechos, mesmo com o acionamento de um determinismo por apontar um crescimento como sendo fruto do auxílio das tecnologias, o sujeito

se identifica com a formação discursiva de bibliotecário na delimitação do mercado de trabalho. No último trecho, notamos uma identificação com o caráter humanista da Biblioteconomia, neste caso apontada como mais próxima de áreas como a História, com cunho cultural e social.

De acordo com indicação impressionista de Freitas ([2014]), procuramos os funcionamentos discursivos referentes à utilização da expressão “mero profissional da informação”, “mero arrumador de livros”, “mero limpador de livros”, etc.

Em nossa pesquisa nos canais informais de comunicação não encontramos uma menção direta do termo “mero”, porém percebemos que seu funcionamento discursivo se faz presente através de expressões similares a essa, tais como: “apenas”, “não apenas”, “muito além”, “somente”, “também”, “vai além”, sempre utilizadas acionando a ideia de que a atividade profissional do bibliotecário não tem mais seu foco voltado “somente” para a materialidade – biblioteca, livros, catalogação e empréstimos de livros. Hoje em dia as práticas profissionais estão direcionadas para a imaterialidade – arquitetura moderna, tecnologia digital, software e sistemas.

Desse modo, essas expressões sempre aparecem antecedendo práticas e objetos profissionais considerados “obsoletos” e adicionados como atividades do “passado” e superadas no presente, conforme demonstra ilustração.



Com o intuito de verificar esse funcionamento, procuramos realizar uma busca rápida no Google Acadêmico colocando no campo de busca as palavras: “mero” “profissional da informação”. Encontramos um total de 847 resultados. Ao lermos de forma rápida o pequeno resumo dos artigos que foram recuperados e aparecem na primeira página de resultados, encontramos expressões como: “mero arrumador e catalogador de livros”, “mero receptor aos moldes antigos”, “mero organizador das estantes”, “meros técnicos”, entre outros.

Por outro lado, ao repetirmos o mesmo procedimento no campo de busca do Google foi recuperado um total de aproximadamente 67.200 resultados. Nos resumos dos artigos que estavam na primeira página de resultados encontramos expressões como: “mero repassador de materiais”, “mero arrumador de livros na estante”, “mero local”, “mero repassador de informação”, “mero técnico e catalogador”, entre outros.

Diante dos resultados da análise, se faz necessário discorrer sobre os usos e apropriações discursivas das mudanças tecnológicas nos discursos profissionais. No capítulo seguinte vamos apresentar questões que envolvem as tecnologias e o campo informacional, com uma revisão de literatura referente às discussões e debates levantados a respeito dos alertas dos usos políticos e ideológicos da informatização, assim como a re-politização do debate tecnológico na sociedade.

6 COMO A TECNOLOGIA É ACIONADA DISCURSIVAMENTE?

*“Queremos saber, o que vão fazer
Com as novas invenções
Queremos notícia mais séria
Sobre a descoberta da antimatéria
E suas implicações [...]
 Pois, se foi permitido ao homem
Tantas coisas conhecer
É melhor que todos saibam
O que pode acontecer
Queremos saber,
Queremos saber,
Todos queremos saber”.*
(**Queremos saber** – Gilberto Gil).

No decorrer da história da sociedade capitalista as transformações tecnológicas são recorrentemente anunciadas como divisores de águas para o surgimento de um “novo tempo”, marcado pela concepção futurista e pela ideia de progresso. Foi desse modo com a Revolução Industrial e os impulsos gerados com a criação da máquina a vapor, das ferrovias, da rede elétrica, entre outros. A cada invenção tecnológica a esperança em um futuro promissor é proclamada a ponto de colocar as “inovações” tecnológicas como a panaceia para sanar os problemas sociais, econômicos e políticos.

Da mesma forma como a “era industrial” foi anunciada como a base para o desenvolvimento do mundo moderno, atualmente a “era informacional” - capitaneada nas tecnologias de comunicação e informação, na Internet, nos sistemas de informação, na cibernética, na robótica, nos satélites e no computador – é colocada como a chave que abre as portas para a chegada de uma “nova era”, dessa vez informatizada, globalizada e interligada pelos dispositivos tecnológicos e informacionais.

Para a argumentação teórica deste capítulo serão explorados autores que denunciaram os riscos políticos e ideológicos dos usos efetivos e discursivos das tecnologias da informação e comunicação já em meados das décadas de 1970 e

1980 – Fadul (1986); Finlay (1986); Carey e Quirk (1973)¹¹; Roszak (1988) e Tauile (1981) – e que, de acordo com os nossos resultados, de fato, os riscos parecem haver se concretizado no contexto atual. A utilização de um referencial teórico como esse é importante para observar que as discussões em torno das tecnologias nos anos 1970 e 1980 eram assinaladas como uma questão política. Atualmente o debate foi apagado, sendo o discurso das “novas tecnologias” largamente naturalizado, despolitizado e esvaziado.

Segundo Finlay alertava já na década de 1980,

a declaração que estamos em uma sociedade da informação, produzida por uma revolução das comunicações eletrônicas, não é uma definição inocente [...] proclamando a “revolução das comunicações” e da era eletrônica [...] estão também declarando que a sociedade industrial está ultrapassada e com ela foram superados os problemas sociais e as desigualdades dessa sociedade (FINLAY, 1986, p. 36).

O determinismo tecnológico aliado à tendência futurista acaba tirando o foco do debate principal a respeito das consequências da adesão ao discurso evolucionista das ditas “novas” tecnologias da comunicação e da informação. Ao invés de analisar as falhas do industrialismo e procurar corrigi-las no presente, os ideólogos da tecnologia nos convidam a aderir às maravilhas do universo informacional anunciadas pelas propagandas sedutoras do mercado e massificadas pelos meios de comunicação como solução de problemas sociais.

James Carey e John Quirk (1996) também alertando para os usos políticos e ideológicos do “futuro” na história apontam três modos diferentes de funcionamento. São eles: o futuro como exortação, o futuro como profecia literária e o futuro como ritual de participação. Segundo os autores,

no primeiro, o futuro é visto frequentemente como motivo para uma revitalização de otimismo, uma exortação ao público para manter a “fé”, e se materializa em exposições comemorativas do progresso e feiras mundiais, na oratória das invocações, e nas declarações de objetivos nacionais e internacionais. No segundo modo, o futuro, seguindo a linha política da profecia literária, é apresentado atrativamente como a realização de uma ideologia ou um idealismo específico. O passado e o presente são reescritos para evidenciar uma importante mudança rumo ao tempo em que

¹¹ Edição original: CAREY, J. W.; QUIRK, J. J. The History of the Future. In: GERBENER, G.; MELODY, W.; GROSS, L (eds). **Communication Technology and Social Policy**. New York: John Wiley and Sons, 1973, p.485-503. (Edição brasileira de 1996).

as tecnologias e políticas específicas oferecerão uma saída para os dilemas atuais, e uma nova etapa de paz, democracia, e harmonia ecológica reinará. Finalmente, no terceiro modo, o futuro conseguiu uma nova expressão através do desenvolvimento das modernas tecnologias de processamento de informações, da tomada de decisões por computador e outros recursos cibernéticos. Neste modo, o futuro é um ritual participante de exorcismo tecnológico através do qual o ato de coletar dados e permitir a participação do público, fazendo escolhas e extrapolando as tendências dominantes, é visto como um método para resolver confusões e nos livrar da falibilidade humana (CAREY; QUIRK, 1996, p.103).

É fomentada uma verdadeira espécie de “utopização” do futuro, ou seja, a criação de um cenário futurista e esperançoso em uma ótica contínua, na qual o passado é esquecido e desistoricizado, gerando assim uma nova relação com a memória e a construção de uma sociedade do presente, incapaz de aprender com o passado.

O fascínio que a tecnologia logrou exercer na sociedade, como detectado nos discursos analisados aqui, além de invisibilizar os impactos políticos, culturais e as desigualdades sociais, acaba colocando em segundo plano seu uso como dispositivo de controle. As recentes descobertas da espionagem dos Estados Unidos ao Brasil e México, assim como as denúncias de que o *Facebook* estaria fornecendo dados de seus usuários para os serviços de inteligência americanos, revelam que os sistemas de informação, as redes informatizadas e as redes sociais na internet são também instrumentos de dominação e controle.

O filósofo francês Michel Foucault abordou em seus estudos os dispositivos de controle existentes em instituições sociais do século XVII, utilizados como forma de domesticar e controlar o comportamento dos indivíduos. No século XXI, as formas de controle estão além dos muros das instituições sociais estudadas por ele. Atualmente os dispositivos de controle estão pelas ruas, nas câmeras que registram imagens das avenidas e prédios, do interior de lojas e transportes públicos, entre outros, uma espécie de *Big Brother* da vida cotidiana utilizado como sistema de vigilância da conduta dos indivíduos.

Finlay (1986), ao abordar questões referentes ao poder e controle nos discursos sobre as tecnologias de comunicação na sociedade canadense, aponta que

desde a invenção da própria eletricidade, a tecnologia eletrônica foi utilizada dentro de uma orientação de vigilância. Em 1927, a eletricidade foi utilizada para desenvolver o detector de mentiras. Muitos pedidos governamentais para o desenho das novas tecnologias de comunicação no Canadá e na

maioria dos países desenvolvidos têm sido para a vigilância. Em Vancouver, a comunicação por computadores encontra sua primeira aplicação nas unidades móveis de polícia. O interesse dos consumidores pela comunicação computacional no domínio da vigilância de roubos e incêndios é mais elevado que em outros serviços. E, certamente, a maior porção do orçamento de pesquisa do Ministério Federal de Comunicações está destinada ao desenvolvimento de tecnologia de satélites de vigilância militar (FINLAY, 1986, p. 43).

Não podemos deixar de considerar os benefícios das tecnologias para diversos setores da sociedade. Não temos o intuito de demonizar os aparatos e as mutações tecnológicas, temos sim o interesse de não olhar para a história de maneira evolucionista, linearmente, deixando de lado os processos sociais, as contradições políticas e as condições de produção culturais e econômicas. Diante disso, não podemos encarar as tecnologias de forma ingênua, naturalizando o modo como os instrumentos tecnológicos são utilizados e apresentados na sociedade.

6.1 O DISCURSO TECNOLÓGICO: MUTAÇÕES E APAGAMENTOS

Orlandi (2012, p. 89) destaca que “todo texto é sempre uma unidade complexa” e dessa forma não existe texto ou discurso que “não esteja em relação com outros, que não forme um intrincado nó de discursividade”. Diante disso, a autora aponta que o analista deve atravessar o efeito das relações de sentido presentes no texto em busca da linearidade do discurso, de tal maneira, que venha a desenrolar o novelo e “encontrar o modo como se organizam os sentidos” (ORLANDI, 2012, p. 89).

Nos textos analisados nos canais informais na Internet, percebemos que a questão tecnológica está presente e de certo modo é acionada discursivamente como “responsável” por alterações, modificações, flexibilidade, criatividade e inovação não só para as atividades dos profissionais da informação, como também para as bibliotecas e centros de informação. Desse modo, surge uma convocação para mudanças no perfil do profissional bibliotecário para acompanhar essas transformações.

Souza (2009), ao apresentar o quadro da Biblioteconomia brasileira no final do século XX, aponta o surgimento de um novo perfil profissional para a área requisitado pelo mercado, juntamente à mercantilização do discurso profissional. Segundo o autor,

pode-se dizer que a abrangência do domínio biblioteconômico pode ser percebida quando a profissão bibliotecária é compreendida como um sistema em evolução, um cosmos em expansão, resgatando-se daí as características que estabelecem sua identidade. Nesse sentido, tudo o que o bibliotecário faz, visto como venda de serviço e que tenha relação com o domínio profissional que um usuário espera que ele demonstre, se encaixa na definição de múltiplos serviços, na medida em que seja evidente a permanência da identidade básica dos conhecimentos próprios desse profissional. Sobretudo a partir de meados dos anos 1980, fala-se que o mercado requer um novo profissional. Em outras palavras, tenta-se dizer que bibliotecários e usuários querem vender e comprar serviços diferentes dos até então convencionais ou tradicionalmente executados na sociedade (SOUZA, 2009, p. 17-18).

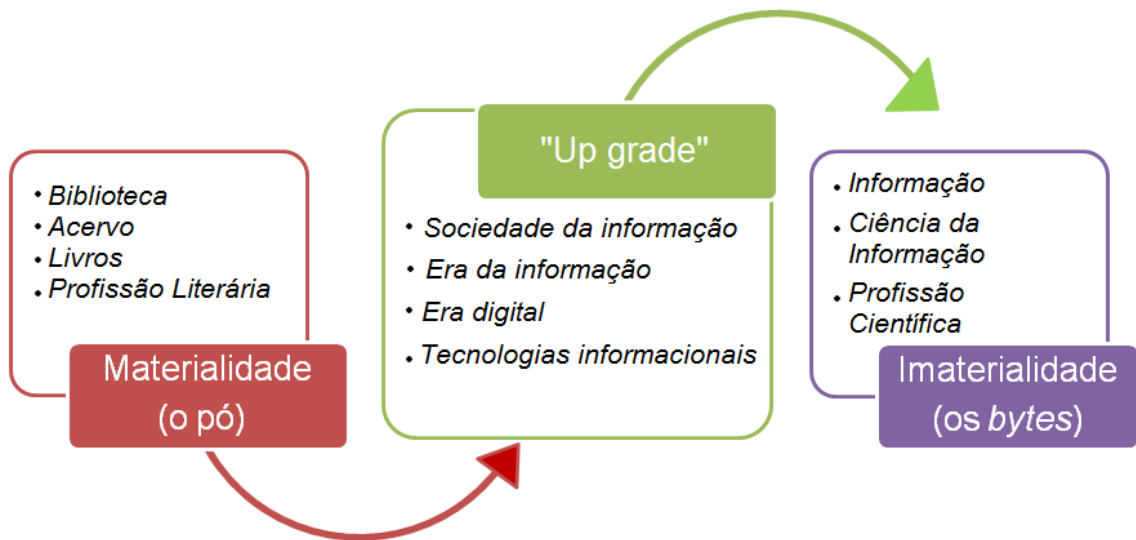
Freitas (2002, p. 2), ao se referir ao recorrente jargão das “novas tarefas dos profissionais da informação”, demonstra que a justificativa apontada na literatura é que “esta noção é a de Sociedade da Informação, que vem predominantemente nomeando o *novo tempo*, tão caro aos discursos da área a partir de meados da década de 80”.

Ainda que o discurso da Sociedade da informação hoje esteja sendo menos enunciado diretamente, como detectado em pesquisa recente (FREITAS; LIMA; ROSA; SALEK, 2012) nas representações imaginárias associadas ao conteúdo tecnológico, privatizante e individualizante é anunciado de forma incisiva nos canais informais na internet pelos profissionais do universo biblioteconômico e em grande medida sendo colocado como um caminho a ser aceito e seguido. – Isto é, produzindo efeitos discursivos de um interdiscurso disseminado.

Desse modo, de um lado temos o discurso das denominadas “novas” tecnologias da informação, da Ciência da Informação e um provável *status* positivo de profissão “científica” e “abstrata” – *sem pó* – buscando aceitação pela sociedade e pelo mercado de trabalho e, do outro lado, o discurso da tradição, da Biblioteconomia representada como profissão “literária” mais voltada para a figura do bibliotecário, dos livros e das bibliotecas – da estante e do “pó”.

Diante disso, percebemos um deslocamento da materialidade – lançada em um tempo mítico e “fantasmagórico” – para a imaterialidade – o inovador, os “bytes” – impulsionada pelo discurso das Tecnologias da Informação e Comunicação, da Era da Informação e Era Digital. Buscamos demonstrar esse deslocamento no esquema ilustrativo.

Ilustração 4 – Deslizamento da materialidade para a imaterialidade



6.2 DE INSTRUMENTO TECNOLÓGICO A INSTRUMENTO IDEOLÓGICO

Além dos usos de vigilância e controle que as tecnologias da comunicação e informação exercem na sociedade, não podemos deixar de lado questões que se colocam como “privacidade, controle social e controle dos mercados de trabalho” como alertava Tauile, igualmente, já na década de 1980,

estes mercados, por sua vez, definem hoje uma divisão internacional do trabalho onde uma descentralização e hierarquização da produção através das fronteiras desbotadas, correspondem a uma centralização da decisão, e, conseqüentemente, do poder, polarizado nos chamados países desenvolvidos (TAUILE, 1981, p. 90).

A divisão social e internacional do trabalho, aliada à transformação da ciência em capital – sendo a tecnologia como um bem de consumo, negociada como mercadoria e atendendo aos interesses do modo de produção capitalista – criou condições para que a chamada “*big science*” venha a gerir, organizar e desenvolver conhecimentos seguindo a lógica da produção capitalista.

A incorporação da ciência (transformada ela própria em capital), de maneira sistemática ao processo produtivo, é o que se pode melhor caracterizar, em termos contemporâneos, como produção de tecnologia (TAUILE, 1981, p. 97).

Michel Pêcheux, em seu texto intitulado: “*Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales, spécialement de la psychologie sociale*”, apresenta exemplos de instrumentos – dentre eles, a balança – que foram utilizados em um primeiro momento em atividades técnicas e posteriormente apropriados pelas práticas científicas para corroborar teorias preconceituosas. Pêcheux definiu essa atividade como o recrutamento de instrumentos para o combate ideológico, ou seja, “esta utilização de instrumentos é diretamente utilizada para autorizar ou, ao contrário, contestar posições ideológicas; é recrutada para intervir no combate ideológico” (HERBERT, 1966, apud, HENRY, 1997, p. 23).

Cada vez mais os recursos informacionais e tecnológicos são anunciados como os responsáveis pelo desenvolvimento humano e pela busca da consolidação de uma sociedade democrática. Desse modo, ideias como “quanto mais informatizada uma sociedade vem a ser, mais democrática ela será” são propagadas pelos teóricos futuristas, pelos países hegemônicos e detentores do aparato de produção tecnológica. No Brasil a situação não é diferente, recentemente informatizamos nosso sistema de votação, os bancos e empresas de transporte também estão aderindo à tecnologia biométrica, entre outros.

Fadul (1986) ao analisar os impactos das tecnologias da comunicação no contexto da redemocratização brasileira aponta que,

a democratização da sociedade não pode ser considerada, como alguns autores de *best-sellers* tentam nos fazer crer, a partir simplesmente de sua informatização e conseqüentemente uma maior possibilidade de acesso às informações disponíveis nos Bancos e Bases de Dados. Por outro lado, também a ideia de que o computador permite a participação política, como no caso de eleições através de redes informatizadas, não tem sentido se não se percebe toda a trama de relações sociais aí envolvidas (FADUL, 1986, p. 153).

Hoje em dia a dominação de uma nação sobre a outra não está somente na lógica militar e nas conquistas de territórios. O controle é exercido de forma mais sutil, muitas das vezes através do discurso de que os dispositivos tecnológicos são necessários para o desenvolvimento humano. Dessa forma, o computador como

alertavam os autores tratados, cada vez mais, deixa de ser ferramenta tecnológica e passa a assumir seu caráter ideológico.

Freitas (2013) ao analisar o caráter do debate da informatização no Brasil aponta que,

Nos anos 1980 no Brasil, no contexto da transição do regime autoritário para a construção democrática, uma questão se somava às muitas que se abriam para a sociedade e para a academia: que tipos, em que instâncias e profundidade de 'impactos' poderiam advir da implantação das 'novas tecnologias de comunicação e informação?'; que 'política de informática' adotar? – de acordo com o jargão do período. Se hoje nota-se a plena absorção cultural dos usos e das políticas envolvidas com a informática e a atual configuração telemática dominante, a Internet – tecnocraticamente naturalizados no bojo das políticas neoconservadoras implantadas no início dos anos 1990 –, na década anterior variados setores sociais e da academia exercitavam a crítica e a disputa de quem não se movia política e discursivamente no interior dos 'imperativos' de determinismos tecnológicos. Sob tal perspectiva, fazia sentido a análise e o debate, pois se avaliava que os efeitos da introdução e disseminação da nova base técnica, ao se espalharem potencialmente sobre praticamente todos os segmentos e níveis da vida social e envolverem uma reconfiguração produtiva profunda, constituíam questão política relevante, reforçando seus aspectos socialmente positivos, assim como controlando seus aspectos socialmente ameaçadores (FREITAS, 2013, p. 1-2).

No contexto atual, como uma espécie de roda gigante – ora está em alta, ora em baixa – o debate político acerca das tecnologias renasce ou apaga-se, seja por mais uma denúncia divulgada pela *WikiLeaks* ou então por reportagens publicadas por jornais como o *New York Times*¹² denunciando que os governantes de países como Brasil e México continuam sendo espionados por Agências de Segurança norte-americanas mesmo depois que a prática veio a público em setembro de 2013.

¹² Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/02/03/world/president-tweaks-the-rules-on-data-collection.html?emc=edit_tnt_20150203&nid=65471226&tntemail0=y&_r=0>.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o foco desta pesquisa era compreender as relações políticas, acadêmicas, profissionais e institucionais entre as áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Quando começamos a explorar o campo empírico e navegar nas páginas dos canais informais profissionais na Internet, percebemos que tais relações se concretizavam remetidas a questões sobre o que podemos chamar de profissionalidade¹³; imagem social do bibliotecário; regulamentação profissional; mercado de trabalho; terminologia profissional, entre outros.

A partir disso, o leque de pesquisa foi se afunilando para o interesse em conhecer as relações de força que constituem os discursos das representações sobre o profissional da informação nos canais informais de comunicação profissional na Internet. Utilizando os fundamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, analisamos discursos textuais publicados em *blogs*, boletins, portal e revista não-científica dedicados às áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, buscando nas sequências discursivas autônomas, evidenciar os funcionamentos discursivos, as redes de sentidos, os gestos de interpretação e a forma como os discursos se organizam nesses espaços.

No capítulo “Marco Teórico Conceitual”, no qual abordamos as conjunturas históricas e as relações dos processos de profissionalização da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, observamos que com a “inflada da bola” da informação e do aumento da disseminação do uso das tecnologias de informação e comunicação, o caráter cultural da profissão de bibliotecário – que lida com os livros – foi sendo colocado à margem para a convocação de um perfil “moderno”, “dinâmico”, “flexível” e com adesão ao discurso tecnológico e privatizante das práticas profissionais da área.

No capítulo “Marco Empírico: internet, debate e participação política”, vimos que mesmo com o uso da Internet para fomentar iniciativas democráticas e com o aumento da utilização de dispositivos móveis, o acesso à Internet e aos computadores ainda é um desafio, visto que a questão econômica é um dos entraves que dificultam esse acesso no Brasil.

¹³ O neologismo busca evitar o sentido usual do “profissionalismo”, que remete a outras questões.

As recentes mutações tecnológicas não podem ser consideradas como a panaceia que vai resolver o déficit educacional, de leitura, de acesso à informação, de acesso à Internet, de imagem social profissional e de reconhecimento profissional pela sociedade. As tecnologias da informação e da comunicação são instrumentos com potencial de serem ferramentas a contribuir para a democratização do acesso à informação, seja ele em suporte físico ou digital.

Entretanto, como pode ser observado, no capítulo “Seleção e Análise de Recortes Discursivos”, os discursos profissionais no meio informal acionam discursivamente os objetos profissionais tradicionais e culturais, jogando o passado histórico da Biblioteconomia em um tempo mítico, “fantasmagórico” e contribuindo para seu apagamento. A Biblioteconomia é apontada como uma área ultrapassada, fora de moda e não apta a dar conta das demandas atuais da sociedade. Por outro lado, a Ciência da Informação é projetada como o novo, o moderno, com foco na informação e como terminologia pretensamente mais “atraente” para o contexto atual. Vimos que a interdição da Biblioteconomia e a projeção na Ciência da Informação são atravessadas por contradições e incertezas quando o que está em xeque são os direitos garantidos por lei e a reserva de mercado profissional.

A questão da invisibilidade social do profissional é apresentada a partir de uma ótica individualista, em que os problemas da falta de reconhecimento profissional são apontados como falta de “atitude empreendedora” por parte do bibliotecário, que ainda tem uma “imagem muito ligada aos livros e as bibliotecas” – a “poeira” e ao “pó”. As soluções apresentadas para reverter esse quadro se encontram em um maior investimento no “*marketing* pessoal”, nas “tecnologias da informação e da comunicação”, em “acompanhar a inovação” e “refletir a modernidade” que a área está acolhendo – a “assepsia” e os “bytes”.

Pode-se observar através do capítulo “Como a Tecnologia é Acionada Discursivamente?” em conjunto com nossa análise, que invariavelmente o “avanço das tecnologias” é colocado como fator decisivo e responsável em impulsionar, movimentar e mudar as funções profissionais. O deslocamento da materialidade para imaterialidade é evocado como algo positivo e como uma necessidade de superação do passado. Desse modo, a Biblioteconomia está sendo anunciada como uma profissão literária – dos livros, das bibliotecas e que estagnou no tempo – e o caráter de cientificidade e de modernidade da área vai sendo depositado na Ciência

da Informação e na aproximação com campos disciplinares como Administração, Computação, Economia e Gestão.

O que, afinal, pudemos perceber através desta pesquisa são indícios de que parte dos profissionais da informação possuem uma “identificação” com o discurso tecnológico e projetam nas tecnologias da informação e comunicação um caráter salvacionista. Por outro lado, temos uma postura de “contra identificação” por parte dos bibliotecários, tanto em relação ao passado histórico da área quanto à denegação de seus objetos e instituições tradicionais, como livros e bibliotecas. Tal “contra identificação” também parece incluir seus tradicionais objetivos sócio culturais.

Do mesmo modo, os discursos analisados apontam para uma postura de “desidentificação” por parcela dos bibliotecários em relação à área de Biblioteconomia para se projetar na formação discursiva da Ciência da Informação. Assim, a mercantilização das atividades profissionais e o discurso tecnológico-informacional são colocados como a tendência a ser aceita e seguida pela área, deixando de lado – *debaixo do tapete* juntamente com a “poeira” e o “pó” – temas como biblioteca, acervo, livros, cultura, cidadania e o caráter cultural da área.

Os discursos sobre o profissional da informação nos canais informais profissionais na Internet se textualizam em redes de sentidos, gestos interpretativos e representações imaginárias voltadas para a crença na imaterialidade, na “asepsia” da informação, na necessidade de superação do passado e das atividades tradicionais da área, na abordagem individualista de *marketing* pessoal, na ideia futurista profissional e no imaginário de cientificidade da Ciência da Informação.

Esta pesquisa parece nos abrir possibilidades e horizontes futuros: através das informações levantadas e selecionadas, existe a possibilidade de pesquisar a respeito da questão da invisibilidade social da área, da representação positiva do discurso tecnológico e das redes de sentidos que vem envolvendo essas questões.

Como desejo, fica que o caráter social e cultural da profissão não seja renegado ou apagado. Também que a área não olhe para a história de forma linear, nem que despreze a análise das condições de produção de seus objetos e objetivos e muito menos que venha projetar nas tecnologias informacionais uma expectativa salvacionista para os seus problemas profissionais.

Que essa pesquisa possa ser um pequeno grão para germinar ideias e debates a respeito daquilo que visualizamos em nosso estudo, já que, como sempre, o jogo não acabou e a história segue.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R. F; TEIXEIRA, J. C. S. Biblioteconomia conectada: uma análise da biblioblogosfera brasileira. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 949-978, jul./dez., 2013. Disponível em: <www.revista.acbsc.org.br/rab/article/view/924/pdf>. Acesso em: 25 out. 2013.
- BARRETO, Aldo. Uma quase história da Ciência da Informação. **Data Grama Zero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <www.dgz.org.br/abr08/Art01.htm>. Acesso em: 25 out. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BIRDSALL, Willian F. Uma economia política da Biblioteconomia?. Tradução de Lídia Silva de Freitas e Laffayete Alvares Junior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p.86-93, jan./jun., 2005.
- BURKE, C. History of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, University of Maryland, Baltimore County, v. 41, p. 3-53, 2007.
- CALIL JUNIOR, Alberto. Bibliotecas Públicas nos ambientes virtuais: possibilidades de construção de um novo objeto? In: FÓRUM NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, 2., 2011, Maceió. **Anais do II Fórum Nacional de Bibliotecas Públicas: serviços de informação e mediação de leitura**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011.
- CAREY, James W.; QUIRK, Jonh J. A história do futuro. **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.102-123, jan./abr. 1996.
- COMITÊ GESTOR DE INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil: TIC domicílios e empresas 2013**. São Paulo: Comitê Gestor de internet do Brasil, 2014. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf>. Acesso em 04 fev. 2015.
- CORRÊA, E. C. D. A apropriação social da internet pelo bibliotecário catarinense: o retrato de uma década. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 27-37, jan./abr., 2012. Disponível em: <www.periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/183/166>. Acesso em: 19 dez. 2013.
- COURTINE, J. J. O chapéu de Clementis: observações sobre a memória e o esquecimento da enunciação do discurso político. In: INDUSKY, Freda (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.
- FADUL, Anamaria. Novas tecnologias de comunicação: o difícil caminho da redemocratização. In: _____. (Org.). **Novas tecnologias de comunicação: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos**. São Paulo: Summus, 1986. p. 149-161.

FINLAY, Marike. Poder e controle nos discursos sobre as novas tecnologias de comunicação. In: FADUL, Anamaria (Org.). **Novas tecnologias de comunicação: impactos políticos, culturais e sócio-econômicos**. São Paulo: Summus, 1986. p. 35-56.

FOSKETT, D. J. Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.) **Ciência da Informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 53-69.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FREITAS, L. S.; LIMA, M. H. T. G.; ROSA, B. J.; SALEK, L. M. C. B. Questões em rede: trajetos temático-discursivos do campo informacional brasileiro e internacional: 1968-2009. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <<http://www.eventosecongressos.com.br/metodo/enancib2012/arearestrita/pdfs/19464.pdf>>. Acesso em: 02 mar 2015.

FREITAS, Lídia S. **Na teia dos sentidos: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 2001.

_____. A memória polêmica da noção de Sociedade da Informação e sua relação com a área de informação. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/147/141>>. Acesso em 20 nov. 2014.

_____. Sentidos da história e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. **Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/morpheusonline/Numero02-2003/lidiafreitas.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. **A constituição do corpus analítico na análise do discurso**. Rio de Janeiro, 2004. 7 p. Trabalho inédito.

_____. A constituição histórica de área problema: articulações sócio políticas e informacionais sobre os chamados impactos da informatização nos anos 1980 no Brasil. In: SCIENTIARUM HISTORIA VI FILOSOFIA CIÊNCIAS E ARTES: CONEXÕES INTERDISCIPLINARES, 2013, Rio de Janeiro. **[Anais...]**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2013.

_____. **O campo informacional e a memória social: recíproca invisibilidade? – um ensaio analítico**. In: MEDLEG, Georgete; OLIVEIRA, Eliane B. **Memória: interfaces no campo da informação**. No prelo. [2014?].

GOMES, Wilson. Participação política online: questões e hipóteses de trabalho. In: MAIA, R. C. M; GOMES, W; MARQUES, F. P. J (Org.). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-45.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 13-38.

LAIGNIER, Pablo. Breve história dos computadores e do ciberespaço. In: LAIGNIER, Pablo; FORTES, Rafael (Org.). **Introdução à história da comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LÉON, Jacqueline; PÊCHEUX, Michel. Análise sintática e paráfrase discursiva. In: ORLANDI, E. P (Org.). **Análise de discurso: Michel Pêcheux**. Tradução de Cláudia Pfeifer. 3. ed. Campinas, SP, Pontes, 2012. p. 163-173.

MAIA, R. C. M. Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política. In: MAIA, R. C. M; GOMES, W; MARQUES, F. P. J (Org.). **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 47-91.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2010. p. 09-22

MARCONDES, Valéria. Novas tecnologias de conexão e o futuro da esfera pública. **Revista verso e reverso**, Rio Grande do Sul, v. 21, n. 46, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5778/5236>>. Acesso em 01 dez. 2013.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/226/201>>. Acesso em 24 out. 2013.

MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 21-34.

MURAKAMI, Thiago. **Blogroll dos blogs de biblioteconomia brasileiros**. 2010. Disponível em: < <http://bsf.org.br/2010/09/28/blogroll-dos-blogs-de-biblioteconomia-brasileiros/>>. Acesso em 02 dez. 2013.

ODDONE, Nanci. O papel da pesquisa científica na formação dos profissionais da informação e na harmonização das relações entre Biblioteconomia e Ciência da

Informação. In: CASTRO, César Augusto (Org.). **Conhecimento, pesquisa e práticas sociais em Ciência da Informação**. São Luiz: Edufma, 2007. p. 63-84. Disponível em : <<http://eprints.rclis.org/16567/1/Cap.ColetaneaCastro.pdf>>. Acesso em 22 abr. 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. **Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil**. São Paulo: Unicamp, [[2011?]]. Disponível em: <www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em 06 out. 2014.

_____. O próprio da análise de discurso. In: ORLANDI, Eni Pucinelli (Org.) **Escritos nº 3: discurso e política**. São Paulo: Unicamp;Labeurb, 1998.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero: Revista em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002048&dd1=05069>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

_____. A documentação como origem e base fértil para a fundamentação da Ciência da Informação. **BJIS**, Marília, SP, v. 3, n. 1, p.3-35, jan./jun., 2009. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/48/263>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Pucinelli (Org.) **Gestos de leitura: da história no discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010. p. 49-59.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PINHEIRO, Lena. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Inf. & Soc.**, Est., João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/51/1521>>. Acesso em: 25 out. 2013.

PINTO, C. R. J. Elementos para uma análise de discurso político. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul , n. 24, 2006. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/821/605>>. Acesso em 24 out. 2013.

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação revisitada: aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

ROSZAK, Theodore. **O culto da informação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SARAIVA, Alessandra; MARTINS, Diogo. IBGE: acesso à internet cresce e chega a 46,5% da população em 2011. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, 16 maio de 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/3126418/ibge-acesso-internet-cresce-e-chega-465-da-populacao-em-2011>>. Acesso em 10 fev. 2014.

SCHEREN-WARREN, Ilse. Fóruns e redes da sociedade civil: percepções sobre exclusão social e cidadania. **Política & Sociedade**, Santa Catarina, n.11, p. 19-40, out. 2007.

SHERA, Jesse. H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: GOMES, H. E. (Org.). **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 90-105.

SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret E. Exame do estado atual da biblioteconomia e da documentação. In: BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. p. 15-61.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SOUZA, Tânia Clemente de. **Material de apoio de aula**. Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Jonathas. L. C. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia**: perspectivas históricas e objeto de estudo. 2; ed. Recife: Ed. do Autor, 2012.

SILVA, S. P. Graus de participação democrática no uso da internet pelos governos das capitais brasileiras. **Opinião Pública**, v. 11, n. 2, p. 450-468, out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v11n2/26422.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2013.

SILVEIRA, F. J. N. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “moderno profissional da informação”. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 83-94, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1873/2275>>. Acesso em 09 de maio de 2014.

TAUILE, José Ricardo. Uma introdução à economia política da informação. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 1981, p. 89-108. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/135/439>>. Acesso em 04 fev. 2015.

ZAGO, G. S. Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características. 2008. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói, RJ, **Anais eletrônicos...** Niterói: [s. n.], 2008. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>>. Acesso em 02 dez. 2013.

APÊNDICE A – Levantamento de Grupos e *Fanpages* do Facebook

Nome	Temática	Tipo	Endereço	Membros
Amigos da Biblio pelo Brasil	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/215121735269290/	143
A.A.P.O (Associação Atlética Acadêmica Paul Otlet)	Esporte	Grupo	www.facebook.com/aapo.bibliounirio	204
Associação Brasileira pelo Progresso da BIBLIOTECONOMIA / CI	Representatividade	Grupo	www.facebook.com/groups/372349109452045/	1.821
BibAmigos 2.0	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/130148073727423/	2.099
BIBLIODÚVIDAS	Biblio, Arquivo, CI	Grupo	www.facebook.com/groups/biblioduvidas/	220
Bibliotecando	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/212134795482880/	106
Bibliotecária Mal Humorada	Humor	Página	www.facebook.com/BibliotecariaMalHumorada	6.616
Bibliotecário Alcoólatra	Humor	Página	www.facebook.com/BibliotecarioAlcoolatra	82
Bibliotecário Irônico	Humor	Página	www.facebook.com/Bibliotecarioironico	1.020
Bibliotecárias (os) do Rio de Janeiro	Biblioteconomia	Página	www.facebook.com/BibliotecariosDoRioDeJaneiro?fref=ts	576
Bibliotecários do Brasil	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/bibliotecariosdobrasil/	5.123
BIBLIOTECÁRIOS DO RJ	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/130966407044337/	310
BIBLIOTECÁRIOS E DOCUMENTALISTAS	Geral	Grupo	www.facebook.com/groups/133566966780626/	99
Bibliotecários Concurseiros	Concursos	Grupo	www.facebook.com/groups/bcquestoes/	1.032
Bibliotecários Corredores	Esporte	Grupo	www.facebook.com/groups/540726679318030/	21
Bibliotecas Digitais	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/bib.digital/	5.242
Biblioteconomia Brasil	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/305858802767569/	3.425
Biblioteconomia e CI	Biblioteconomia e CI	Grupo	www.facebook.com/groups/biblion/	255
Biblioteconomia RJ	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/204591396255261/	1.757
Biblioteconomia UFF	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/bibliouff/	775
Blog AWBB	Geral	Página	www.facebook.com/anawanessabb?hc_location=stream	73
EREBD N/NE 2013	Eventos	Grupo	www.facebook.com/groups/erebdsalvador/	2.459
EREBD SUL 2012 - Eu quero!	Eventos	Grupo	www.facebook.com/groups/322004681164160/	751

APÊNDICE A – Levantamento de Grupos e Fanpages do Facebook (Continuação)

Nome	Temática	Tipo	Endereço	Membros
ENEBD 2013 Recife	Eventos	Grupo	www.facebook.com/groups/enebd2013/	1.318
Fórum EBCIB - Entidades da Biblioteconomia e CI no Brasil	Representatividade	Grupo	www.facebook.com/groups/390478521013668/	174
Florianópolis: cadê as bibliotecas públicas?	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/Bibliotecas.em.Floripa/	698
Gestão da Informação UFPE	Gestão da informação	Grupo	www.facebook.com/groups/120573284620303/	417
Gestores da Informação	Gestão da informação	Grupo	www.facebook.com/groups/490957250999726/	232
Grupo ABRAINFO (Associação Brasileira de Profissionais da Informação).	Representatividade	Grupo	www.facebook.com/groups/126172034187521/	1.666
Grupo ABRE BIBLIOTECA	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/459450744082089/	4.621
Grupo Agitando a Unibib	Estudantes	Grupo	www.facebook.com/groups/agitandoaunibib/	772
GRUPO ARQUIVO E BIBLIO!!!!	Biblio/Arquivo	Grupo	www.facebook.com/groups/174805019268527/	207
Grupo Associação Brasileira pelo progresso da Biblioteconomia/Ciência da Informação	Representatividade	Grupo	www.facebook.com/groups/372349109452045/	1.714
Liberdade Cultural	Biblioteca Comunitária	Página	www.facebook.com/pages/Liberdade-Cultural/298400426863206	61
Nova Biblioteconomia (filosofia e política bibliotecária)	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/481855411854483/	151
PGCI-UFF 2013	Estudantes	Grupo	www.facebook.com/groups/PPGCIUFF2013/members/	17
São Gonçalo precisa de bibliotecas	Biblioteconomia	Grupo	www.facebook.com/groups/409415029104290/	83
Sindib/RJ - Sindicato dos Bibliotecários do Rio de Janeiro	Representatividade	Perfil	www.facebook.com/sindibrj	2.282
UFF- Biblioteconomia e Documentação 2012.1 / 2012.2	Estudantes	Grupo	www.facebook.com/groups/320373957990252/	178
VAGAS BIBLIOTECÁRIOS / ARQUIVISTAS	Vagas de emprego	Grupo	www.facebook.com/groups/194625674018634/	1.778

APÊNDICE B – Auto descrição de Grupos e *Fanpages* do Facebook

Nome	Descrição
Amigos da Biblio pelo Brasil	[Sem descrição].
A.A.P.O (Associação Atlética Acadêmica Paul Otlet)	Grupo de esportes dos alunos de Biblioteconomia da UNIRIO.
Associação Brasileira pelo Progresso da BIBLIOTECONOMIA / CI	Esse grupo tem a intenção de promover discussões acerca da criação ou fundação de uma Associação Nacional de Profissionais da Informação, bem como estimular debates favoráveis ao progresso da BCI, abordando tópicos e temas pertinentes ao assunto.
BibAmigos 2.0	Grupo para discutirmos temas pertinentes a área de Biblioteconomia e áreas afins. Todos os assuntos podem ser tratados desde de vagas a discussões sobre temas interessantes a agendas culturais. Relatos de experiências são bem vindos, assim como convites para eventos diversos - palestras, congressos, defesas etc.
BIBLIODÚVIDAS	Este grupo tem por finalidade esclarecer dúvidas dos alunos de Arquivologia/ Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense, que ingressaram no 2º semestre de 2010. Além de postar informações de Ciência da Informação, estágios, seminários, concursos, literatura da área e outros.
Bibliotecando	Amigos bibliotecários se encontram para trocar idéias e fazer publicações interessantes sobre assuntos referentes à profissão.
Bibliotecária Mal Humorada	Comunidade de humor que faz sátiras com a profissão bibliotecária.
Bibliotecário Alcoólatra	Porque cachorro late, o gato mia e catalogar sóbrio é ruim D+ [o nosso forte é a rima]OBS: Se for ficar fale baixo e traga sua própria cervas.
Bibliotecário Irônico	Comunidade de humor que faz críticas a profissão e também aos órgãos de representatividade.
Bibliotecárias (os) do Rio de Janeiro	Comunidade de bibliotecários do Rio de Janeiro
Bibliotecários do Brasil	Este grupo reúne todos os bibliotecários brasileiros. Tem o objetivo de ser um canal de debates, oportunidades profissionais e intercâmbio de experiências nas áreas de Biblioteconomia, Informação, Livro e Leitura, além das áreas correlatas como Documentação e Ciência da Informação.
BIBLIOTECÁRIOS DO RJ	Busco subsídios para escrever um livro que fale dos problemas diários de nossa categoria, com bom humor e descontração.

APÊNDICE B – Auto descrição de Grupos e *Fanpages* do Facebook (Continuação)

Nome	Descrição
BIBLIOTECÁRIOS E DOCUMENTALISTAS	Sem descrição.
Bibliotecários Concurseiros	Grupo criado no intuito de promover a interatividade e debate entorno de dúvidas e resoluções de questões dos concursos na área de Biblioteconomia.
Bibliotecários Corredores	Sem descrição.
Bibliotecas Digitais	Este grupo destina-se exclusivamente à divulgação de notícias e à partilha de ideias e debates sobre assuntos relacionados com bibliotecas e, em particular, com bibliotecas digitais. Todas as publicações de teor diferente serão eliminadas.
Biblioteconomia Brasil	Este grupo tem objetivo de confraternizar todos os profissionais e estudantes de Biblioteconomia, Cientistas e Gestores da Informação do Brasil
Biblioteconomia e CI	Sem descrição.
Biblioteconomia RJ	Este grupo tem objetivo de confraternizar todos os alunos de biblioteconomia do estado do Rio de Janeiro, os formandos e professores serão bem vindos ao grupo também. Outro objetivo seria de divulgar eventos, estágios, concursos e notícias para que haja maior envolvimento de todos os integrantes.
Biblioteconomia UFF	Este grupo foi criado com o objetivo de integrar TODOS os alunos e ex-alunos do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal Fluminense!
Blog AWBB	Disseminação de Informações nas áreas de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Arte & Cultura, Ciência da Informação e Tecnologia.
EREBD N/NE 2013	É com muita alegria que convidamos a todos(as) para o XVI Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação e Gestão da Informação - EREBD N/NE 2013 que acontecerá em Salvador, nos dias 14 a 20 de abril.
EREBD SUL 2012 - Eu quero!	XIV EREBD SUL – 28 de abril a 01 de maio de 2012
ENEBD 2013 Recife	Sem descrição.
Fórum EBCIB - Entidades da Biblioteconomia e CI no Brasil	Publique pontos de vista sobre como se pode fortalecer as entidades representativas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil. Vamos dar força à Área e integrar as áreas correlatas.
Florianópolis: cadê as bibliotecas públicas?	Grupo criado para afirmar a necessidade da criação e implantação em 2013 -- e realização da manutenção e investimentos permanentes -- de uma REDE MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS, pelo governo de Florianópolis.

APÊNDICE B – Auto descrição de Grupos e *Fanpages* do Facebook (Continuação)

Nome	Descrição
Gestão da Informação UFPE	Grupo destinado à alunos, professores e profissionais da Informação. Um canal de comunicação para todos os membros compartilharem conteúdo único e exclusivamente sobre temas e assuntos referentes e pertinentes a Gestão da Informação.
Gestores da Informação	“Organizar a informação será sempre necessário, por mais que a tecnologia se desenvolva, o homem estará por trás dela”
Grupo ABRAINFO (Associação Brasileira de Profissionais da Informação).	Este Grupo discute, exclusivamente, a representatividade profissional: Para que servem as associações? O sentido de uma associação forte. A participação dos profissionais e os benefícios coletivos. Perspectivas futuras.
Grupo ABRE BIBLIOTECA	Grupo criado para acompanhar as atividades do Movimento ABRE BIBLIOTECA, que está buscando das autoridades competentes, um prazo para a reabertura da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.
Grupo Agitando a Unibib	Grupo de alunos de Biblioteconomia da UNIRIO. Criado para a discussão de assuntos acadêmicos.
GRUPO ARQUIVO E BIBLIO!!!!	Sem descrição.
Grupo Associação Brasileira pelo progresso da Biblioteconomia/Ciência da Informação	Esse grupo tem a intenção de promover discussões acerca da criação ou fundação de uma Associação Nacional de Profissionais da Informação, bem como estimular debates favoráveis ao progresso da BCI, abordando tópicos e temas pertinentes ao assunto.
Liberdade Cultural	A nossa Biblioteca Comunitária na cidade de Serra Negra/SP
Nova Biblioteconomia (filosofia e política bibliotecária)	Sem descrição.
PGCI-UFF 2013	Sem descrição.
São Gonçalo precisa de bibliotecas	Grupo formado por profissionais da área de Biblioteconomia e educação em geral para discutir a necessidade de uma política que vise a criação ou melhoria de espaços de leitura no Município de São Gonçalo (RJ).
Sindib/RJ - Sindicato dos Bibliotecários do Rio de Janeiro	Sem descrição.
UFF- Biblioteconomia e Documentação 2012.1 / 2012.2	Sem descrição.
VAGAS BIBLIOTECÁRIOS / ARQUIVISTAS	Grupo destinado a divulgação de vagas na área de Biblioteconomia e Arquivologia.

APÊNDICE C – Levantamento de Blogs

Nome	Tipo	Endereço	Grau de Institucionalidade	Data de Criação	Última Postagem	Seguidores
Abrindo espaço	Blog	katyushasouza.blogspot.com.br/	Pessoal	2005	23/08/2010	35
Acessohot: bibliotecários piauienses	Blog	acessohot.blogspot.com.br	Pessoal	2010	19/06/2013	44
As coisas da Bibliô	Blog	ascoisasdabiblio.blogspot.com.br	Pessoal	2009	16/06/2013	65
Advocacy	Blog	bibmais.wordpress.com/	Pessoal	2013	02/09/2012	Não informa
AWBB	Blog	anawanessabbastos.blogspot.com.br	Pessoal	2009	26/06/2013	64
A informação	Blog	a-informacao.blogspot.com.br/	Pessoal	2005	06/10/2013	530
Babel Informacional	Blog	babelinformacional.wordpress.com/	Pessoal	2007	01/10/2013	Não informa
Balcão de Biblioteca	Blog	balcaodebiblioteca.blogspot.com/	Pessoal	2008	30/06/2013	81
Biblio Estágios UFPB	Blog	biblio-estagios-ufpb.blogspot.com.br/	Institucional	2011	23/01/2012	11
Bibweb	Blog	bibweb.blogspot.com.br/	Institucional	2013	29/10/2013	1
Biblioifrs	Blog	biblioifrs.blogspot.com.br/	Institucional	2012	15/05/2013	52
Biblioteca FEAUSP	Blog	bibliotecafea.com/	Institucional	2011	17/06/2013	Não informa
Biblioteca do Bibliotecário	Blog	bibliotecadobibliotecario.blogspot.com.br/	Pessoal	2010	02/07/2013	187
Biblioteca de Jacinto	Blog	abibliotecadejacinto.blogspot.com/	Pessoal	2006	15/05/2013	Não informa
Biblioteca Terra Livre	Blog	bibliotecaterralivre.noblogs.org/	Institucional	2004	19/07/2013	Não informa
Bibliotecaras	Blog	bibliotecaras.wordpress.com/	Pessoal	2011	10/07/2012	85
Bibliotecária Escandalosa	Blog	bibliotecariaescandalosa.blogspot.com	Pessoal	2009	30/06/2013	679
Bibliotecário Anarquista	Blog	bibliotecarioanarquista.blogspot.com/	Pessoal	2006	24/10/2010	Não informa
Bibliotecário terapeuta	Blog	bibliotecarioterapeuta.blogspot.com.br/	Pessoal	2011	24/09/2013	25
Bibliotecas em Portugal	Blog	bibliotecas-.blogspot.com/	Pessoal	2006	08/01/2012	Não informa
Bibliotecas Portuguesas	Blog	bibliotecasportuguesas.blogspot.com/	Pessoal	2007	25/07/2012	17
Bibliotecários Sem Fronteiras	Blog	bsf.org.br	Pessoal	2002	27/06/2013	8.390
Biblioconcursos	Blog	biblioconcursos.com.br/	Pessoal	2007	10/04/2013	3.276
Bibliofilmes	Blog	bibliofilmes.blogspot.com	Pessoal	2007	06/06/2013	Não informa

APÊNDICE C – Levantamento de Blogs (Continuação)

Nome	Tipo	Endereço	Grau de Institucionalidade	Data de Criação	Última Postagem	Seguidores
BiblioFotoTeca	Blog	bibliofototeca.blogspot.com	Pessoal	2008	20/06/2013	Não informa
Biblio. Nerd	Blog	bibliotecarionerd.blogspot.com.br/	Pessoal	2011	05/03/2012	15
Biblio Portal	Blog	bibliportal.blogger.com.br/	Pessoal	2004	23/05/2013	Não informa
Bibliotecando por aí...	Blog	bibliotecandoporai.blogspot.com.br/	Pessoal	2010	06/10/2013	82
Bibliotecno	Blog	bibliotecno.com.br	Pessoal	2012	08/12/2012	Não informa
Biblioteconomia	Blog	blogbiblioteconomia.blogspot.com	Pessoal	2005	16/06/2011	96
Biblioteconomia para Concursos	Blog	biblioteconomiaparaconcursos.com/	Pessoal	2006	26/11/2013	Não informa
Biblioteconomia Digital	Blog	biblioteconomiadigital.blogspot.com.br/	Pessoal	2010	?/06/2013	205
Biblioteconomia Sustentável	Blog	biblioteconomiasustentavel.blogspot.com.br	Pessoal	2011	23/08/2012	15
Bibliotequices	Blog	bibliotequices.blogspot.com/	Pessoal	2005	06/06/2012	208
Bibliovagas	Blog	bibliovagas.blogspot.com/	Pessoal	2008	16/11/2010	Não informa
Bibvirtual	Blog	bibvirtual.blogs.sapo.pt/	Pessoal	2005	22/04/2013	2
Biblio 20 (Librarianship)	Blog	biblio20.wordpress.com/	Pessoal	2008	15/03/2013	Não informa
Bitbiblio	Blog	bitbiblio.blogspot.com/	Pessoal	2007	25/05/2013	52
Blog Acadêmico	Blog	juliagsblogacademico.blogspot.com.br/	Pessoal	2008	25/03/2013	93
Blog Beth Baltar	Blog	blogbethbaltar.blogspot.com.br/	Pessoal	2011	29/06/2013	133
Blog da Biblioteca Nacional	Blog	blogdabn.wordpress.com/	Institucional	Não informa	03/07/2013	146
Blog dos Concursos Revista Biblio	Blog	biblio.info/blogdosconcursos/	Institucional	2012	22/01/2013	Não informa
Blog do CRB-6	Blog	blog.crb6.org.br/	Institucional	2012	10/10/2013	Não informa
Blog do Edson Nery da Fonseca	Blog	edsonnerydafonseca.blogspot.com/	Pessoal	2009	23/03/2013	Não informa
Blog do Galeno	Blog	blogdogaleno.com.br	Pessoal	Não informa	08/04/2013	Não informa
Blog do Kuramoto	Blog	kuramoto.wordpress.com/	Pessoal	Não informa	21/06/2013	848

APÊNDICE C – Levantamento de Blogs (Continuação)

Nome	Tipo	Endereço	Grau de Institucionalidade	Data de Criação	Última Postagem	Seguidores
Blog da Monitoria Científica FABCI - FESP SP	Blog	monitoriafabci.blogspot.com.br	Institucional	2010	14/06/2013	Não informa
Blog da Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias (RBBC)	Blog	rbbconexoes.blogspot.com.br/	Institucional	2010	03/04/2013	34
Blog da Redação Revista Biblio	Blog	biblio.info/blogdaredacao/	Institucional	2012	20/06/2013	Não informa
Blog do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)	Blog	snbp.bn.br/blog/	Institucional	Não informa	30/06/2013	Não informa
Caçadores de Bibliotecas	Blog	cazadoresdebiblioteca.blogspot.com.br/	Pessoal	2010	30/06/2013	280
Cata blogue: Cata Livros	Blog	blogue-catalivros.blogspot.pt/	Pessoal	2012	27/06/2013	29
2000 caracteres	Blog	2000caracteres.wordpress.com/	Pessoal	2008	27/06/2013	Não informa
Cibertecário 0.2	Blog	cibertecario02.blogspot.com/	Pessoal	2008	10/04/2010	Não informa
Coisa de Bibliotecário	Blog	coisadebibliotecario.com.br	Pessoal	2010	01/02/2013	Não informa
Compartilhando livros e leitura	Blog	compartilhandolivroseleituras.blogspot.com.br	Pessoal	2012	22/08/2013	30
De olho na CI	Blog	deolhonaci.com	Institucional	2009	09/10/2013	Não informa
Divulga Biblio	Blog	divulgabiblio.blogspot.com.br	Pessoal	Não informa	03/07/2013	36
Educação Bibliotecária	Blog	francisco-chagas-souza.blogspot.com/	Pessoal	2013	03/03/2013	Não informa
Entre Estantes	Blog	entrestantes.blogspot.com/	Pessoal	2006	08/04/2013	51656
Essa tal Biblioteconomia	Blog	biblio.dihitt.com/	Pessoal	Não informa	Não informa	15
Frente Parlamentar em Defesa da Biblioteca Pública	Blog	frenteemdefesabibliotecapublica.wordpress.com	Institucional	2012	13/06/2013	Não informa
Gestão de Informação	Blog	gestaoinformacao.blogspot.com/	Pessoal	2007	17/05/2013	39
InfoBCI	Blog	infobci.wordpress.com/	Pessoal	2009	06/08/2013	Não informa
Infohome	Portal	ofaj.com.br	Pessoal	2001	03/07/2013	955820
Infogagia	Blog	infogagia.wordpress.com/	Pessoal	2007	15/09/2011	Não informa
In Forma Actionis	Blog	informactionis.wordpress.com/	Pessoal	2012	23/10/2013	Não informa

APÊNDICE C – Levantamento de Blogs (Continuação)

Nome	Tipo	Endereço	Grau de Institucionalidade	Data de Criação	Última Postagem	Seguidores
Informação na net	Blog	infonanetgabi.blogspot.com.br/	Pessoal	2010	31/10/2012	Não informa
Librarian	Blog	andremonteirovieira.blogspot.com/	Pessoal	2007	18/05/2012	6
Livrada na testa	Blog	livradanatesta.blogspot.com.br	Institucional	2009	15/11/2009	Não informa
Mauricio Amormino Jr.	Blog	mauricio.amormino.com.br/2013/11/04/vergonha-bibliotecaria/	Pessoal	2013	05/11/2013	Não informa
Moreno Barros	Blog	morenobarros.com	Pessoal	2012	?/?/2013	Não informa
Mundo bibliotecário	Blog	mundobibliotecario.wordpress.com/	Pessoal	2008	27/08/2013	779
Na biblioteca ao sul	Blog	a-bibliotecasul.blogspot.com/	Pessoal	2007	15/04/2011	3449
O ser bibliotecário	Blog	oserbibliotecario.blogspot.com.br/	Pessoal	2007	29/01/2011	Não informa
Paloma Altran	Blog	paloma-altran.blogspot.com.br/	Pessoal	2012	27/09/2013	110
Pesquisa Mundi	Blog	pesquisamundi.org	Pessoal	2008	10/10/2013	161
Projeto Biblio o quê?	Blog	projetobiblioque.blogspot.com.br/	Institucional	2010	02/06/2013	Não informa
Rato de Biblioteca	Blog	ratodebiblioteca.blogspot.com/	Pessoal	2004	15/03/2013	178
Revista Biblio: Cultura Informacional	Revista	biblio.info	Institucional	2011	19/06/2013	1077
Roosevelt Lins	Blog	roosevelt.com/	Pessoal	2007	10/05/2013	Não informa
Tecnologia e Informação 2.0	Blog	curadoriainformacional.blogspot.com.br/	Pessoal	2012	13/10/2013	Não informa
Viva biblioteca viva	Blog	vivabibliotecaviva.blogspot.com/	Pessoal	2006	18/06/2013	103

APÊNDICE D – Blogs e Auto Descrição

Nome	Descrição
Abrindo espaço	Gestão do conhecimento, da informação, usabilidade, arquitetura da informação, ciência da informação, biblioteconomia, mídia... Este é o espaço da informação.
Acessohot: bibliotecários piauienses	Criado com objetivo de conscientização da população brasileira sobre o importante papel do bibliotecário no envolvimento com a informação. Neste espaço priorizamos a Biblioteconomia, informando os assuntos relevantes da Ciência da Informação, tecnologias e dos conteúdos que fazem parte do cotidiano bibliotecário em qualquer parte do mundo.
As coisas da Bibliô	Blog criado por um grupo de jovens bibliotecários.
Advocacy	A criação do blog Biblioteca é muito + surgiu do interesse em promover ações de apoio às Bibliotecas Públicas de Osasco, assim como divulgar as atividades promovidas por estas instituições e sua importância para comunidade local.
AWBB	Blog criado por Ana Wanessa Bastos, Bibliotecária e Especialista em Teoria da Comunicação e da Imagem ambos pela Universidade Federal do Ceará(UFC).
A informação	Blogue sobre a Informação! Desde a definição, pesquisa, recuperação, armazenamento, gestão, acesso, divulgação, preservação e uso da informação. Em qualquer suporte ou sistema de informação! Colabore neste espaço de partilha (e) de informação!
Babel Informacional	Babel Informacional é um blog elaborado pela bibliotecária Marielle Barros de Moraes (CRB-3/1064) para discutir a Biblioteconomia, a Ciência da Informação, a Arquivologia, a Museologia e áreas afins. Inclui artigos de sua autoria, além de outros artigos que estão relacionados à sua área de atuação. Outro objetivo é sempre fazer um resumo dos eventos do qual a bibliotecária participa. Ou seja, é um blog também de atualização. Embora um pouco parado (durante um ano por conta de ter se voltado à sua preparação para o ingresso no doutorado), agora retomaremos as publicações no blog.
Balcão de Biblioteca	O Balcão de Biblioteca é um blogue que permite conhecer bibliotecas e outros locais interligados ao mundo literário. Apresenta notícias, eventos e iniciativas, no âmbito da escrita e da leitura. e Biblioteca é um blogue que permite conhecer bibliotecas e outros locais interligados ao mundo literário. Apresenta notícias, eventos e iniciativas, no âmbito da escrita e da leitura.
Biblio Estágios UFPB	A Coordenação de estágios do curso de Biblioteconomia da UFPB, tem como objetivo principal propiciar a prática dos conhecimentos teóricos adquiridos durante o curso, através do estágio, promovendo dessa forma, um entrosamento do aluno com a instituição e iniciação ao trabalho científico. Por meio deste blog, estaremos informando acerca das oportunidades de estágios disponíveis.
Bibweb	A Equipe BibWeb é formada por: Kizzi Helena Patrícia dos Santos Rogério Lima Todos do 5º período de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da UFRJ
Biblioifrs	Blog do Instituto Federal do Rio Grande do Sul

APÊNDICE D – Blogs e Auto Descrição (Continuação)

Nome	Descrição
Biblioteca FEAUSP	Aproveitando a onda de transformação corrente na Biblioteca da FEAUSP resolvemos modernizar nossos canais de comunicação. Este Blog pretende divulgar informações, produtos e serviços da Biblioteca de forma mais dinâmica. Abordaremos assuntos diversos, de interesse acadêmico, envolvendo as áreas de economia, administração, contabilidade e ciências afins.
Biblioteca do Bibliotecário	Blog do Murilo Bastos Cunha que inclui notícias, resenhas e comentários relacionados à Biblioteconomia e Ciência da Informação.
Biblioteca de Jacinto	Blog criado por Maria Clara Assunção.
Biblioteca Terra Livre	Blog criado pelo coletivo Anarquista Terra Livre.
Bibliotecaras	Sem descrição
Bibliotecária Escandalosa	Blog criado pela bibliotecária Soraya Carvalho. Alega que criou o blog porque seus amigos gostavam de ler a sua agenda.
Bibliotecário Anarquista	Blog sobre bibliotecas com o rating mais baixo da modyy's
Bibliotecário terapeuta	Blog criado pela mestrandia em CI da UNB, Mariana Giubertti. Este blog foi criado com o intuito de discorrer e refletir sobre a biblioterapia na formação bibliotecária. Sendo um tema muito interessante, criei este espaço para compartilhar ideias, conhecimentos, curiosidades e novidades sobre o assunto.
Bibliotecas em Portugal	Blog criado por Fernando Villarino e José Pedro Silva
Bibliotecas Portuguesas	Pretende ser um espaço de notícias, novidades, trocas de ideias, partilhas, experiências e refletir sobre o futuro das bibliotecas
Bibliotecários Sem Fronteiras	O Bibliotecários Sem Fronteiras é um blog formado por estudantes e profissionais para divulgar, compartilhar, conversar e debater assuntos relacionados a biblioteconomia e bibliotecas.
Biblioconcursos	O Biblio Concursos foi criado em Julho de 2007 com o objetivo principal de divulgar e compartilhar informações sobre os concursos públicos na área de Biblioteconomia realizados em todo Brasil, tendo em vista que o serviço público é um dos principais empregadores de bibliotecários e onde se encontram as melhores remunerações para nossa área de atuação
Bibliofilmes	Um conjunto de iniciativas para a Comunidade da Língua Portuguesa usando um novo conceito de promoção do livro, da biblioteca e da leitura através das novas tecnologias e do cinema.
BiblioFotoTeca	Um Blog exposição com fotografias sobre o Mundo dos Livros e Bibliotecas! + Convite para todos os amantes de livros enviarem as fotografias das suas bibliotecas pessoais!
Biblio. Nerd	O BiblioNerd é um projeto de Jean Carlos Ferreira dos Santos, aluno do curso de graduação em Ciências da Informação e Documentação da Universidade de São Paulo. O objetivo deste blog é compartilhar conteúdos referentes ao universo das Ciências da Informação e áreas afins.

APÊNDICE D – Blogs e Auto Descrição (Continuação)

Nome	Descrição
Biblio Portal	Blog sobre Biblioteconomia, Ciência da Informação e áreas afins
Bibliotecando por aí...	Blog criado pelo Técnico em Biblioteconomia do IFCT/RS, Mário Sérgio Leandro
Bibliotecno	Blog criado pelo bibliotecário Alex da Silveira
Biblioteconomia	A Biblioteconomia é a área do conhecimento que consiste em organizar, processar e recuperar diferentes tipos de documentos (livros, periódicos, slides, fotografias, mapas, partituras, discos ópticos, etc.)
Biblioteconomia para Concursos	O Blog Biblioteconomia para concursos nasceu em agosto de 2006 com o intuito de promover a aprendizagem em biblioteconomia.
Biblioteconomia Digital	Blog criado pelo bibliotecário Jorge Cativo
Biblioteconomia Sustentável	Este blog é voltado para estudantes de biblioteconomia, bibliotecários e profissionais da informação. E tem como finalidade dar dicas sobre o papel do bibliotecário na construção de uma sociedade mais consciente com relação ao meio ambiente, informação e formação de bibliotecas comunitárias sustentáveis.
Bibliotequices	Soltas sobre bibliotecas, ciências documentais e da informação... e coisas do gênero
Bibliovagas	O Bibliovagas acomoda profissionais da informação sejam eles: bibliotecários, arquivistas, museólogos, cientistas da informação, ou qualquer outra área do conhecimento que tenha por filosofia e disposição a propagação da informação. Este blog partiu da necessidade em publicar opiniões, dicas e perfil do profissional da informação.
Bibvirtual	Blog criado por Antônio.
Biblio 20 (Librarianship)	Blog criado com a intenção de debater, propor e acompanhar as mudanças dentro do campo de atuação do bibliotecário.
Bitbiblio	Este blog destina-se à comunidade de usuários formada por profissionais da informação, estudantes, bibliotecários, cientistas da informação, analistas de sistemas que queiram discutir aspectos de tecnologia e informação voltada para a ciência da informação
Blog Acadêmico	Sou professora da ECI/UFMG e meu objetivo para este Blog é criar um canal de comunicação alternativo com meus alunos e amigos reais e virtuais.
Blog Beth Baltar	Aqui você encontrará informações atualizadas sobre as áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Literatura Popular.
Blog da Biblioteca Nacional	Blog da Fundação Biblioteca Nacional
Blog dos Concursos Revista Biblio	O Blog dos Concursos é um blog da revista Biblio voltado cursos preparatórios, estudo e treinamento para os concursos públicos em Biblioteconomia.
Blog do CRB-6	Bibliotecários, sejam bem-vindos ao blog do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região (CRB-6) criado para discutir e analisar assuntos de Biblioteconomia, da Ciência da Informação e de áreas afins.

APÊNDICE D – Blogs e Auto Descrição (Continuação)

Nome	Descrição
Blog do Edson Nery da Fonseca	Blog criado por alunos do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar, com a intenção de ressaltar a importância do "biblioteconomista" Edson Nery da Fonseca.
Blog do Galeno	Blog criado por Galeno Amorim com enfoque voltado para políticas de leitura no Brasil
Blog do Kuramoto	Esse blog se dedica, principalmente, às questões relacionadas ao acesso livre à informação científica e temas afins cobertos pela Ciência da Informação. Mas, o blog oferece também uma página para a divulgação de cursos e eventos na área de Ciência da Informação e outras áreas afins como a Tecnologia da Informação e da Comunicação.
Blog da Monitoria Científica FABCI - FESP SP	Este é o blog oficial da Monitoria Científica FaBCI-FESPSP
Blog da Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias (RBBC)	Espaço de discussão sobre as bibliotecas comunitárias no Brasil
Blog da Redação Revista Biblio	Blog da redação da Revista Biblio voltado para o que de mais importante acontece na cultura informacional.
Blog do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)	Blog do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas.
Caçadores de Bibliotecas	Blog dedicado a publicar dados sobre biblioteconomia, bibliotecas e espaços culturais (museus, teatros, arquivos), bem como iniciativas de incentivo à leitura e outros. Tem por objetivo a difusão e compartilhamento de saberes sobre lugares e ações que podem nos instigar a viver grandes descobertas. (Blog de Soraia Magalhães)
Cata blogue: Cata Livros	Blog da ONG Cata Livros
2000 caracteres	Em regra, é um blog de resenhas de leituras em 2000 caracteres. Em exceção, pode falar sobre mídias, biblioteconomia e outros contextos.
Cibertecário 0.2	Aqui se escreve sobre bibliotecas, informação e tecnologias, com especial enfoque no acesso livre à literatura científica (Open Access), os repositórios institucionais, as bibliotecas universitárias e as digitais.
Coisa de Bibliotecário	O blog Coisa de Bibliotecário foi criado em maio de 2010 por Juliana Fontes dos S. Souza. O objetivo do blog é compartilhar com os profissionais de Biblioteconomia diversos assuntos relacionados a nossa área.
Compartilhando livros e leitura	Blog criado pela bibliotecária Silvia Fortes.
De olho na CI	Para se aproximar do público-alvo e dos acontecimentos profissionais na Ciência da Informação e áreas correlatas, a PBCIB criou o blog De olho na CI. O projeto acontece no âmbito do Laboratório de Tecnologias Intelectuais - LTI da UFPB, e recebe apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC e PIVIC) do CNPq na UFPB

APÊNDICE D – Blogs e Auto Descrição (Continuação)

Nome	Descrição
Entre Estantes	Blog criado pelo bibliotecário Bruno Duarte Eiras.
Essa tal Biblioteconomia	Blog com dicas de estágios e empregos de biblioteconomia no Rio de Janeiro
Frente Parlamentar em Defesa da Biblioteca Pública	Blog da Frente Parlamentar em defesa da Biblioteca Pública, tendo a gente o deputado Federal José Stédile (PSB/RS).
Gestão de Informação	Espaço de divulgação sobre a área "Gestão de Informação"
InfoBCI	InfoBCI é espaço de comunicação entre estudantes, profissionais e pesquisadores ligados a Ciência da Informação. Neste espaço são divulgadas as novas publicações nacionais relativas aos periódicos científicos e eletrônicos ligados a Biblioteconomia e Ciência da Informação, com o objetivo de ser analisado e comentado pelo público a fim de servir, a partir da inteligência e criatividade coletiva, não somente como banco de informação crítica e arquivo das publicações, mas também como uma fonte de idéias para novos trabalhos e pesquisas.
Infohome	Portal organizado pelo professor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
Infogagia	Blog sobre Biblioteconomia e afins.
In Forma Actionis	Reflexões e avulsividades sobre CI
Informação na net	Blog criado pela aluna de Biblioteconomia da UFRGS, Gabriela Giacumuzzi
Librarian	Blog sobre bibliotecas e informações profissionais
Livrada na testa	É um blog dos funcionários da Fundação Biblioteca Nacional. Aqui você encontra novidades sobre a BN, seus servidores, pesquisas e muito mais. Todos os funcionários e usuários da BN podem colaborar com este espaço.
Mauricio Amormino Jr.	Blog do bibliotecário Mauricio Amormino.
Moreno Barros	Blog idealizado pelo bibliotecário Moreno Barros
Mundo bibliotecário	O blog Mundo Bibliotecário apresenta informações relacionadas à Biblioteconomia e Ciência da Informação: eventos, concursos e notícias em geral.
Na biblioteca ao sul	Blog criado por Emilia Lucia Pacheco.
O ser bibliotecário	O Ser Bibliotecário têm por objetivo publicar informações que possam amparar, contribuir, agregar, somar e ajudar os bibliotecários e profissionais afins, disponibilizando textos jornalísticos, literários, acadêmicos e opiniões sobre nossa profissão e áreas correlatas.

APÊNDICE D – Blogs e Auto Descrição (Continuação)

Nome	Descrição
Paloma Altran	Este blog nasceu da paixão que tenho em organizar eventos na área da Ciência da Informação. O intuito do meu trabalho é poder proporcionar acesso, intercâmbio de informações, reflexão e formação de opiniões sobre assuntos pertinentes à nossa área profissional, assim como promover um ambiente profícuo para a troca de conhecimento/experiências entre os profissionais da informação.
Pesquisa Mundi	Espaço para discussão/divulgação de Bases de dados/Informações, Bibliotecas Digitais/Virtuais, Arquivos de Acesso Livre etc
Projeto Biblio o quê?	Este projeto foi uma iniciativa tomada em conjunto entre, acadêmicos e a coordenação do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.
Rato de Biblioteca	Escreve sobre bibliotecas... reflexões dicas debates notícias histórias + reflexões... os serviços web e as bibliotecas :: o leitor e o utilizador :: o bibliotecário e o webmaster :: as tic e os técnicos de biblioteca :: a interoperabilidade e usabilidade e os sigb :: a gestão da informação e as ciências documentais :: a formação e os profissionais bad :: a biblioteca 2.0 e os blogs :: o e-learning e a literacia de informação :: o open access e a informação científica ::
Revista Biblio: Cultura Informacional	A Revista Biblio é uma publicação eletrônica da <i>Biblio Publicações</i> com sede no Rio de Janeiro. Pautada por uma visão humanista, a biblio tem como missão “possibilitar a troca de experiências e o compartilhamento de informações e conhecimentos gerados para além do espaço da academia entre os diversos sujeitos sociais, especialmente aqueles que estão de alguma forma envolvidos com aspectos disto que temos chamado Cultura Informacional: literatura, teatro, cinema, música, novas tecnologias, ações sociais, enfim, manifestações sócio-político-culturais em geral, em especial aquelas que estejam ligadas à prática da leitura e às bibliotecas enquanto espaço de resistência.
Roosevelt Lins	Este blog é basicamente destinado à Tecnologia da Informação e suas implicações na Biblioteconomia e Ciência da Informação, criando uma intersecção entre a pesquisa e desenvolvimento em Ciência da Computação e Cultura Digital Livre. Apresentam-se ainda conteúdos sobre tecnologias abertas, filosofia colaborativa, cultura digital, aspectos sociais da Internet e experiências subjetivas.
Tecnologia e Informação 2.0	Espaço criado por Renate Landshoff para registrar seus pensamentos, experiências e provocar reflexões sobre o universo da gestão de dados, informação, conhecimento e tecnologias sociais 2.0. Ela é graduada em CI pela FESPSP.
Viva biblioteca viva	Blog idealizado por Luísa Alvim

APÊNDICE E – Sequências Discursivas Autônomas (SDA)

A linha do tempo

“O cientista da informação é mais tradicionalmente conhecido como (bibliotecário), e é uma profissão bem antiga. Estima-se que tenha iniciado nos primórdios com as práticas estabelecidas pelos monges copistas. Em seu caráter de evolução e disciplina no estudo da informação, prima em fomentar a disponibilização ao conhecimento, e desenvolver técnicas e serviço para que ela, a informação, possa estar ao alcance de todos seja de que maneira em suporte e suplemento de informação (impresso, digital, sonoro, literário etc).” **(Publicado por bibliotecária e doutoranda em Ciência da Informação no blog *Babel Informacional* em 2011)**

“A biblioteconomia nasceu na Ordem do Livro, quando o mais importante processamento da informação desenvolvido pela sociedade se situava no livro e na biblioteca. Daí vinha o prestígio do bibliotecário. Ele era um "guardião" e processava 99% da informação processada na sociedade. Hoje se trabalha com processamento da informação em todos os rincões da sociedade e as bibliotecas trabalham com uma ínfima parte da informação processada por ela. [...]E o bibliotecário que era um especialista em processamento da informação e que poderia ocupar um papel importante ocupando novos espaços vai ficando para trás, vai ficando à margem. Isto porque não consegue entender que mesmo quando tenta abordar a internet, por exemplo, faz isto a partir de uma tecnologia específica da biblioteca (incapaz de tratar de sistemas complexos)” **(Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no blog *Abrindo Espaço* em 2005).**

“Com o passar dos anos, refletindo transformações econômicas e conjunturais, a formação do profissional bibliotecário, antes centrada em técnicas de organização de acervos, passou a abranger temas de cunho mais gerencial e, posteriormente, tecnológico, como recuperação da informação em bases de dados, seleção de softwares para bibliotecas, gestão da informação, gestão do conhecimento, inteligência competitiva e empresarial” **(Publicado por bibliotecária no blog *Bibliotecários Sem Fronteiras*, em 2014).**

“Precisamos fortalecer a Biblioteconomia do século XXI! Ela acompanha o tempo e isso deve ser aceito e estudado!” **(Comentário realizado por bibliotecário em resposta ao texto, “As novas funções dos bibliotecários na era digital”, publicado no blog *Bibliotecários Sem Fronteiras* em 2014).**

APÊNDICE E – Sequências Discursivas Autônomas (SDA) (Continuação)

A linha do tempo
<p>“Durante sua trajetória profissional, a Biblioteconomia foi construindo/agregando valores e técnicas que vão desde as práticas de organização e tratamento, passando por dinâmicas de acervo, uso de fontes, serviços e gestão, assim como atividades envolvendo tecnologias de informação” (Publicado por bibliotecário e professor universitário na Revista Biblio em 2013).</p>
<p>“Em um breve passeio pela história da biblioteconomia nota-se que sua gênese pauta-se na organização e preservação do acervo. O bibliotecário grego Calímaco iniciou a organização da famosa biblioteca de Alexandria com o objetivo de organizar e preservar. Atualmente, o bibliotecário atua como mediador entre a informação e o usuário, deixou de ser apenas o guardião do conhecimento, abstém-se de centrar-se apenas no acervo (algo material), para centrar-se também na informação tornando possível seu acesso, independente do espaço geográfico no qual seus usuários estão inseridos” (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).</p>
<p>“Com o avanço das tecnologias e as mudanças de algumas configurações sociais, algumas profissões mudaram. É o caso do bibliotecário. O papel desse profissional hoje vai além dos empréstimos de livros e organização da biblioteca. O bibliotecário trabalha e lida principalmente com um produto de interesse de muitos: a informação” (Publicado por bibliotecários no blog Acessohot: bibliotecários piauienses em 2011).</p>
<p>“No século 21, a informação é um dos fatores de maior importância para o fortalecimento das relações entre os seres humanos, perpassando todas as atividades pessoais, intelectuais e comerciais. Dominar os instrumentos de acesso e recuperação da informação é condição necessária para o progresso em qualquer área do conhecimento” (Publicado por bibliotecários no blog Acessohot: bibliotecários piauienses em 2010).</p>
<p>“Estamos prestes a entregar os nossos trabalhos de conclusão de curso e não temos a certeza se a Unir nos dará o diploma como bacharéis em biblioteconomia” (Publicado pelo bibliotecário e professor da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília no blog Biblioteca do Bibliotecário em 2013).</p>

APÊNDICE E – Sequências Discursivas Autônomas (SDA) (Continuação)**A linha do tempo**

“Num passado bem próximo, constavam apenas livros, revistas e periódicos físicos na maioria das bibliotecas, depois surgiram às novas mídias digitais (fitas, CDs etc.), apareceu a internet, as redes sociais e os arquivos em nuvens”. **(Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).**

“Antigamente eram considerados guardiões e organizadores de obras, hoje tem como maior missão disseminar a informação a todos que dela necessitarem e, ainda, de forma organizada e pontual, pois a cada segundo, a geração e o consumo dos conteúdos, notícias e obras em geral, está cada vez mais, saindo de uma constante e ficando em ritmo acelerado”. **(Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).**

APÊNDICE F – Sequências Discursivas Autônomas (SDA)

Crise identitária: da tradição ao *status* da Ciência da Informação

“Os estudantes do curso de ciências da informação da Universidade Federal de Rondônia (Unir), em Porto Velho, reivindicam a troca da nomenclatura do curso para biblioteconomia. Alguns universitários alegam que poderão perder as vagas garantidas em concursos públicos se a nomenclatura não for modificada. A Diretoria de Apoio às Políticas Acadêmicas da Unir afirma que já foi solicitado o pedido da troca, mas esperam a aprovação do Ministério da Educação (MEC)” **(Publicado por bibliotecário e professor da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília no *blog Biblioteca do Bibliotecário* em 2013).**

“Hoje, nesta lista, veio uma discussão relacionada ao domínio de profissões liberais. Não há uma para Biblioteconomia, ou melhor, para bibliotecários (apesar desta profissão estar listada na CBO). E como sempre, o que é muito comum na área, alguns profissionais se revoltam. (Creio que a culpa disso começa na própria classe que, a meu ver, é desunida) Inicia-se assim uma longa discussão sobre o nome da área, do curso, enfim. Biblioteconomia ou Ciência da Informação? O termo Biblioteconomia não abarca tudo que o profissional desta área faz hoje. Certo? Eu concordo. Mas creio que a discussão terminológica mais atrasa nossa área do que faz avançar” **(Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no *blog Abrindo Espaço* em 2005).**

“Infelizmente, o disseminador de informação é conhecido popularmente como um limpador de livros e espanador de pó. É importante que esse estereótipo sobre o cientista da informação (bibliotecário) seja quebrado [...] Abordando mais sobre as atribuições do cientista da informação (bibliotecário), que é um administrador de dados, que processa e dissemina informação, cataloga, guarda e classifica informações” **(Publicado por bibliotecária e doutoranda em Ciência da Informação no *blog Babel Informacional* em 2011).**

“Poderíamos parafrasear o bibliotecário como um profissional a procura de um rótulo. Esse grave problema identitário já foi discutido em diversos textos que propõem fórmulas e receitas para que, em um passe de mágica, a solução, a despeito de qualquer processo, viesse à tona” **(Publicado por bibliotecário no portal *Infohome* em 2009).**

APÊNDICE F – Sequências Discursivas Autônomas (SDA) (Continuação)

Crise identitária: da tradição ao <i>status</i> da Ciência da Informação
<p>“Nós, profissionais da informação, temos uma longa jornada pela frente. A discussão na área sobre a mudança de nome do curso de Biblioteconomia para Ciência da Informação é apenas o começo” (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no blog <i>Abrindo espaço</i> em 2005).</p>
<p>“Vejo até hoje muitos graduandos utilizando o termo ‘cientistas da informação’ para se definirem, mas talvez as únicas pessoas que tenham ‘alvará’ para se denominar assim sejam os mestrandos e doutorandos em CI. No Brasil, não há uma graduação em Ciência da Informação propriamente dita, mas em Biblioteconomia apenas. Há apenas uma graduação em Gestão da Informação na UFPR e ela não forma bibliotecários, nem cientistas da informação. Então: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa!” (Publicado por bibliotecária no blog <i>Bibliotecário sem fronteiras</i> em 2014).</p>
<p>“Acredito seriamente que o lugar dos bibliotecários não é somente na biblioteca, aliás esses são os lugares onde menos se precisa deles atualmente. Também acredito que ficar discutindo terminologias não mudará sua imagem, muito menos sua formação” (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no blog <i>Abrindo espaço</i> em 2007).</p>
<p>“Há tempos se discute no meio bibliotecário, a mudança de nome da profissão afinal, infelizmente por pura falta de informação, alguns relacionam a atividade bibliotecária apenas às atividades desenvolvidas dentro de uma biblioteca, quando na verdade o bibliotecário pode atuar em qualquer área que necessite de pesquisa, organização e/ou disseminação da informação” (Publicado por bibliotecária no boletim da <i>Vértice Books</i> em 2014).</p>
<p>“Analisar o fluxo de informação, fluxo de navegação de websites, trabalhar com a hierarquia de informação do conteúdo do website. É o bibliotecário virtual! É ele quem vai auxiliar o usuário a encontrar o que procura! É, o termo bibliotecário hoje não condiz muito à realidade. Digo isso porque a formação do bibliotecário hoje não está voltada somente para livros” (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no blog <i>Abrindo Espaço</i> em 2005).</p>
<p>“Considera-se, aqui, a Biblioteconomia como um ramo específico da Ciência da Informação, com interfaces com o Direito Administrativo, a Economia e a Gestão” (Publicado por bibliotecários no blog <i>Acessohot: bibliotecários piauienses</i> em 2010).</p>

APÊNDICE G – Sequências Discursivas Autônomas (SDA)

(In)visibilidade profissional
<p>“A falta de empreendedorismo é o que faz com que a nossa profissão tenha pouca visibilidade. Somente quando cada profissional investir no seu marketing pessoal para conquistar mercado esta imagem será modificada” (Publicado por bibliotecário na Revista Biblio em 11/03/2013).</p>
<p>“A maior procura e utilização da informação, esta provado, não colocou as bibliotecas e os centros de informação automaticamente na ponta de lança de prioridades da sociedade. Quando muito as utilizações destes espaços se diluem em interesses multifacetados, que mais problematizam do que reforçam seu papel como instituição” (Publicado por bibliotecário no portal Infohome em 2009).</p>
<p>“Com o peso do tradicionalismo nas costas destes profissionais, as novas tecnologias parecem não abarcar essa área, o que vem prejudicando a imagem dos novos profissionais que entram no mercado pensando justamente em fazer a união entre estes dois: tradição e tecnologia” (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no blog Abrindo espaço em 2005).</p>
<p>“Quando digo que sou formada em biblioteconomia, as pessoas que não tem muito contato com bibliotecas fazem várias perguntas. A que todo mundo conhece e que todos os estudantes da área já estão cansados de ouvir é o famoso “<i>biblioquê?</i>”. A segunda pergunta é “mas quem se forma nisso faz o quê mesmo?”. A terceira “Ah! Mas então você é <i>biblioteconomista!</i>”, quase, na trave. E os que sabem um pouco mais perguntam “você é bibliotecária onde?” (Publicado por bibliotecária no blog Bibliotecário sem fronteiras em 2014).</p>
<p>“Se forem bons observadores já devem ter reparado que atualmente muitos bibliotecários já procuram o seu próprio estilo e distanciam-se do estereótipo (o ar sisudo e clássico faz parte do passado). Há uma preocupação em acompanhar a inovação, em refletir as alterações (a nível arquitetônico, tecnológico e outras) que as bibliotecas estão acolhendo. O bibliotecário tenta refletir a modernidade e desta forma aproximar-se mais dos leitores” (Publicado por bibliotecária no blog Balcão de biblioteca em 2008).</p>
<p>“A imagem do bibliotecário ainda esta muito ligada ao Livro e a Biblioteca” (Publicado por bibliotecário no blog Portal do Bibliotecário em 2014).</p>
<p>“Se a empresa não possui muitos livros, ou necessidade de uma biblioteca formal nunca irá colocar um anuncio para o Bibliotecário” (Publicado por bibliotecário no blog Portal do Bibliotecário em 2014).</p>

APÊNDICE G – Sequências Discursivas Autônomas (SDA) (Continuação)

(In)visibilidade profissional
<p>“As empresas não contratam ou procuram o Bibliotecário, pois não conhecem o profissional e o que ele pode fazer” (Publicado por bibliotecário no blog Portal do Bibliotecário em 2014).</p>
<p>”Diariamente convivemos com estereótipos ainda difíceis de superar, esses obstáculos somente poderão ser superados através da prestação de serviços que atendam satisfatoriamente as necessidades dos usuários, somente dessa forma seremos reconhecidos como profissionais capazes de atuar na mediação da informação” (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).</p>
<p>“As bibliotecas de todo o país estão tentando reinventar-se e provar que a revolução digital não significa o fim da era de amantes de livros” (Publicado por bibliotecário no blog Mundo Bibliotecário em 2014)</p>
<p>“Já que não tem mais a função de guardar e carregar os livros físicos, os bibliotecários têm como principal tarefa orientar aos leitores a aprender a gerenciar os materiais digitais” (Reportagem do G1 republicada na Revista Biblio em 2014).</p>

APÊNDICE H – Sequências Discursivas Autônomas (SDA)

Atuação profissional: do objeto livro ao produto informação
<p>“O mercado de trabalho do bibliotecário cresceu com o auxílio da tecnologia e as funções do profissional vão muito além de empréstimos e catalogação de livros” (Publicado por bibliotecários no <i>blog Acessohot: bibliotecários piauienses em 2011</i>).</p>
<p>“Com o avanço das tecnologias e as mudanças de algumas configurações sociais, algumas profissões mudaram. É o caso do bibliotecário. O papel desse profissional hoje vai além dos empréstimos de livros e organização da biblioteca. O bibliotecário trabalha e lida principalmente com um produto de interesse de muitos: a informação” (Publicado por bibliotecários no <i>blog Acessohot: bibliotecários piauienses em 2011</i>).</p>
<p>“O espaço físico da biblioteca ainda é a principal área de atuação para quem deseja iniciar o curso de biblioteconomia, mas com o avanço das tecnologias da informação, o mercado se expandiu. O bibliotecário funciona como agente mediador entre a informação e quem a busca, de modo que o conhecimento chegue de forma rápida e completa para leitores, estudantes e profissionais” (Publicado por bibliotecários no <i>blog Acessohot: bibliotecários piauienses em 2011</i>).</p>
<p>“Tendo em conta o universo bibliotecário, verificamos que estamos diante de grande movimentação, devido: ao impacto das tecnologias, ao crescimento das bibliotecas digitais, à implementação de projetos e etc. O profissional necessita de demonstrar flexibilidade, preocupação com a atualização dos seus conhecimentos, respostas rápidas face aos desafios lançados e criatividade/ inovação” (Publicado por bibliotecária no <i>blog Balcão de biblioteca em 2008</i>).</p>
<p>“No momento atual da economia onde muitas empresas estão demitindo é preciso investir no Marketing pessoal para conseguir trabalho ou se manter no seu emprego” (Publicado por bibliotecário no <i>blog portal do bibliotecário em 2014</i>).</p>
<p>“O Bibliotecário deve aprender a se divulgar como solução de gerenciamento da informação, independente do seu suporte, só assim conseguiremos abrir mercado” (Publicado por bibliotecário no <i>blog portal do bibliotecário em 2014</i>).</p>
<p>Serão as novas tecnologias digitais nossa salvação? (Publicado por bibliotecário na <i>Revista Biblio em 2013</i>).</p>

APÊNDICE H – Sequências Discursivas Autônomas (SDA) (Continuação)

Atuação profissional: do objeto livro ao produto informação
“As tecnologias da informação e da comunicação são frutos da chamada Terceira Revolução Industrial, cujos desenvolvimentos tecnológicos estão cada vez mais entrelaçados com o fazer bibliotecário” (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).
“O despertar da responsabilidade social na atividade bibliotecária, ocorre quando surge a chamada Sociedade da Informação que necessita cada dia mais de uma infraestrutura moderna de comunicação para transformar a informação em conhecimento” (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).
“A sociedade da informação traz mudanças para todos os setores da sociedade, os profissionais de todas as áreas necessitam de atualização e capacitação para incorporar positivamente a sua rotina essas mudanças” (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).
“O advento da tecnologia da informação ultrapassou as paredes da biblioteca exigindo do bibliotecário o desenvolvimento de estratégias para manter-se no mercado de trabalho” (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).
“O perfil ideal almejado pela Sociedade da Informação depende da forma como cada profissional atua no mercado de trabalho” (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).
“O grande diferencial do profissional da informação na sociedade contemporânea é o desenvolvimento de habilidades e ações junto ao ambiente em que está inserido” (Publicado por bibliotecária no blog Acessohot: bibliotecários piauienses em 2014).
“É, o termo bibliotecário hoje não condiz muito à realidade. Digo isso porque a formação do bibliotecário hoje não está voltada somente para livros” (Publicado por bibliotecária e mestre em Ciência da Informação no blog Abrindo espaço em 2005).

APÊNDICE H – Sequências Discursivas Autônomas (SDA) (Continuação)

Atuação profissional: do objeto livro ao produto informação
<p>“Depositar nossa esperança nas “novas tecnologias” talvez seja uma ilusão do discurso evolucionista pregado pela “modernidade” e pelos modismos ou então uma tentativa de apagamento das questões que estão esquecidas ultimamente na nossa área e principalmente nos currículos das universidades de Biblioteconomia: biblioteca pública, leitura, cidadania, acesso, etc” (Publicado por bibliotecário na Revista Biblio em 2013).</p>
<p>“Ser bibliotecário, como em todas as profissões atuais, tem angariado avanços e aperfeiçoamentos, criando a necessidade de constante atualização, não só no tocante à biblioteconomia, como no que concerne às novas tecnologias no mercado global”. (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).</p>
<p>“O profissional agora conversa virtualmente, disponibiliza documentos em formato eletrônico e gera a possibilidade dos mesmos serem acessados simultaneamente por inúmeros usuários, em qualquer lugar do mundo”. (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).</p>
<p>“As bibliotecas, assim como todas as áreas do conhecimento, evoluíram rapidamente com os avanços e inovações tecnológicas. As pesquisas agora começam pelo meio digital, com a utilização da internet, seja em microcomputadores de mesa, notebooks, tablets, smatphones, celulares ou qualquer outra invenção, como relógios e óculos e, somente depois disso, depois de encontradas as fontes e até as bibliografias, o leitor segue à procura dos meios impressos, como livros, revistas, jornais etc. É a forma rápida, prática e, se bem pesquisada, confiável, de angariar informações diversas para o estudo, projetos, trabalhos, entre outros”. (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).</p>
<p>“Sua biblioteca foi desenvolvida para prestar serviços de qualidade, tendo por produto a informação e, como público, seus usuários”. (Publicado por bibliotecária no boletim da Vértice Books em 2014).</p>

APÊNDICE H – Sequências Discursivas Autônomas (SDA) (Continuação)**Atuação profissional: do objeto livro ao produto informação**

“Onde está Biblioteconomia? Estava eu na livraria Cultura do centro do Rio de Janeiro procurando livros da área de Biblioteconomia perto da área de História, onde se encontravam desde a inauguração da loja. Fui, voltei e não consegui localizá-los...Quando desisti, perguntei ao funcionário da loja sobre a localização dos livros de Biblioteconomia, que disse: “Está ali embaixo, perto da História.” Indo lá conferir, não achamos Biblioteconomia. Daí, ele perguntou ao colega que disse estar lá em cima, perto da Administração. Será esse um reflexo das mudanças em nosso cenário profissional e no imaginário social ou apenas não havia espaço nas estantes perto da História? Fundamentalmente, estávamos bem mais próximos da História do que da Administração”...
(Publicado por bibliotecária no blog *Bibliotecários Sem Fronteiras* em 2014).